

cadernos da
FEI

Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros

Nº 11 – janeiro/2009



cadernos da
FEI

CADERNOS DA FEI

Publicação da Fundação Educacional Inaciana
Pe. Sabóia de Medeiros, mantenedora do
Centro Universitário da FEI e dos institutos
a ele associados: IPEI, IECAT e Escola
Técnica São Francisco de Bórgia.



Presidente

Pe. Theodoro Paulo Severino Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Ayrton Novazzi
Flavio Vieira de Souza

Arte final, diagramação e fotolitos

Cleonice Molina Matos
Lilian Toshiko Leffer
Silvana Vieira Mendes Arruda

Fotos

Jesus Perlop
Marcio Costa
Bruno Gomes

*Editado no Centro Universitário da FEI,
entidade filiada à*



*Associação Brasileira
das Universidades Comunitárias*

Endereço para correspondência

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
CEP 09850-901 – Bairro Assunção – S.B.Campo – SP
E-mail: iresi_sbc@fei.edu.br

CONTEÚDO

Voz do Presidente

Acolhida ao Revmo. Provincial Pe. Carlos Palácio, S.J.....	05
Natividade de Nossa Senhora	06
35ª Congregação Geral	07
Saber escolher é essencial	10
João Batista, o precursor do salvador da humanidade	12
Davi, o homem escolhido por Deus para governar Israel	14
O dia-a-dia de cada um de nós e o sentido da vida	16

Religião

O papel singular da Companhia de Jesus na promoção e defesa da doutrina católica	21
Princípios da Doutrina Social Cristã	25

Comportamento Humano

Autoconhecimento e desenvolvimento pessoal: contribuição da logoterapia	26
---	----

Pedagogia Inaciana

Saberes indispensáveis à educação e tradição jesuítica: como uma âncora	29
---	----

Desafios Modernos

A família humana é também a família de Deus	40
Família: contradições e desafios	42

Prêmios e Projetos bem-sucedidos

Pesquisa, inovação e paixão no futebol de robôs	44
APO, Aparato de Proteção ao Ovo	46
Aluno da FEI recebe prêmio mundial da ING Renault F1	47
Baja SAE: Brasil é tricampeão mundial	47
O programa Jovem e a integração entre o ensino médio e o superior	48
Projeto Vulcano	50
Pultrufei	51
Bateria Virtual	51
Síntese de filme biodegradável a partir de fécula de mandioca	52
Texpo - comparação entre processo de tingimento por impregnação tradicional e por espuma em tecidos de algodão: intensidade da cor, solidez ao atrito e custo	53
A simulação como ferramenta de apoio às decisões na cadeia de suprimentos	54
A cooptação dos indivíduos nas organizações e a ruptura	55
Fórmula FEI-Jovem, uma iniciativa de sucesso	56

APRESENTAÇÃO

A produção de uma revista como esta, centrada nos valores humanos através da divulgação de temas de inspiração cristã e interesse acadêmico, é um desafio e, ao mesmo tempo, uma grande satisfação para nós. Todavia, a presente edição nos enche de tristeza, porque nosso principal colaborador e incentivador, o Prof. Flávio Vieira de Souza, partiu para a eternidade. Criativo, entusiasta e conhecido por sua competência, ele nos deixou, mas permanece vivo na sua espiritualidade, no seu exemplo, fibra e determinação. Assim, sobressai neste número uma homenagem póstuma ao saudoso professor.

Seguindo a trilha dos anteriores, este número dos Cadernos da FEI registra os mais recentes pronunciamentos do Presidente da FEI, Pe. Theodoro Peters, S.J., vinculados às atividades acadêmicas de nosso Centro Universitário, juntamente com as homilias das celebrações eucarísticas alusivas ao início/encerramento dos semestres letivos e à visita do Provincial, Pe. Carlos Palácio, S.J., ao campus SBC.

Em um desses pronunciamentos, o Presidente da FEI referiu-se à Congregação Geral 35, ocorrida em Roma entre janeiro e março de 2008, para eleger o novo Geral dos Jesuítas, o Pe. Adolfo Nicolás. O foco de suas considerações foi a renovação dos rumos das missões apostólicas da Ordem. Aliás, a esse respeito, os Cadernos publicam o discurso do Papa Bento XVI aos participantes da CG 35.

Como todos conhecem, a pedagogia inaciana é o aporte maior para a educação da Companhia de Jesus. Em “Saberes indispensáveis à educação e tradição jesuítica: como uma âncora lançada para o futuro”, o autor, Pe. Pedro Rubens de Oliveira, S.J., Reitor da Unicap, faz um estudo comparativo, efetua uma releitura de “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, de Edgar Morin, à luz da pedagogia inaciana. Ele propõe uma nova sistematização, reorganizando esses “sete saberes” da obra de Morin em três campos de conhecimento e, dentro dessa tríplice perspectiva, explicita a visão jesuítica de educação sobre cada um dos saberes necessários propostos pela UNESCO, como ponto de partida para se repensar a educação neste século.

Em nossos dias, a família como instituição e berço da vida apresenta sinais evidentes de fragilidade que se manifestam de várias maneiras, gerando graves problemas para pais e filhos: alcoolismo, angústia, depressão, solidão, suicídio. Sobre o assunto, os Cadernos trazem dois artigos traduzidos e condensados: “Família: contradição e desafios” e “A família humana é também a família de Deus”.

Desenvolvimento pessoal é tema sempre bem-vindo e no presente número o leitor tem à disposição: “Autoconhecimento e desenvolvimento pessoal: contribuição da logoterapia”, escrito por Paulo Kroeff, doutor em Psicologia e professor da UFRS. Criado por Frankl, famoso psiquiatra vienense, esse importante sistema psicológico considera a busca de sentido na vida da pessoa como a principal força motivadora no ser humano.

Outro assunto aqui tratado diz respeito aos “Princípios da doutrina social cristã”. De cunho filosófico-social, apresenta uma síntese do pensamento social católico.

Por fim, o leitor poderá acompanhar o cotidiano do Centro Universitário da FEI – projetos bem-sucedidos, trabalhos de formatura mais bem avaliados pelas bancas examinadoras, competições, prêmios – e perceber sua vitalidade.

Boa leitura!

ACOLHIDA AO REVMO. PROVINCIAL PE. CARLOS PALÁCIO, S.J.



Com imensa esperança, acolho os senhores e senhoras que configuram conosco o Centro Universitário da FEI para recebermos institucionalmente o Superior Provincial dos Jesuítas, Pe. Carlos Palácio Larrauri, S.J., que inicia a sua terceira visita à nossa Instituição.

É função do Provincial visitar as obras e comunidades, conhecer as pessoas e as atividades desenvolvidas e o que está sendo gerado para o futuro, em vistas de concretizar a Missão Institucional, agregando colaboradores que conhecem o que se deseja realizar e concordem na participação com sua própria originalidade e modo de ser.

O Pe. Carlos Palácio já conhece bem o nosso Centro Universitário para sentir-se membro de nossa Comunidade Acadêmica e, com sua vida toda dedicada à Graduação e pós-graduação de Teologia na FAJE, está bastante inteirado das exigências legais e critérios de qualidade vigentes no País.

Pe. Carlos Palácio, é uma honra estar, com o Reitor, recebendo-o em nosso Centro Universitário. Sinta-se em sua cátedra como professor, pesquisador e provincial.

Visita ilustre

A terceira visita do Provincial da Companhia de Jesus, Pe. Carlos Palácio, S.J., ao Centro Universitário da FEI, ocorrida no dia 08 de setembro de 2008, teve excelente repercussão em nosso meio acadêmico.

Agradecendo a manifestação de boas-vindas do Pe. Peters, o Provincial, dirigindo-se à comunidade feiana, inicialmente, renovou seu apreço para com nosso Centro Universitário, ressaltando sua qualidade acadêmica e permanente preocupação com o aprimoramento do ensino e pesquisa, sem esquecer dos valores cristãos que dão consistência à vida humana.

Em seguida, como um dos participantes da Congregação Geral 35, fez algumas reflexões sobre o alcance e significado desse importante acontecimento.

Sobre sua visita, as palavras de Pe. Peters são bem eloquentes: *“Recebemos a visita do Pe. Provincial, foram-lhes apresentados o estado atual e as novas perspectivas de trabalho pela Reitoria. Os membros de nossa comunidade acadêmica ouviram sobre a Congregação Geral, seus decretos diretivos para a Missão da Companhia de Jesus em todas as suas Instituições e as perspectivas que se abrem com o Plano Apostólico da Província.”*

“Foi possível ir às nuvens em nosso idealismo e, ao mesmo tempo, com ânimo e coragem, sentir-se atraído para a concretização em nosso dia a dia institucional. Após o brunch, houve um diálogo proveitoso em torno da Missão com a Reitoria e Equipe Diretiva dos Departamentos e Setores, para trocar em miúdos o que compete a cada um na colaboração solicitada e na indução proposta.”

VOZ DO PRESIDENTE

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.**
Presidente da FEI

*Pronunciamento por
ocasião da visita do
Provincial ao Centro
Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
08 de setembro de 2008.*

VOZ DO PRESIDENTE

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*Homilia da Celebração da
Eucaristia por ocasião da
visita do Revmo. Provincial,
Pe. Carlos Palácio, ao Centro
Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
08 de setembro de 2008.*



Hoje a Igreja celebra a Natividade de Nossa Senhora, o que nos permite uma bela conclusão de nossa jornada acadêmica, jesuítica, inaciana, católica, nesta Capela dedicada a Santo Inácio de Loyola, Fundador da Companhia de Jesus com seus primeiros companheiros.

A Festa do nascimento de Maria nos leva a ir ao encontro das intenções divinas, descobrindo seus planos, percebendo a tecitura coerente e bem traçada de seus gestos, palavras e acenos. Inácio já imaginava a Santíssima Trindade voltada para o orbe terrestre, contemplando a Humanidade prisioneira do pecado e assediada pelo tentador.

Para Inácio, a Humanidade vivia sem rumo, sem orientação para chegar a Deus, por isso se perdia. A decisão divina foi de enviar o Filho para salvar a Humanidade tornando-se o Caminho de todos os desorientados. Para isso, escolhe a mãe de seu Filho, ornando-a de todas as virtudes para que possa aceder ao desejo e ao convite de Deus para participar, tornando possível a Encarnação do Filho, acolhendo-o em seu seio pela ação do Espírito Santo. A futura mãe foi preservada do Pecado original, para que livre de toda culpa por designio divino, pudesse, com toda liberdade, responder afirmativamente a Deus, sem nunca ter ficado sob a influência do autor do pecado.

A maternidade de Maria comemora o nascimento

da Imaculada, desejando que o mesmo aumente em nós a Paz divina.

A liturgia da Palavra propôs a profecia de Miquéias anuncianto que "Deus mesmo será a nossa paz"! A paz prometida é para sempre e é intocável. Ninguém pode tirar Deus de nossa vida e o que Ele nos traz: sua graça, sua paz, sua vida. No Evangelho de Mateus é mencionada "Maria da qual nasceu Jesus, o Messias". "Maria ficou grávida pela ação do Espírito Santo". E o anjo revela a José em sonho: "Jesus vai salvar o povo de seus pecados." Seu nome: "Emanuel significa que Deus está conosco".

Na festa do aniversário, da natividade, a Igreja nos apóia com textos importantes e plenos de significado. A Paz, anunciada por Deus, virá a todos nós pelo próprio Deus, sem intermediário. As pessoas são envolvidas na participação livre e plena no Plano divino. Maria será a mãe, José será o mediador da entrada do Filho na Família Humana. Ambos são confrontados pelo Mistério de Deus, que se vai expressando e solicitando participação inteligente e ativa. Destas generosas respostas, procede a possibilidade de Deus realizar em nós o que deseja: salvar-nos de nossos pecados, oferecer-nos a sua Paz, permanecer sempre conosco, "habitando entre nós".

No final do Evangelho de Mateus Jesus declara abertamente, partindo para os céus de onde viera: "eis que estarei convosco para sempre, o Emanuel, Deus conosco", como o anjo revelara a José preliminarmente.

Os tempos passam, a História continua, com a participação lúcida de cada pessoa. Que hoje possamos também, como outrora, nos primórdios, responder, dando nossa adesão às graças e sugestões divinas para que a Sociedade se transforme com nossa mediação, inteligência e testemunho. Que a mãe de Jesus, que o Filho de Maria, que o Protetor da Sagrada Família e o Fundador Inácio de Loyola nos apóiem com suas preces, incentivos e torcida. Assim seja. □

35^a CONGREGAÇÃO GERAL: FOCO NO ATENDIMENTO AOS APELOS DO PAPA NA MISSÃO DOS JESUÍTAS HOJE



Encontro do novo Pe. Geral com o Papa, após a eleição.

Novamente, nossa comunidade universitária se reúne com muita esperança para iniciar o segundo semestre deste ano de 2008. Chegamos de todas as proveniências nas quais o tempo de férias ou de trabalho nos espalhou. Chegamos renovados para, revendo nossos referenciais, nos lançarmos com paixão e razão em nossos empreendimentos e funções assumidas neste centro universitário, a serviço da formação da juventude que nos é confiada.

A abertura do semestre passado deu-se em plena realização da 35^a Congregação Geral da Companhia de Jesus, reunida em Roma, após a convocação do Pe. Geral. A Congregação Geral é o órgão máximo de decisão da Companhia de Jesus. Segundo Santo Inácio, só deverá ser convocada para tratar de assuntos de grande importância para a própria Ordem e para a da Igreja. Esta foi a 35^a desde a Fundação da Companhia de Jesus. Sua tarefa principal era analisar a renúncia do Pe. Geral, Peter-Hans Kolvenbach, apresentada por razões de saúde e de longo serviço à Ordem. Analisada cuidadosamente, a renúncia foi aceita e após o discernimento sobre a situação da Ordem, foi eleito o novo Geral, Pe. Adolfo Nicolás.

O novo Superior Geral é espanhol de origem e missionário no Extremo Oriente, Japão e Filipinas. Homem culto, aberto aos problemas da cultura contemporânea, conhecedor de vários idiomas e hábil diplomata. Após sua eleição, apresentou-se ao Papa, colocando-se a si e a Ordem à disposição das Missões que a Igreja necessitar, conforme a tradição fundacional. Previamente, o Papa havia escrito uma carta ao Superior Geral, Pe. Kolvenbach, expondo seus sentimentos e desejos para que a Congregação Geral procedesse segundo o espírito desejado pelo fundador Inácio de Loyola e, no decorrer da mesma, recebeu em audiência a Congregação Geral e o novo Superior Geral no Vaticano. Nesta ocasião, o Papa dirigiu-se aos padres congregados, ao Pe. Geral, e a toda a Companhia de Jesus, demonstrando a sua confiança e a da Igreja na

VOZ DO PRESIDENTE

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.**
Presidente da FEI

*Pronunciamento feito na
abertura da Semana da
Qualidade
(2º semestre letivo).
São Bernardo do Campo,
04 de agosto de 2008.*

identidade, vida, missão e serviço da Companhia de Jesus a toda a humanidade. A atitude paternal do Papa, expressando profundo conhecimento da Companhia de Jesus, de sua espiritualidade e missão, encantou profundamente a todos os membros da Companhia de Jesus, causando grande impacto e exigindo uma resposta institucional generosa e com muita fidelidade ao próprio carisma fundacional e ao vínculo que sempre uniu a Companhia de Jesus e o Santo Padre.

A Congregação Geral encerrou seus trabalhos em março deste ano e aprovou seis decretos, respondendo aos desafios do mundo de hoje aos trabalhos apostólicos da Ordem. Os três primeiros desejam atender aos apelos do Papa e ajudar a Ordem a responder, em todas as latitudes onde se encontra, às necessidades da humanidade e da Igreja.

O Decreto 1: Com um fervor e uma energia renovados a Companhia de Jesus responde ao convite do Papa Bento XVI

O Decreto começa citando a experiência espiritual que o inspirou: “A 35ª CG fez a experiência da profunda afeição do Santo Padre em duas ocasiões: com a carta de 10 de fevereiro de 2008 e por ocasião da audiência de 21 de fevereiro de 2008. À imagem de Inácio e de seus primeiros companheiros, estávamos lá – os 225 delegados sob a liderança de nosso Pe. Geral Adolfo Nicolás – como Congregação Geral, para sermos acolhidos pelo Vigário de Cristo e escutar com um coração aberto, o que ele nos diria sobre nossa missão. Foi um momento denso e uma experiência espiritual comovente.” (§ 1).

“Tornou-se evidente que a Companhia não poderia deixar passar este momento histórico sem dar uma resposta que estivesse à altura do carisma eclesial de Santo Inácio.” (§ 8).

“O sucessor de Pedro nos disse a confiança que ele coloca em nós: por nossa parte, nós desejamos sinceramente responder ao seu apelo, como corpo

apostólico, com a mesma intensidade e a mesma afeição que ele nos demonstrou, e afirmar de maneira resoluta o que há de específico em nossa disponibilidade ao Vigário de Cristo na terra.” (§ 8).

“Com palavras fortes, o Papa nos colocou definitivamente diante do futuro de nossa missão. Esta missão foi expressa com uma total claridade e uma grande firmeza: uma defesa e anuncio da fé que nos façam descobrir novos horizontes e atingir novas fronteiras sociais, culturais e religiosas, que como fronteiras – assim mencionava o Pe. Adolfo Nicolás em seu discurso ao Santo Padre – podem ser lugares de conflito e de tensão colocando em perigo nossa reputação, nossa tranqüilidade e nossa segurança.” (§ 6).

“Enviando-nos em regiões físicas ou espirituais aonde outros não chegam ou têm dificuldade de chegar, o Papa nos confia a tarefa de sermos pontos de compreensão e de diálogo, segundo a melhor tradição da Companhia, na diversidade de apostolados.” (§ 6).

O Decreto 2: “Um fogo que acende outros fogos”

O decreto percorre a história e o itinerário de Inácio e de seus companheiros. Mostra como a experiência deles continua nos inspirando e pode ainda inspirar a muitos outros. “Esta missão de tentar *sentir e saborear* a presença e a ação de Deus em todas as pessoas e circunstâncias do mundo, coloca os jesuítas no centro de uma tensão, que nos impulsiona, ao mesmo tempo, para Deus e para o mundo. Surge assim, para os jesuítas em missão, uma série de polaridades tipicamente inacianas, que conjugam o nosso estar sempre enraizados firmemente em Deus e, ao mesmo tempo imersos no coração do mundo. Ser e fazer, contemplação e ação, oração e viver profeticamente, estar totalmente unidos a Cristo e completamente inseridos no mundo e com Ele como um corpo apostólico. Todas essas polaridades marcam profundamente a vida do jesuíta e expressam, ao mesmo tempo, sua essência e possibilidades”.(§§ 8 e 9).

O Decreto 3: “Desafios para a nossa Missão Hoje”

A Congregação Geral tratou da Identidade, Vida e Missão de Serviço da Companhia de Jesus.

A Companhia de Jesus, presente em vários países, trabalha com delegação de autoridade e de missão, constituindo Superiores Provinciais. A FEI está ligada à Companhia de Jesus e à Província do Brasil Centro-Leste. A Província do Brasil Centro-Leste trabalhou durante dois anos e meio o seu Plano Apostólico que, apresentado na 9ª Assembléia Provincial, em Itaici, no dia 28 de julho p.p., é agora entregue para ser implementado em cada Instituição da Província.

O plano envolve princípios, prioridades, objetivos e metas. Em breve, estarei apresentando-o à diretoria da Fundação e à reitoria para estudo e aprofundamento para que possa atingir sua finalidade, sendo apropriado por todos e agregando valor a todas as nossas atividades. Certamente, todos vamos acolher como uma oportunidade, e mesmo graça de Deus, para uma melhor ação e uma maior articulação institucional entre a Companhia de Jesus e os leigos que constroem a FEI e suas Mantidas: o centro universitário, seus institutos e a Escola Técnica São Francisco de Borgia.

Reiteradamente, visitamos a certeza fundacional de nossas escolas: a ousadia de transformar a sociedade através dos jovens formados na ciência e na convivência, na teoria e na experiência inovadora, nos problemas suscitados e nas respostas originais, únicas, pessoais.

Jovens abertos ao futuro e bem situados no presente conjuntural, capazes de tomar decisões, levando em conta todas as consequências e colateralidades, plenamente humanos e atentos ao trascendente, divino, espiritual. Pessoas de cultura e de serviço, disponíveis e decididas.

Como podemos perceber, a nossa competência inicia-se no acolhimento dos estudantes selecionados com aptidão para cursar o ensino universitário, prosseguindo-se na interação para que superem os

obstáculos e possam avançar como autores da própria formação humana, pessoal, profissional e espiritual. Tomar parte ativa como formador e formando cria o ambiente próprio da vida universitária que desejamos propiciar e fomentar.

A universidade sempre se caracterizou pela massa crítica de seus docentes, ao redor dos quais circulavam os estudantes em busca do aprendizado, do estímulo ao raciocínio, à criatividade, à busca de soluções inovadoras, até então nem pensadas. Trabalhar com pessoas nos aperfeiçoa, colocando-nos em um patamar novo de possibilidades e potencialidades.

É mestre quem conduz com maestria o caminhar em busca de novos conhecimentos, de mundos até então desconhecidos. Acompanhar os processos pessoais, os êxitos e os fracassos, aproxima as pessoas para que possam ser companheiras de itinerário. Numa escalada, todas as colaborações são imprescindíveis. É necessário atentar para o que os outros não percebem, de modo a evitar acidentes ou tragédias.

No ensino, analogamente, caminhamos lado a lado, sustentamos labores e suores, articulamos os esforços múltiplos para convergirem para um projeto em elaboração. O sucesso do projeto é sucesso de toda a equipe de participantes. Superar o dia a dia é meta para todo o centro universitário.

Hoje, queremos ouvir uma nova maneira de expressar-se. Conosco, está partilhando saberes o reitor da Unicap, para nos estimular na reflexão sobre o nosso modo de ensinar, de focar os trabalhos em sala de aula e laboratório^(*). Como a missão da Companhia de Jesus se concretiza através da docência? Como a relação professor, pesquisador estudante, aluno de iniciação científica se processa em vista do bem comum? Da transformação da sociedade? Da descoberta dos verdadeiros valores humanos e sociais, profissionais e espirituais? Nossas metas fundacionais sinalizam caminhos, possibilidades, envolvimentos e paixões racionais e entusiasmadas, contagiantes e estimuladoras. □

() A palestra do reitor da Unicap, Pe. Pedro Rubens, S.J., está nas páginas seguintes.*

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.
Presidente da FEI

Homilia na capela do campus SBC, alusiva à memória de Santo Inácio de Loyola – abertura da 2ª Semana da Qualidade (2º semestre letivo). São Bernardo do Campo, 04 de agosto de 2008.

SABER ESCOLHER É ESSENCIAL



No dia da abertura do semestre letivo, aproveitamos para celebrar a memória de Inácio de Loyola. Inácio percebeu que Deus lhe fortalecia para que pudesse contribuir para a melhoria da qualidade de vida da humanidade. Nascera em um pequeno burgo basco, cresceria solto nos limites da propriedade familiar, percorrera como pajem vários castelos e, defensor encarniçado da Fortaleza de Pamplona, caíra ferido nas mãos dos inimigos.

Pela bravura denodada, foi respeitado e transportado para o solar dos Loyola onde, em longa convalescença, ultrapassou os limites da agonia, os

delírios febris provocados pela infecção e demorada cicatrização. Homem de palavra empenhada, honra consagrada, vida dedicada, recebera a fé batismal, cultivara a devoção aos santos e, na véspera da festa de São Pedro, iniciou o período de recuperação da saúde.

Este nobre de origem descobre o mundo como oportunidade para ajudar a Deus e o faz com seus talentos naturais. Percebendo, na complexidade da tarefa que abraça, a necessidade de capacitação que lhe acreditasse junto à sociedade, busca na universidade a titulação necessária. Gastou bons anos de sua adultez como estudante em Paris, na Sorbonne. Viveu o mundo universitário com seus limites e oportunidades. Convicto da necessidade de apoiar a delinear de projetos de vida consistentes, começou a trabalhar a idéia com estudantes mais jovens e criou um grupo que com ele constituiu a Companhia de Jesus. A Companhia de Jesus nasce da decisão deles de se unirem para ajudarem a Deus na Igreja Católica. Colocam-se à disposição do Papa, caso não conseguissem seguir os passos de Jesus como peregrinos pela Terra Santa.

A proposta deles coincide com os textos da Eucaristia de hoje: o profeta Jeremias apresenta Deus como oleiro e nós a argila, a matéria com a qual o artista cria com engenho e empenho. Jesus, com a rede dada em consignação, para a pesca na vida. Jeremias foi enviado a uma olaria para receber a mensagem divina. O oleiro se torna a parábola do agir divino na humanidade. Como a argila é trabalhada, assim a humanidade é trabalhada por Deus. A ação de Deus consiste em dar a melhor forma à humanidade, ou seja, a cada um de nós, como a do oleiro em fazer uma peça única, perfeita, artística. Deus nos molda à sua imagem e semelhança, necessitando de nosso consentimento e adesão à sua vontade. Deus age contando com nossa cooperação. Deus trabalha dedicadamente. O ser humano decide de acordo com a qualidade de vida

desejada. Deus quer a felicidade de cada pessoa, cada pessoa necessita clarividência para o perceber e dizer sim livremente para aderir à vontade e desígnio diversos.

O livro da Sabedoria, refletindo sobre o domínio divino e sua misericórdia, conclui que Deus não precisa mostrar o seu poder infinito contra ninguém, porque ninguém pode contestar, mas a benevolência de Deus para com o ser humano é a pedagogia para convencer que o justo, a pessoa boa deve ser humana, ou seja, proceder como Deus procede para com todos. Chuva e sol para todos. Em alguns episódios no evangelho, Jesus fala do inimigo de Deus, que quer impedir a eficácia de sua ação em nós, mediante a tentação com aparéncia de bem. A maneira de impedir a ação de Deus é levar as pessoas a resistirem às ações divinas, suas inspirações e graças. É a cizânia semeada em cada coração que pode deixar-se levar pela ilusão de bens terrenos em detrimento das graças divinas, permanecendo no estritamente deste mundo, sem abrir-se a todas as dimensões futuras.

Jesus vai nos convencendo que a pessoa humana é levada a fazer opções, escolhas, adesões. Deverá eleger de que lado prevalecerá em seu agir, sentir e pensar. Entregar-se confiante nas mãos do Deus das misericórdias para, por Ele ser moldado ou resistir, a ponto de petrificar-se em sua recusa da graça divina. É o que se chama de dois caminhos a serem escolhidos, escolha que se realiza na profundidade de cada ser humano. Inácio e seus companheiros acreditaram ser possível apoiar a humanidade na percepção deste dom divino, desta ação interna em cada um de nós. É o que pretende hoje a Companhia de Jesus, ajudar a todos os homens e mulheres a configurarem seus projetos pessoais e profissionais, à luz da vontade divina e fazendo boas escolhas.

No Evangelho, a parábola da rede nos ajuda nas escolhas. Deus nos oferece uma rede em consignação

para a pesca da vida. Na vida se encontra muita coisa, como numa rede retirada da água. É necessária a tranqüilidade calma de sentar-se às margens e classificar o que é bom e o que não serve. Guardar o bom para a vida, deitar fora o que não serve. A rede é a vida na qual o contraditório aparece, sendo necessário separar o joio do trigo. O bom e o ruim. O certo e o errado. O adequado e o inadequado. Este exercício é a finalidade do discernimento dos valores que nos levam a agir e tomar decisões. A vontade de Deus é que as escolhas façam as pessoas plenamente felizes e a felicidade plena consiste em assumir que Deus ama cada pessoa e quer o seu bem plenamente. Deus nos criou racionais, capazes de agir com inteira liberdade e assim decidirmos o nosso projeto de vida terreno, visando à nossa vocação eterna. Ninguém se salva ou se condena isoladamente. Inácio e seus companheiros estavam convencidos que podemos ajudar do lado de Deus para que a humanidade assuma sua verdadeira e autentica vocação: deixar-se moldar interativamente em plena decisão consentida pelo beneplácito de Deus, o artista criador, o oleiro da humanidade redimida.

Nosso centro universitário acredita, desde a fundação das primeiras escolas, que possa, como missão primordial, através da excelência na formação humana integral, articular a mensagem da profecia de Jeremias com a parábola de Jesus: Deus é o oleiro da humanidade. A humanidade recebe das mãos de Jesus a rede da vida para ser lançada em todas as águas e guardar os peixes bons, deitando fora o que não interessa, o que atrapalha a caminhada para o reino de Deus iniciado na terra.

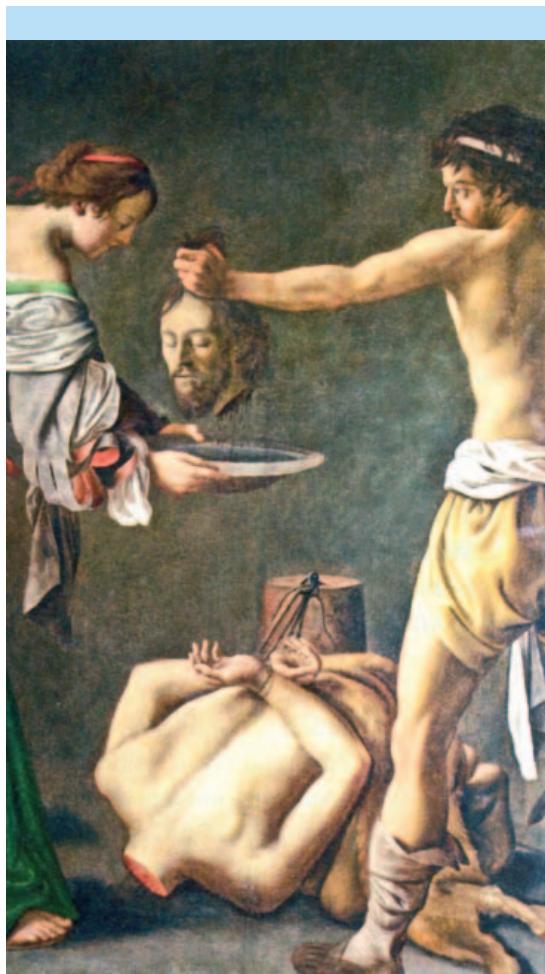
Que cada um de nós assim possa e queira proceder. Que Inácio e seus companheiros fundadores da Companhia de Jesus nos apóiem com suas intercessões. Que todos queiramos assumir a mesma missão continuamente. Assim seja. □

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.
Presidente da FEI

*Homilia na capela do campus SBC na missa de encerramento do 1º semestre de 2008.
São Bernardo do Campo, 24 de junho de 2008.*

Ilustração: Decapitação de São João Batista; autor: Philippe Kuantin - Museu Rolin, Autun, França.

JOÃO BATISTA, O PRECURSOR DO SALVADOR DA HUMANIDADE



Meus irmãos e minhas irmãs:

Com esta eucaristia, estamos encerrando o primeiro semestre deste ano letivo. Foi possível estar com os diversos setores e departamentos acadêmicos para conhecer as propostas, as realizações, as dificuldades e a busca de soluções.

As reuniões convocadas pela reitoria permitiram um maior e mútuo conhecimento para configurar uma agenda de trabalho coerente com a Missão Recebida e a Proposta Acadêmica, para torná-la concretizada e real.

O Centro Universitário e a Fundação Educacional Inaciana construíram a articulação necessária para uma visão de conjunto comum, base necessária para a boa e sustentável decisão. Conhecer as pessoas, seus locais de trabalho, conversar com os interlocutores docentes, discentes, técnicos de laboratório, verificar as interfaces dos diversos trabalhos favoreceu bastante a construção da comunidade acadêmica, na qual todos participamos nas diversas modalidades de atuação e serviços.

Sou muito reconhecido à acolhida da reitoria, favorecendo um trabalho participativo para a integração entre os diversos grupos. Certamente, foi benéfico para toda a comunidade do Centro Universitário.

Hoje, estamos celebrando esta eucaristia por sugestão de um dos Departamentos, que expressou o desejo de que houvesse uma celebração na Capela por ocasião de minha vinda semanal. Fiquei contente com o convite e hoje, dia de um dos santos mais simpáticos da Igreja, São João Batista, primo de Jesus, aqui nos reunimos.

João foi anunciado como uma bênção para seu povo. Um menino-promessa de Deus, encantado pela presença do Espírito Divino desde o seio materno, é motivo de júbilo a admiração para todos os contemporâneos. Seu nome foi sugerido pelo próprio

Deus. Vem com a força profética de Elias, um homem de campos abertos, grandes espaços, margem do Rio Jordão, porta do deserto. Homem de penitência, austeridade, comprometido com a verdade. Homem do serviço, da missão, da palavra empenhada. Anuncia o Salvador, denuncia o pecado, morre martirizado por não poder calar o que deveria dizer. Um santo que fez escola. Seus discípulos passam a seguir Jesus por ele indicado, como o Cordeiro que tira o pecado do mundo.

De sua escola partem João, André, Pedro e Tiago. Seguem Jesus e perguntam onde ele habita. Convidados por Jesus, foram, viram e a aderiram por toda a vida. São os primeiros discípulos, os futuros apóstolos e testemunhas da vida, pregação, milagres, paixão, morte e ressurreição de Jesus.

João é um homem apaixonado pela sua crença. É um irredutível, indomável. Olhando o Infinito, conhece o enviado de Deus. Percebe em Jesus a ação do Espírito Santo em seu batismo, prepara seu caminho como precursor e o apresenta ao povo que o esperava. João percebe que Jesus é o Prometido por Deus ao Povo. Jesus é quem guiará o povo pelos caminhos de eternidade. Será Jesus quem batizará com o Espírito Santo. Jesus batizará com o fogo da justiça e da paz. E o próprio Jesus dirá ser o Caminho, a Verdade e a Vida.

João é um santo muito querido pelo povo, é o santo dos fogos, dos balões, das bandeirinhas, das fogueiras, das comidas de milho. É o santo dos arraiais, das quadrilhas, da alegria de nosso povo. É o santo do carneirinho.

Coincidimos, hoje, celebrando um santo muito amigo do nosso povo, escolhido por desígnio de Deus para ser o introdutor do seu Filho diante da Humanidade que aguardava sua vinda e sua palavra, com o encerramento de nosso semestre.

João, outrora, cumpriu sua missão até o martírio. Hoje, continua patrocinando a nossa apresentação a

Jesus. Por isso, ficou citado para todo o sempre nas Escrituras Santas. Testemunha através de todos os tempos: Deus enviou seu Prometido. Seu nome: Jesus de Nazaré. Cordeiro de Deus, sobre ele desceu o Espírito Santo. Ele vai batizar no fogo que purifica e perdoa os pecados, no Espírito que santifica. Hoje, nosso semestre termina através das avaliações do desempenho dos programas e currículos, das atividades em aula, laboratórios variados, no desenvolvimento de projetos científicos de alcance e interesse social, cultural, científico. Juntos, assumimos uma missão fantástica de apoiar a formação da juventude para que desenvolvam todos os seus talentos e assumam seu lugar na Sociedade e no Desenvolvimento do País e da Região, com pleno conhecimento e com grande autonomia, para que possam optar pelos valores verdadeiros que permanecem para sempre.

A educação inaciana induz ao pleno conhecimento contextual e conjuntural, a percepção positiva da obra da Criação Divina e, ao mesmo tempo, à adesão consciente de sermos todos colaboradores da Ação Divina no Mundo da Natureza e da Humanidade, para que cada pessoa possa dar sua resposta livre e lúcida aos apelos que o próprio Deus suscita no coração de cada uma.

É hora de agradecer os dons e benefícios vividos e suplicar a luz e a graça de Deus para o tempo de boas e merecidas férias e para o retorno do próximo semestre, de modo que, fortes da força de Deus, possamos colocar os nossos talentos e percepções a serviço de todos.

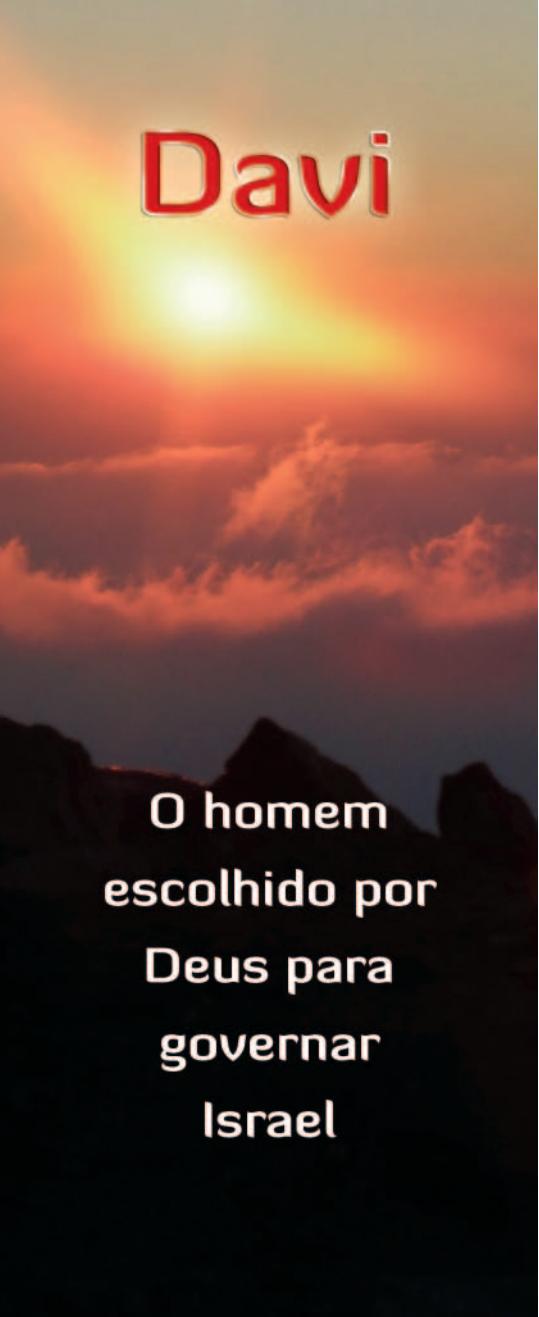
Que João, sua família tão presente na ação divina, com Jesus e todos os que o acolheram, seguiram e o legaram a nós, nos ajudem com sua prece e mediação.

Que o próprio Deus que suscitou nossa Missão nos encoraje e abra o coração e a mente à sua vontade e serviço. Amém. □

VOZ DO PRESIDENTE

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.
Presidente da FEI

*Homilia na Capela do
campus SBC, por ocasião da
Semana da Qualidade
(1º semestre letivo).
São Bernardo do Campo,
31 de janeiro de 2008.*



**O homem
escolhido por
Deus para
governar
Israel**

Meus irmãos e minhas irmãs, configuradores da comunidade de serviço de nosso centro universitário: paz e alegria!

É muito bom nos reunirmos em nome do Senhor nesta capela santuário, no coração de nosso centro universitário, de ensino, pesquisa e extensão social.

Sua localização teve em conta ser espaço visível onde cada um possa sentir-se bem em suas idas e vindas diárias para suas atividades diversificadas, tanto acadêmicas, como comunitárias ou esportivas. Sempre é possível passar em frente e, porque não, sentir-se convidado a entrar em contato sereno, pacífico com o Senhor da Vida, para conferir nossos sentimentos, inspirações, vontades e possibilidades.

É bom descobrir, adquirir, manter a paz em todas as situações vividas para que a nossa alegria possa ser sentida por todos e transmitida em todas as atividades, como testemunho de nossa fé e esperança articulada.

Paulo, o apóstolo, foi um incansável evangelizador e um místico ardoroso, haurindo diretamente do Salvador, a fonte de seu bem-estar em qualquer situação, por mais terrível que pudesse ser e parecer. Testemunhava: "nada, nem ninguém, o poderia jamais, separar do Amor de Cristo derramado em seu Coração pelo Espírito Santificador".

É este bom Espírito divino que invocamos sobre toda nossa comunidade universitária, para que possa dar conta de sua missão a serviço da formação da juventude que nos busca em vista da preparação acadêmica para seu futuro.

Hoje, a palavra de Deus sugerida pela Igreja nos apresenta o rei Davi que governou seu povo quarenta anos. Ele queria com muita vontade construir uma casa para Deus, para nela depositar a Arca da Aliança. Ele refletia: eu tenho uma casa para mim e minha família, mas a Arca de Deus, representativa de sua

presença, está depositada na casa de uma família ou numa tenda improvisada. Pensou, falou com o profeta Natan e este concordou, dizendo: faça o que tem no coração. Só que o profeta foi visitado por Deus e comunicou a Davi que Deus não queria uma casa feita por ele. Seria seu filho Salomão quem edificaria o templo. Mas, seria o próprio Deus das misericórdias, não se deixando vencer em generosidade, quem lhe construiria uma casa, uma dinastia.

Davi ficou impressionado e muito contente. Passou a adquirir e estocar material para a construção do templo por seu filho, Salomão, quando o sucedesse. Hoje, ouvimos a leitura que apresenta Davi diante de Deus, em oração, examinando a realidade, olhando sua história, na qual Deus sempre esteve presente ao seu lado, protegendo-o e abençoando-o continuamente. Ele se pergunta: "quem sou eu, para que me tenhas conduzido até aqui?" Comenta: "as promessas num futuro distante de construir uma casa". Suplica: "abençoa para que a casa permaneça sempre na tua presença".

Davi percebe, no tempo humano, a realização da promessa divina. É um homem agradecido. Sabe que foi escolhido, consagrado para uma missão. Em seus altos e baixos, nas vitórias e pecados, sempre foi um homem seguro de que Deus o amava, o escolhera, o sustentara. Davi permanece, para todos nós, como uma referência autêntica de que é possível encontrar a Deus na própria vida, conferir com ele os dons e presentes, discernir o que lhe agrada e o que Ele exige da própria pessoa. Esta coerência é o presente que Davi nos concede na leitura proclamada.

A casa para Davi, prometida através de Natan, é a continuidade da dinastia. Davi não será excluído por causa de suas faltas, como acontecera com seu antecessor, Saul. Um descendente, passado quase um milênio, chegaria: o Messias Jesus.

Passa-se da promessa ao seu pleno cumprimento no evangelho em que Jesus fala de luz, de lâmpada para iluminar a casa. Jesus se apresenta como luz das nações, como referência para toda pessoa desejosa de fazer boas opções. Jesus fala do sentido da espiritualidade. A sensibilidade espiritual para perceber Deus agindo em si e no mundo, em cada pessoa, em todos os acontecimentos que atingem a humanidade. Refere-se à intimidade e participação na graça divina. Quem tem esta graça, a desenvolve cada vez mais, cresce no diálogo e conhecimento divino, responde ao apelo do Criador para habitar na criatura. Jesus fala: "viremos a ele, nele, o Pai e Eu, faremos nossa morada". Cada um de nós é presença divina para toda a humanidade. Deus quer nossa mediação para que sua ação seja percebida e descoberta a toda a criatura – "ao que tem alguma coisa, será dado ainda mais" –, Jesus nos encoraja a viver em comunhão consigo, a colocar sua luz em nossa casa, em nosso local de trabalho, em nossa cidade.

Com estes sentimentos de paz e alegria, de esperança renovada e de fé persistente, iniciamos este semestre acadêmico, dispostos a dar o melhor de nós mesmos para apoiar a formação da juventude e, assim, dar a melhor colaboração na construção de capital humano para a transformação de nosso País. Necessitamos pessoas bem preparadas, capazes de aprender a aprender continuamente, vocacionadas a gerar vida de qualidade ao seu redor, pelo espírito que cultivam, pela alegria que irradiam, pela paz que constroem.

É o que desejo a todos, é a razão da minha prece celebrativa neste final de manhã, deste início de ano letivo.

A paz e a alegria do Senhor permaneçam sempre com todos. Que assim aconteça, hoje e sempre. Amém. □

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.
Presidente da FEI

*Pronunciamento de
abertura da Semana
da Qualidade
(1º semestre de 2008).
São Bernardo do Campo,
31 de janeiro de 2008.*

O DIA-A-DIA DE CADA UM DE NÓS E O SENTIDO DA VIDA: ALGUMAS REFLEXÕES



Novamente, estamos reunidos como comunidade universitária para uma melhor articulação em nosso serviço e missão no início do ano letivo de 2008. É saudável a cultura de criar oportunidades de encontro entre as pessoas que partilham da grande ventura de construir e reconstruir esta casa de ensino, pesquisa e extensão, responsável social.

As diretorias antecedentes criaram esta fórmula feliz de Semana de Qualidade, para que todos os envolvidos em responsabilidades e autoridades delegadas

pudessem estar juntos em ótiva recíproca e diálogo construtivo para elaborar, como corpo e comunidade de serviço, o nosso desejo de contribuir para a formação da juventude.

Este centro universitário tem uma intenção fundacional motivadora para a dedicação de todos os que fizeram e fazem parte desta Instituição, que se quer identificar como comunidade, na qual cada pessoa oferece sua participação agregadora de valor e de qualidade.

Sempre que possível, tenho estado com os senhores apresentando referências para a reflexão, discernimento e possível tomada de decisão. Graças ao empenho da reitoria os textos têm sido publicados, para estarem disponíveis a um melhor aprofundamento, estudo e discussão interativa.

Que tema seria adequado para ajudar neste ano de 2008, recém inaugurado? O reitor deixou-me inteiramente à vontade para conversar com os senhores e senhoras nesta manhã.

Com a participação e colaboração de todos os membros do centro universitário, concluiu-se a Avaliação Oficial Externa necessária ao Recredenciamento do centro universitário, decorridos os cinco anos de sua implantação. Sobre este tema, certamente, o reitor comunicará as forças e fragilidades apontadas e consultará sobre os melhores meios a corrigir ou redirecionar metas em vista do futuro.

Ocorreu-me refletir sobre como cada um de nós gostaria de ser lembrado, recordado pelas pessoas com quem tratamos, convivemos, trabalhamos, atuamos. O que gostaríamos que nossos estudantes guardassem do convívio conosco, pessoal e institucional? Todos cursamos, freqüentamos universidades em estados, países, culturas diversificadas e especializadas. A nossa formação tem uma "alma mater" interiorizada? Fomos convivendo, conhecendo, descobrindo a diversidade das pessoas, sua dedicação, empenho ou mera formalidade. Fomos concluindo que os currículos não

atendiam a conveniências da formação esperada, que algumas matérias eram apenas recheios insossos ou acomodação da carga horária para alguém, que algumas pessoas nos impressionaram, marcaram, pela atitude científica, trato, acolhida, austeridade exigente, capacidade de estar ao lado sintonizando, dialogando, relativizando nossas concepções. Anotamos bizarrices, repetições enfadonhas, observamos cadernos anotados com as mesmas questões e até piadas para cada experiência em períodos anteriores. Em apostilhas chegamos a detectar páginas inteiras plagiadas, copiadas como de elaboração própria, sem a menor citação ou referência. Professores esfumaçaram-se no ar de lembranças perdidas. Ficaram mestres com suas digitais impregnando e referindo nossas vidas. A recordação de nossas graduações aponta para a necessidade de oferecer instrumentos para o estudo contínuo, para a atualidade permanente para a vitalidade acadêmica contínua de nossos estudantes e formandos.

Parece oportuno que pudéssemos ser lembrados como pessoas que percebem o sentido da própria vida, de seu ser, de seu agir. Pessoas que sabem o que fazem com sua presença no mundo. Pessoas que apóiam outras pessoas a fazerem a mesma descoberta de sentido, de valores, dispostas a elaborar caminhos comuns possíveis, alcançáveis por todos, que estejam abertos às melhores opções.

O formador é capaz de caminhar junto, estando ao lado, respeitando e apoiando as descobertas reciprocamente. A imagem do mestre-escola educador é análoga à imagem de um pai gerador de vida e de vida experencial. Assiste o gerado no aprender a caminhar. Capacidade que já tinha de caminhar, mas que só poderia ser exercida pelo próprio caminhante em potencial, adquirindo equilíbrio, segurança, capacidade de autodeslocar-se, pouco a pouco, regulando a velocidade, mensurando a distância entre o estar de pé firme e a platitude do solo no tombo, em

que estimularia o reflexo de amparar-se com as mãos, sem estatelar-se de face no mesmo chão.

Apoiar a pessoa a conhecer-se e a desenvolver-se, a descobrir na ética e na moral o sentido do trabalho e do serviço, da comunidade e da alteridade, a tornar-se plenamente viva e atuante, capaz de discernir continuamente as decisões a tomar. “O filho leva dos pais, incorpora, em sua maneira de ser, tudo aquilo que viu, ouviu, cheirou, tocou, recebeu e entendeu nessa convivência com quem o criou.” ⁽¹⁾

Creio que é o valor agregado que oferecemos como universidade ligada à educação inaciana. Santo Inácio não substituía a ação do cliente, orientado, aluno, companheiro, ficava ao lado, acompanhando e guardando autonomia para que cada pessoa pudesse estar a sós consigo e com o próprio Deus, analisando a realidade que se descobria e assim, com total liberdade espiritual, vir a tomar suas decisões. Não quero dizer, que todo o professor deve exercer o múnus de um diretor de consciência, mas testemunha, com seu modo de proceder, a qualidade de sua vida humana plenamente, dos valores que assume ou antivalores que rejeita ou com os quais pactua.

Comunica-se em sala de aula, em experiência laboratorial, em tutorias, monitorias, orientações científicas, no trato diário. É nossa intenção que cada estudante que nos procure receba a atenção necessária ao pleno desabrochamento de seu ser, para que possa, com segurança buscar a melhor e mais qualificada solução humana política, social, familiar, pessoal. É o convite indutor para “olhar mais longe e mais alto para encamar o homem novo: ele nos espera além de todas as nossas fronteiras, e não lhe é pedido mais que converter-se à fonte do nosso ser, ao Ser de nosso ser.” ⁽²⁾

Esta missão é exercida por todos que são parte da nossa comunidade universitária, independentemente de credo, religião, é atitude de plena humanização, a partir de cada capacitação reconhecida e titulada ou especialidade adquirida.

Cada parte do currículo deve compor, articuladamente, o apoio ao estudante que formamos hoje para exercer plenamente sua cidadania e profissionalização no futuro. A proximidade dos avanços científicos, capacidade de descoberta, aptidão para adaptar-se a novas situações fazem parte de nosso projeto Educacional.

Queremos legar o que ninguém, nenhuma situação pode retirar: capacidade de pensar, verbalizar idéias, construir argumentos, testemunhar valores, rejeitar antivalores. Este trabalho só pode ser construído por vocês que oferecem a convivência diuturna, desenvolvendo projetos e programas, explanando visões de conjunto e análise de detalhes, suportando e modificando a conjuntura na qual atuamos, elaboramos e vivemos.

Nestas duas últimas semanas li os jornais habituais, procurando perceber elementos que poderiam subsidiar a concretização do que estou apresentando aos senhores e senhoras, para iluminar a missão confiada junto à comunidade universitária. Passo a elencar, com muita liberdade, os temas que chamaram minha atenção:

- 1 ELE QUER SER O HOMEM MAIS RICO DO MUNDO. Com uma fortuna de US\$16 bi, Eike Batista quer deixar Bill Gates para trás. ⁽³⁾
- 2 JOSÉ WILKER: NÃO GOSTO, NÃO QUERO SER ATOR! Trabalho tem que ter uma utilidade. O que é um ator útil? Conheci um pessoal que lidava com cultural popular em Recife. Comecei a fazer teatro assim. Ia para o canavial, no meio do mato, e ilustrava o que era dado pelo rádio. O teatro que a gente fazia tinha um universo gestual, a gente pegava as palavras e gestos mais usados para comunicar as coisas. O meu teatro era útil, tinha uma função bem específica. Em seguida me envolvi com as idéias mais idiotas, políticas - depois percebi que eu era tão salesiano quanto comunista, é a mesma coisa. Eu descobri, de repente, que se podia ali ter uma

conversa com a alma das pessoas, com a paixão de cada um e isso me encantou. ⁽⁴⁾

- 3 A INTELIGÊNCIA DO HUMOR CIENTÍFICO. Perguntas dos leitores da New Scientist comprovam como a curiosidade do ser humano é inesgotável. "Quanto preciso pesar para ser à prova de uma bala perdida? São sete capítulos de perguntas e respostas que recortam temas relacionados ao corpo humano, plantas e animais, clima, transportes, ciência doméstica e universo interplanetário - compondo um livro no qual não se sabe o que mais surpreende, se o inusitado de certas perguntas ou a bonomia paciente de algumas respostas... para tudo há uma resposta. E uma resposta sóbria, sempre inspirada naquelas duas faculdades humanas que normalmente perdemos diante de questões asáticas - a razão e a paciência. ⁽⁵⁾
- 4 OS NOVOS ANALFABETOS DA MODERNIDADE. A definição de analfabetismo, hoje, é mais ampla. E o cenário é bem pior que as estatísticas. "Hoje é analfabeto também quem sabe ler e escrever, quem freqüentou sem fuga o primeiro ciclo - mas não sabe pensar, no cotidiano, segundo as regras modernas de pensamento, quem não tem a cultura básica que permita manejar um computador, ler um livro, ler um jornal, compreender a imagem que vê na televisão compulsória e invasiva, conhecer e respeitar os sinais e as regras do trânsito, os direitos do outro, a vital reciprocidade da sociedade moderna. A rapidez da criação e da transformação cultural num certo sentido barbariza os que não conseguem acompanhar as mudanças. Menciona em seguida: as exceções dos que não desanimam, dos que pensam a educação como um sacramento da esperança...a transformação da essência da

escola... matou o educador, arrancou-lhe a alma de missionário da civilização.⁽⁶⁾

(Poderia acrescentar, quem não sabe conviver com a agressão de um assaltante ou de um importuno em casa ou em via pública, quantas reações insanas, resultando em mortes instantâneas devido à reação de quem está sob efeito de químicas complexas, além da adrenalina natural).

- 5 ABAIXO A SABOTAGEM. Especialista em marketing de relacionamento, Ana Maria Leandro fala sobre as relações profissionais. Ambientes de trabalho mais saudáveis, prazerosos e com menos conflitos. Jogos territoriais nas empresas: Ocupação, Manipulação, Intimidação, Parede Invisível, Descrédito, Exclusão. Como afetam o trabalho? O que pode ser feito? E a falta de comunicação? E os mal entendidos? Outros fatores?⁽⁷⁾
- 6 DE OPERADOR RETRAÍDO A MAIOR GOLPISTA DA HISTÓRIA. Responsável pelo megaprejuízo de Euros 4,9 bilhões provocado na Société Générale, Jerome Kerviel tinha trajetória inexpressiva no mercado francês. Artigo de Gilles Lapouge: O jogador que pôs o Fed numa armadilha. Um banco admirado pela sua sabedoria quase desapareceu. Nesta época de globalização, as doenças se transmitem de um continente a outro com a velocidade do raio: talvez a busca aceleração da crise financeira mundial no início da semana e a redução de emergência das taxas de juros americanas se expliquem pelo estranho fim de semana do Société Générale. ... Na segunda feira de manhã os operadores começaram a olhar de soslaio para o S. G. Ora, nesse dia, os mercados americanos estavam fechados porque os americanos celebravam a morte de Martin Luther King. O Banco Central americano,

constatando a queda súbita, irracional e extrema de todas as bolsas européias, foi tomado de pânico e decidiu abrandar, numa escala que pareceu, no momento, desproporcional, sua política monetária. E eis como um homem jovem muito solitário e muito forte em matemática teria armado uma armadilha, sem a intenção disso, ao formidável Fed americano. Sim, ainda bem que esse jovem tão dotado estava realmente sozinho nisso! Ainda bem que ele se contentava em jogar como se joga até o delírio, até a overdose, até a vertigem, um jogador enloquecido!"⁽⁸⁾

- 7 DAVOS TERMINA COMO COMEÇOU, NA MAIS COMPLETA ESCURIDÃO SOBRE A "BESTA". Besta é o nome que Javier Santiso usou para designar a crise nos mercados financeiros. Momentos de teste para a globalização conforme o primeiro ministro britânico Gordon Brown. Pascal Lamy sugere: dar ênfase à velha e boa economia de produção em alusão ao predomínio do capitalismo financeiro na era da globalização. Almunia conta que o que está aumentando na Europa, é a percepção de alta de preços, porque ela se dá basicamente em alimentos, o que provoca imediata reação do público. No caso do Brasil os alimentos subiram o dobro da inflação de 50% no ano passado. Para Gordon Brown a alta de preços de alimentos, pode varrer todos os progressos recentes da África.⁽⁹⁾
- 8 IDIOMAS EM PROJEÇÃO. Veja como aprender línguas exigidas pelas multinacionais - inglês, espanhol, japonês, mandarim e alemão.⁽¹⁰⁾
- 9 MUAMBA NO ANZOL. Fome européia de frutos do mar incentiva comércio ilegal de peixe, obtido por firmas multinacionais nos mares de países pobres. O pescado hoje é o produto animal mais comorado no planeta; a cada ano são vendidos cerca de 100 milhões de toneladas

- (1) Gabriel Perissé, no *Jornal Opinião* pg. 4 de 10 a 16.01.2008
- (2) André Chouraqui, *Meu Testamento*, pg. 104, Edições Loyola 2007
- (3) *O Estado de S.Paulo*, pg. B11, de 27.01.2008
- (4) *O Estado de S.Paulo*, pg. D5, de 27.01.2009
- (5) *O Estado de S.Paulo*, pg.D5, de 27.01.2008
- (6) Artigo de José de Souza Martins, *idem*, pg. J3
- (7) Suplemento Feminino, *idem*, pg.8-10
- (8) *O Estado de S. Paulo*, pg. B3, de 26.01.08
- (9) *Folha de S.Paulo*, pg. B, de 26.01.08
- (10) *Folha de S.Paulo*, *Classificados de empregos*, pg. 3 a 12, de 20.01.2008
- (11) *Folha de S.Paulo*, *Caderno Mais*, pg. 9, de 20/01/2008
- (12) *Folha de São Paulo*, pg. C3 e C5, de 20.01.2008 (13) *Texto Base - Campanha da Fraternidade de 2009*, pg. 7

de peixe, tanto os pescados na natureza quanto os criados por aquicultura. A Europa tornou-se o maior mercado mundial de pescado, movimentando mais de 14 bilhões de euros por ano. Comércio ilegal. ⁽¹¹⁾

10 TRAGÉDIA BRASILEIRA. Em 3 décadas, 1 milhão de homicídios. Por trás das estatísticas, estão histórias como a de Inês Maria da Silva, de 67 anos, que perdeu cinco filhos assassinados no Recife, e a de Elizabeth Medina Paulino, de 44, que teve dois filhos e um sobrinho mortos por policiais no Rio. Consequências dramáticas, na opinião do especialista em Brasil da Anistia Internacional, Tim Cahill, de décadas de negligência do poder público frente a um abismo de desigualdade social e uma política de segurança pública baseada apenas em repressão. Um milhão de mortes em 30 anos é um número simplesmente inaceitável, resume. ⁽¹²⁾

Os jornais oferecem esta amostra conjuntural mundial, nacional, municipal. Apresentam situações nas quais nos movemos e nos encontramos. Outras manchetes poderiam ser apresentadas para concretização de nossa reflexão sobre a missão de comunicarmos uns aos outros nossas visões de vida, nossas paixões, nossos valores, antivalores e assim nos preparamos adequadamente para a continuidade de nossas atividades e relacionamentos formativos com todos com quem nos encontramos em nosso serviço de apoio ao pleno desenvolvimento da Juventude que nos procura neste centro universitário.

Neste ano de 2008 a Igreja no Brasil propõe como tema da Campanha da Fraternidade a ser lançada na quarta-feira de cinzas, o tema "Fraternidade e Defesa da Vida", com o lema: "Escolhe, pois, a vida". A apresentação do texto básico destaca: "A realidade atual nos desafia. Apesar de todos os avanços conquistados pela humanidade nos últimos tempos, encontramos muitos motivos para inquietações: a vida humana que

não está sendo considerada como valor absoluto, mas constantemente submetida ao valor econômico, que a instrumentaliza em favor do lucro, fazendo dela um meio para satisfação de seus interesses; a injustiça social, que gera ignorância, fome, violência, criminalidade de vida; o egoísmo, o hedonismo e o imediatismo, que isentam as pessoas das responsabilidades". ⁽¹³⁾

A Companhia de Jesus reuniu sua Congregação Geral 35 para a eleição do Superior Geral. Foi eleito o Pe. Adolfo Nicolás, espanhol de origem e missionário na Ásia, professor universitário com experiência no Japão e nas Filipinas. Em entrevista aos jornalistas o Geral, recém eleito, apresentou sua experiência de vida intercultural. Chegara ao Japão aos 24 anos de idade com sua cultura européia espanhola, foi se dando conta da diversidade e, incorporando-a em sua vida, descobriu percepções jamais pensadas anteriormente. As novas dimensões foram mostrando a diversidade e a riqueza da iniciação levando a revisão de paradigmas pedagógicos, teológicos, espirituais. Afirma ter aprendido a sorrir ante a dificuldade como fazem os japoneses. Descobriu a maneira de pensar e interpretar a realidade na qual vivem tantas pessoas. Descobriu a Ásia. A entrevista está disponível no site da imprensa da Companhia de Jesus. ⁽¹⁴⁾

A Congregação Geral é o órgão máximo legislativo da ordem está reunida em Roma e deverá desenvolver seus trabalhos e reflexões até meados de março. Todos os jesuítas sentem-se profundamente unidos espiritualmente em oração e com grandes expectativas sobre possíveis orientações que venham a ser tomadas em vistas da Missão do tempo hodierno, voltando-se para o futuro.

Aqui, neste centro universitário, ligado intimamente à Companhia de Jesus, nos sentimos muito animados e motivados, no aguardo atento das orientações e sugestões que possam apoiar melhor o serviço que desenvolvemos e a todos é confiado com muita esperança. □

O PAPEL SINGULAR DA COMPANHIA DE JESUS NA PROMOÇÃO E DEFESA DA DOUTRINA CATÓLICA



RELIGIÃO

*Discurso do Papa Bento XVI
aos participantes da C.G. 35
Roma, Sala Clementina,
21 de fevereiro de 2008*

*Editor: L.F.Klein
Província BRC*

Caros Padres da Congregação Geral da Companhia de Jesus:

Agrada-me receber-vos neste dia, quando vossos trabalhos vão entrando em sua fase conclusiva. Agradeço ao novo Prepósito Geral, P. Adolfo Nicolás, por ter sido intérprete de vossos sentimentos e de vosso compromisso de responder às expectativas que a Igreja deposita em vós. Sobre estas falei-lhes na mensagem dirigida ao reverendo P. Kolvenbach e, por mediação dele, a toda a vossa Congregação, no início dos vossos trabalhos. Agradeço, uma vez mais, ao P. Peter-Hans Kolvenbach pelo valioso serviço de governo por ele prestado à vossa Ordem durante quase um quarto de século. Saúdo também os membros do novo Conselho Geral e os Assistentes que ajudarão o Prepósito em sua delicadíssima tarefa de guia religioso e apostólico de toda a vossa Companhia.

A vossa Congregação se realiza em um período de

profundas mudanças sociais, econômicas, políticas; de urgentes problemas éticos, culturais e ambientais e de conflitos de todo tipo, mas também de comunicações mais intensas entre os povos, de novas possibilidades de conhecimento e diálogo, de profundas aspirações à paz. Trata-se de situações que constituem um desafio importante para a Igreja Católica e para a sua capacidade de anunciar aos nossos contemporâneos a Palavra de esperança e de salvação. Espero, pois, ardentemente que toda a Companhia de Jesus, graças aos resultados da vossa Congregação, possa viver com impulso e ardor renovados a missão para a qual o Espírito a suscitou na Igreja e a conservou durante mais de quatro séculos e meio com extraordinária fecundidade de frutos apostólicos. Hoje desejo animar-vos e a vossos irmãos para que prossigais no caminho dessa missão, com plena fidelidade ao vosso carisma originário, no contexto eclesiástico e social próprio

deste início de milênio. Como em várias ocasiões vos disseram meus antecessores, a Igreja tem necessidade de vós, conta convosco e continua confiando em vós, particularmente para alcançar aqueles lugares físicos ou espirituais aos quais outros não chegam ou julgam difícil fazê-lo. Ficaram gravadas em vosso coração aquelas palavras de Paulo VI: *Onde quer que na Igreja, mesmo nos campos mais difíceis e da primeira linha, nas encruzilhadas ideológicas, nas trincheiras sociais, existiu ou existe conflito entre as prementes exigências do homem e a mensagem do Evangelho, aí estiveram e estão os jesuítas* (Discurso à C.G.32 - 03/03/1975).

Como diz a fórmula do vosso instituto, a Companhia de Jesus está constituída antes de tudo “para a defesa e a propagação da fé”. Numa época em que se abriam novos horizontes geográficos, os primeiros companheiros de Inácio colocaram-se à disposição do Papa precisamente para que “os empregasse no que julgasse ser de maior glória de Deus e proveito das almas” (Autobiografia, n. 85). Assim foram enviados a anunciar o Senhor a povos e culturas que ainda não o conheciam. E o fizeram com uma valentia e um zelo que continuam servindo de inspiração e de exemplo até nossos dias: o nome de São Francisco Xavier é o mais famoso de todos, mas quantos outros poderíamos citar! Hoje os novos povos que não conhecem o Senhor - ou que o conhecem mal, até não saber reconhecê-lo como Salvador - estão mais afastados não tanto do ponto de vista geográfico quanto do cultural. Não são os mares ou as grandes distâncias os obstáculos que desafiam hoje os aventureiros do Evangelho, mas as fronteiras que, devido a uma visão errônea ou superficial de Deus e do homem, acabam elevando-se entre a fé e o saber humano, a fé e a ciência moderna, a fé e o compromisso pela justiça.

Por isso, a Igreja necessita com urgência pessoas de fé sólida e profunda, de cultura séria e de autêntica sensibilidade humana e social; necessita religiosos e sacerdotes que dediquem sua vida precisamente a permanecer nessas fronteiras, para testemunhar e ajudar a compreender que existe, em troca, uma

harmonia profunda entre fé e razão, entre espírito evangélico, sede de justiça e empenho pela paz.

Só assim será possível dar a conhecer o verdadeiro rosto do Senhor a tantos homens para os quais hoje este permanece oculto ou irreconhecível. A isso deve dedicar-se, pois, preferencialmente a Companhia de Jesus. Fiel à sua melhor tradição, deve continuar formando com grande esmero os seus membros na ciência e na virtude, sem conformar-se com a mediocridade, já que a tarefa do confronto e do diálogo com os mui diversos contextos sociais e culturais e as diferentes mentalidades do mundo atual se revela como uma das mais difíceis e laboriosas. E essa busca da qualidade e da solidez humana, espiritual e cultural, deverá caracterizar também toda a múltipla atividade formativa e educativa dos jesuítas, onde quer se encontrem, a favor dos mais diversos tipos de pessoas.

Ao longo de sua história, a Companhia de Jesus viveu experiências extraordinárias de anúncio e de encontro entre o Evangelho e as culturas do mundo: basta pensar em Matteo Ricci na China, em Roberto De Nobili na Índia ou nas ‘Reduções’ da América Latina. E disso vós estais justamente orgulhosos. Sinto hoje o dever de vos exortar a que sigais de novo os rastros de vossos antecessores com valentia e inteligência unidas, mas também com uma motivação de fé e paixão igualmente profunda com vistas ao serviço do Senhor e de sua Igreja. Mas enquanto procurais reconhecer os sinais da presença e da obra de Deus em qualquer lugar do mundo, inclusive além dos limites da Igreja visível; enquanto vos esforçais por construir pontes de compreensão e de diálogo com quem não pertence à Igreja ou encontrais dificuldades na hora de aceitar suas posições e mensagens, deveis ao mesmo tempo fazer-vos lealmente cargo do dever fundamental da Igreja de manter-se fiel a seu mandato de aderir totalmente à Palavra de Deus, assim como da missão do Magistério de conservar a verdade e a unidade da doutrina católica em sua completude. Isso vale não só para o empenho pessoal de cada jesuíta, pois ao operardes como membros de um corpo apostólico deveis também velar

para que vossas obras e instituições conservem sempre uma identidade clara e explícita, de forma que o fim da vossa atividade apostólica não resulte ambíguo ou obscuro, e para que muitas outras pessoas possam compartilhar vossos ideais e unir-se a vós com eficiência e entusiasmo, colaborando com vossa dedicação ao serviço de Deus e do homem.

Como bem sabeis por terdes feito muitas vezes, sob a direção de Santo Inácio em seus Exercícios Espirituais, a meditação das 'Duas Bandeiras', o nosso mundo é teatro de uma batalha entre o bem e o mal, e nele atuam poderosas forças negativas que causam as dramáticas situações de submissão espiritual e material de nossos contemporâneos contra o que declarastes várias vezes querer lutar, comprometendo-vos no serviço da fé e na promoção da justiça. Tais forças se manifestam hoje de muitas maneiras, mas com especial evidência mediante tendências culturais que freqüentemente resultam dominantes, como o subjetivismo, o relativismo, o hedonismo, o materialismo prático. Por isso, pedi o vosso compromisso renovado na promoção e defesa da doutrina católica «em particular sobre pontos nevrálgicos hoje fortemente atacados pela cultura secular», alguns dos quais exemplifiquei em minha Carta antes aludida.

Os temas – hoje continuamente debatidos e postos em questão – da salvação de todos os homens em Cristo, da moral sexual, do matrimônio e da família, devem ser aprofundados e iluminados no contexto da realidade contemporânea, mas conservando a sintonia com o Magistério, necessária para impedir que se semeie confusão e desconcerto no Povo de Deus.

Sei e comprehendo bem que se trata de um ponto particularmente sensível e árduo para vós e para vários irmãos vossos, sobretudo para os que se dedicam à pesquisa teológica, ao diálogo interreligioso e ao diálogo com as culturas contemporâneas. Precisamente por isso vos tenho convidado e também vos convido hoje a refletirdes para recuperar o sentido mais pleno desse vosso característico 'quarto voto' de

obediência ao Sucessor de Pedro; um voto que não implica apenas na disposição para ser enviados a missionar em terras longínquas, mas também - segundo o mais genuíno espírito inaciano de 'sentir com a Igreja e na Igreja' – a 'amar e servir' o Vigário de Cristo na terra com uma devoção 'efetiva e afetiva' que faça de vós colaboradores seus tão valiosos como insubstituíveis em seu serviço à Igreja universal.

Ao mesmo tempo vos animo a continuar e renovar a vossa missão entre os pobres e com os pobres. Não faltam, infelizmente, novas causas de pobreza e de marginalização em um mundo marcado por graves desequilíbrios econômicos e ambientais; por processos de globalização regidos pelo egoísmo, mais que pela solidariedade; por conflitos armados, devastadores e absurdos. Como tive ocasião de reiterar aos bispos latino-americanos reunidos no santuário de Aparecida, a *opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza* (cf. 2Co 8, 9). Daí resulta natural que quem quer ser verdadeiro companheiro de Jesus compartilha realmente o seu amor pelos pobres. A nossa opção pelos pobres não é ideológica, mas nasce do Evangelho. Inumeráveis e dramáticas são as situações de injustiça e pobreza no mundo atual, e se é necessário empenhar-se para compreender e combater as suas causas estruturais, é preciso também descer ao próprio coração do homem e aí combater as raízes profundas do mal, contra o pecado que o separa de Deus, sem se esquecer de responder às necessidades mais prementes no espírito da caridade de Cristo. Retomando e desenvolvendo umas das últimas e proféticas intuições do P. Arrupe, a vossa Companhia continua trabalhando meritamente no serviço aos refugiados, que são freqüentemente os mais pobres dos pobres e estão necessitados não só de auxílio material, mas também dessa profunda proximidade espiritual, humana e psicológica que é mais própria do vosso serviço.

Convido-vos, por último, a dedicardes especial

atenção ao ministério dos Exercícios Espirituais, característico da vossa Companhia desde as suas origens. Os Exercícios são a fonte da vossa espiritualidade e a matriz das vossas Constituições, mas são também um dom que o Espírito do Senhor tem feito à Igreja inteira: por isso tendes que continuar fazendo dele uma ferramenta valiosa e eficaz para o crescimento espiritual das almas, para a sua iniciação na oração e na meditação neste mundo secularizado do qual Deus parece ausente. Precisamente na semana passada eu também, junto com meus mais estreitos colaboradores da Cúria Romana, desfrutei de uns Exercícios Espirituais dirigidos por um ilustre irmão vosso, o cardeal Albert Vanhoye. Em um tempo como o atual, no qual a confusão e a multiplicidade das mensagens e a rapidez de mudanças e situações dificultam de especial maneira os nossos contemporâneos, o trabalho de pôr ordem em sua vida e responder com determinação e alegria ao chamado que o Senhor dirige a cada um de nós, os Exercícios Espirituais constituem um caminho e um método particularmente valioso para procurar e encontrar Deus, em nós, em nosso redor e em todas as coisas, com o fim de conhecer sua vontade e de colocá-la em prática.

Neste espírito de obediência à vontade de Deus, a Jesus Cristo, que se converte também em obediência humilde à Igreja, convido-vos a prosseguir e a levar a bom fim os trabalhos da vossa Congregação, unindo-me a vós na oração que Santo Inácio nos ensinou no final de seus Exercícios; uma oração que sempre me parece muito elevada, até o ponto de quase não me atrever a rezá-la, e que, entretanto, sempre deveríamos retomar: *Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, a minha inteligência e toda a minha vontade, tudo que tenho e tudo o que possuo. Vós me destes; a Vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso; de tudo dispõe segundo a vossa vontade. Dai-me o vosso amor e a vossa graça que isso me basta* (Exercícios Espirituais, 234). □

**Excertos da Carta Encíclica SPE SALVI
do Sumo Pontífice Bento XVI,
apresentada em Roma, no dia 30 de
novembro de 2007. (1, 24, 25, 26, 27)**

SPE SALVI facti sumus - É na esperança que fomos salvos, diz São Paulo aos Romanos e a nós também (Rom 8,24). A redenção nos é oferecida no sentido de que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar nosso tempo presente ainda que custoso.

O que podemos esperar? E o que não podemos esperar? Antes de mais nada, devemos constatar que um progresso por adição só é possível no campo intelectual. Aqui, no conhecimento crescente das estruturas da matéria e correlativas invenções cada vez mais avançadas, verifica-se claramente uma continuidade do progresso rumo a um domínio sempre maior da natureza. Mas no âmbito da consciência ética e de decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova e sujeita a suas decisões.

Conseqüência de tudo isto é que a busca sempre nova e trabalhosa de certos ordenamentos para as realidades humanas é tarefa de cada geração: nunca é uma tarefa que se possa simplesmente dar por concluída. As boas estruturas ajudam, mas por si só não bastam. O homem não poderá jamais ser redimido simplesmente a partir de fora. Não é a ciência de redime o homem. O homem é redimido pelo amor. O ser humano necessita do amor incondicionado.

Neste sentido, é verdade que quem não conhece a Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida (cf Ef 2,12). A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as desilusões, só pode ser Deus. Se estivermos em relação com aquele que é fonte de vida, com aquele que não morre, que é a própria vida e o próprio amor, então estamos na vida. Então, “vivemos”.

PRINCÍPIOS DA DOUTRINA SOCIAL CRISTÃ



Autores apontam três pilares para a doutrina social cristã: personalismo, subsidiariedade e pluralismo. Entende-se por personalismo a convicção de que a pessoa humana possui uma dignidade que não pode ser reduzida ou negada em nome de algum bem coletivo. É afirmar que o fim da sociedade é desenvolver e enriquecer a pessoa humana individual. O personalista recusa-se a subordinar o ser humano à coletividade. A subsidiariedade sustenta que nenhuma organização deve ser maior do que o necessário e que o que pode ser efetivamente realizado por uma unidade menor e de mais modestas proporções não precisa ser feito por unidades mais altas, maiores e mais abrangentes. Há um preconceito em relação a

entidades locais quando se discute a organização social. Não se trata de opor-se sistematicamente ao Estado ou a outras entidades de larga escala; ambas são necessárias e naturais. A subsidiariedade estabelece um critério pelo qual a intervenção da unidade social maior deve ser justificada caso a unidade menor não tenha a capacidade nem condições de cumprir sua tarefa social.

O terceiro pilar é o pluralismo, que afirma que uma sociedade saudável é caracterizada por uma ampla quantidade de grupos intermediários florescendo livremente entre o indivíduo e o Estado. Dentro da sociedade é necessário haver um grande número de organizações para permitir a interação social e promover a participação dos indivíduos na atividade grupal. Uma sociedade equilibrada fomenta estas estruturas de mediação de tal modo que a vida pública não venha a ser anulada pela vida governamental ou estatal.

Estes três pilares e mais um provado entendimento da natureza humana ajudam a dar uma idéia comunitária à doutrina social cristã. O otimismo do catolicismo no que tange à capacidade da pessoa de agir por outros motivos além do interesse próprio, significa que criando uma ordem social, instituições podem apoiar-se em disposições favoráveis à cooperação e autodoação, não somente em competição. A visão benigna da natureza humana professada na teologia católica evidentemente conduz a uma visão também positiva no pensamento social católico. Diferentemente de Hobbes, o ponto de vista católico não aceita que o Estado seja necessariamente opressor, mesmo quando medidas coercitivas algumas vezes se tornem necessárias. O Estado como outras instituições sociais, surge naturalmente da interação de pessoas que criam uma série de mecanismos organizacionais de tal modo que atividades compartilhadas sejam encorajadas e os bens obtidos, repartidos. □

Traduzido de "Fullness of faith" de Michael J. Himes e Kenneth R. Himes, Paulist Press, N.Y., 1993, p. 38

Paulo Kroeff

Psicólogo. Especialista em
Terapia de Casal e Família.

Mestre em Educação.

Doutor em Psicologia.

Professor da Clínica de
Atendimento Psicológico,
do Instituto de Psicologia.
da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Reproduzimos aqui, o artigo

de Paulo Kroeff

"Autoconhecimento e
desenvolvimento pessoal:

contribuição da
logoterapia", Revista
Cultura e Fé n. 119, out-dez
2007, p. 11-15, respeitada
publicação do IDC, Instituto
de Desenvolvimento
Cultural de Porto Alegre, RS,
com a antecipada
permissão de sua direção.

AUTOCONHECIMENTO E DESENVOLVIMENTO PESSOAL: CONTRIBUIÇÃO DA LOGOTERAPIA



Recebi a incumbência de apresentar qual seria a contribuição da logoterapia para o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal.

A logoterapia é uma proposta para o atendimento psicoterápico de pessoas. A palavra logoterapia é composta por dois termos: "terapia" que significa *cuidar, curare* "logos" que poderia ser traduzida por *significado* ou *sentido*. Ou seja, logoterapia seria uma *terapia centrada no sentido*. O criador da logoterapia foi Viktor Emil Frankl, um psiquiatra vienense que faleceu recentemente, em 1997. Frankl costumava dizer que cada época precisava de um tipo específico de psicoterapia e que a logoterapia, pelo fato de colocar como elemento central de sua teoria o sentido da vida, seria a terapia para o mundo contemporâneo que se debate com questões sobre o significado da existência humana, convivendo com problemas relacionados a uma sensação de vazio ou frustração existencial.

Como em outras escolas, além de ser uma proposta psicoterápica, a logoterapia é também uma antropologia e uma filosofia, ou seja, uma forma de conceber o ser humano. Permitam-me citar Frankl: "Não há psicoterapia sem uma teoria do homem e uma filosofia de vida embasando-a. Intencionalmente ou não-intencionalmente, a psicoterapia é baseada nelas" (Frankl, 1970, p. 15).

Podemos, então, considerar que todas as psicoterapias propõem, implícita ou explicitamente, uma antropologia. Sendo assim, todas têm propostas quanto ao que conduz ao auto-conhecimento e ao desenvolvimento pessoal. Para Frankl (1970), as concepções antropológicas levam às aplicações clínicas da logoterapia.

Frankl costumava localizar a logoterapia dentro das correntes mais amplas do existentialismo e do humanismo. Sabemos que o existentialismo e o humanismo apresentam muitas ramificações e os seus significados variam amplamente. Contudo, talvez, pudéssemos dizer que algumas características comuns

destas correntes, que também são fundamentos na logoterapia, são as crenças de que o ser humano é livre e, portanto, responsável, e que é capaz de liberar forças positivas de dentro de si mesmo, levando-o à auto-superação e ao desenvolvimento.

Diz o existencialismo que temos que nos defrontar com alguns pressupostos de nossa existência, que são inherentemente geradores de angústia. Estes pressupostos são a morte, a liberdade, a solidão e a questão do significado da vida.

O fato de existir nos obriga a conviver com o conhecimento de nossa futura não existência. Saber isto é um importante fator de angústia do ser humano. Não nos deve paralisar, mas lembrar a importância de realizar ações responsáveis que nos conduzam à realização dos sentidos de nossa vida.

A liberdade é geradora de angústia pois nos obriga a fazer opções, a escolher caminhos, dando-nos a pesada responsabilidade pelas decisões que tomamos. Refletindo sobre o peso que a liberdade nos impõe, Sartre costumava dizer que "estamos condenados à liberdade", mostrando que não podemos deixar de decidir.

Somos seres sociais, mas temos que conviver com a solidão. Só estamos realmente preparados para a convivência quando também somos capazes de suportar a solidão.

Por que vivemos? Para que vivemos? Responder a estas perguntas é fundamental para o ser humano. As várias possibilidades de sentido da vida e a necessidade de optar por alguns deles é fator gerador de angústia, além da possibilidade de a pessoa não estar encontrando este significado. Teria que conviver com o que Frankl denomina de vazio e frustração existenciais.

Apesar de haver na logoterapia alguns pressupostos sobre a natureza humana, não há a crença de que haja uma natureza humana pronta, que deve ser simplesmente amadurecida e liberada de

constrangimentos internos ou externos. Pelo contrário, há uma crença muito marcada de que nossa personalidade, nossa forma de ser, nossas formas de relacionamento, nosso estilo de vida, são construídos paulatinamente, e que esta construção é o resultado de decisões e de ações que o indivíduo vai tomando durante a sua vida, guiado pelos valores que vai adotando, e pelos objetivos que vai escolhendo como significativos e merecedores de seus esforços. Fica evidente que esta concepção de natureza humana implica uma enorme responsabilidade colocada sobre a pessoa: são necessários um grande auto-conhecimento e a disposição para esforços continuados visando à construção do que deve ser um monumental projeto de vida: nossa personalidade.

Penso que uma das contribuições mais significativas da logoterapia é sua visão antropológica. Diz Frankl: "O conceito de homem da logoterapia está baseado em três pilares: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida" (Frankl, 1970, p. 16). Estes três pilares podem ser mais explicitados em algumas frases de Viktor Frankl:

1 A tese que nos serviu de ponto de partida: "ser homem é ser livre e ser responsável." Aqui Frankl resgata a crença de que o ser humano não é determinado, mas é autodeterminante. Contudo, ele reconhece que a liberdade do homem não é ilimitada nem é liberdade de condições: é principalmente "liberdade para tomar uma posição frente a quaisquer condições que possam confrontá-lo" (Frankl, 1970, p. 16). As ações da pessoa não podem ser compreendidas unicamente pela redução a explicações biológicas, psicológicas, sociológicas ou econômicas. Ou seja, o homem não é um joguete destas forças. Pode se opor a elas; pode decidir, apesar delas: não se pode explicar a si mesmo simplesmente recorrendo a estes determinantes.

^(*) Apresentado no Encontro "Níveis de Excelência nas Organizações Humanas - Aplicação dos princípios evolucionários ao estudo do comportamento humano". Promoção: UFRGS - Escola de Administração. Núcleo para a Excelência Humana: Sociedade Sul-riograndense de Medicina Psicosomática. Dia 15/08/2003. Porto Alegre -RS.

2 Uma segunda frase: "O homem é um ser em busca de sentido". Para Frankl, esta busca por sentido é a força motivacional básica do ser humano, que não busca a felicidade diretamente, mas uma razão para ser feliz.

3 A terceira frase de Frankl afirma que "o significado da vida difere de um homem para outro, de modo que resulta completamente impossível definir o significado da vida em termos gerais." Apesar de não se poder falar de um sentido de vida geral, Frankl dá indicações de áreas onde o sentido pode ser encontrado. O ser humano seria atraído por valores. Frankl fala de três classes de valores: a) valores de criação (um exemplo seria o trabalho que a pessoa exerce); b) valores de vivência (um exemplo seria o amor); c) valores de atitude, que são as posições e ações que adotamos frente às adversidades da existência. Estas três possibilidades de valores permitem dizer que a vida sempre tem sentido, "mesmo no sofrimento e no fracasso", como afirma Frankl.

Frankl diz que o sentido da vida encontra-se no mundo. Com isto quer ressaltar que somos seres abertos ao mundo, ou autotranscendentes: temos que descobrir no mundo os valores que darão significado às nossas vidas.

Tentando responder ao questionamento implícito na proposta do *Núcleo para a Excelência Humana*, da UFRGS, poderíamos dizer que o ser humano, no caminho para atingir a excelência, segundo a logoterapia, seria aquele que:

a) teria consciência plena de sua liberdade e dos constrangimentos a ela, sabendo que mesmo que haja limitações à sua liberdade, o ser humano sempre é e permanece livre, tendo sempre opções, não sendo pré-determinado

mas autodeterminante, nem que seja para exercer o que Frankl chama da última das liberdades humanas: a de decidir sua atitude. Sabedor de sua liberdade, estaria plenamente consciente da responsabilidade que ela implica e da impossibilidade de abdicar da mesma;

- b) teria estabelecido sentidos para a sua vida ou estaria no processo de busca para encontrá-las;
- c) seria guiado pelos valores que adotou para o estabelecimento ou a busca do sentido da vida;
- d) seria capaz de ser autotranscendente, aberto para o mundo e para os outros, opondo-se ao autocentrismo e ao atendimento exclusivo de seus desejos e necessidades;
- e) seria capaz de reconhecer que os reducionismos - biologismo, psicologismo, sociologismo - são empobrecedores do ser humano, que não pode ser explicado em suas realizações e manifestações mais elevadas por uma redução a uma determinada dimensão ou forças inferiores. O ser humano na sua tridimensionalidade integral, não é reduzível a uma fórmula de ser "nada mais do que...", pois é "muito mais do que...";
- f) seria guiado pela esperança, sabedor que se um sentido de vida não é possível, outros estarão disponíveis, e que apesar da tríade trágica da existência humana - culpa, sofrimento, morte - pode-se manter o que ele chama de um "otimismo trágico", o que permitiria dizer sempre "sim" à vida, descobrindo e fazendo emergir de dentro de si "a força desafiadora do espírito humano", que lhe possibilita conviver e lidar com condições adversas.

Em resumo, é um ser livre e responsável, com um sentido para a sua vida, ou em busca do mesmo, que é autotranscendente e não reducionista, guiado por valores, pela esperança e pela capacidade de lidar com os revezes da existência, não se deixando abater por eventuais fracassos. □

Referência:

Frankl, V.E. *The will to meaning*. New York: The New American Library, 1970.

HOMENAGEM
PÓSTUMA



Flávio Vieira de Souza

☆23.02.1934 †16.03.2008

Ao mestre, com carinho...

Desde 1º de agosto de 1969, data de seu ingresso na FEI, o Prof. Flávio dedicou-se sobretudo a atividades de magistério, lecionando Filosofia, Cultura Religiosa, Sociologia e Noções de Psicologia Aplicada ao Trabalho, e ocupando cargos pedagógicos.

Admiravelmente inteligente, culto e eloquente, tratava todos com muito respeito e consideração. Sua presença era marcante nos eventos acadêmicos do Centro Universitário da FEI. Otimista incorrigível e sempre solícito, o professor Flávio foi e continua sendo uma referência para nós.



Flávio, como mestre de cerimônia na Semana da Qualidade (2005)



Flávio aos 11 anos de idade

Alguns dados biográficos

Flávio Vieira de Souza nasceu na cidade do Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, em 23 de fevereiro de 1934, filho de Nelson Jorge de Souza e Maria Edith Vieira de Souza. Era casado com D. Claudete Figueiredo de Souza.

De família profundamente cristã, fez seus estudos secundários no Externato São José, Rio de Janeiro, GB, dirigido pelos Irmãos Maristas. Diplomou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Mediânea, Nova Petrópolis, RJ (1958). Diplomou-se em Teologia pela Universidade de Innsbruck, Áustria (1964). Em 1965, no Instituto Lumen Vitae, Bruxelas, Bélgica (agregado à Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma), fez o curso de Catequese e Pastoral. Pertenceu à Companhia de Jesus e dela se desligou em 7 de fevereiro de 1969. Em 15 de fevereiro de 1977 recebeu o título de Doutor em História Social (USP) com a tese "O 'De Pallio' e a Romanidade de Tertuliano".

Poliglota – falava alemão, inglês, francês, espanhol, italiano e latim –, traduziu diversos livros do alemão para o português. Um deles foi "O jogo das contas de vidro" (em colaboração).

Em suas atividades profissionais, o magistério superior foi marca maior. Lecionou em várias instituições mas, com certeza, a FEI, Faculdade de Engenharia Industrial, foi sua menina-dos-olhos.

A partir de 2006 seus problemas de saúde foram se avolumando, o que o obrigou a restringir suas ocupações. Faleceu em 16 de março de 2008.

HOMENAGEM PÓSTUMA

Os editores julgaram oportuno inserir aqui um dos poemas que aparecem no livro que ajudou a traduzir e uma resenha de sua tese.

Lamento

A nós não foi doado um ser.

Somos apenas correnteza,

Fluímos de bom grado pelas formas:

Pelo dia e a noite, a gruta e a catedral.

Por elas penetrados, incitados

Pela sede de ser.

Assim nós vamos sem repouso,

Enchendo as formas uma a uma,

Sem que nenhuma delas seja para nós

A pátria, a ventura ou a dor.

Estamos sempre a caminhar,

Somos sempre visitantes,

Não ouvimos o apelo do campo nem do arado,

Para nós não cresce o pão.

Os desígnios de Deus sobre nós não sabemos,

Ele brinca conosco, barro em sua mão,

O barro que é mudo e tem plasticidade,

Que não sabe nem rir nem chorar:

Barro amassado, porém jamais queimado.

Ah! Quem me dera transformar-me em

dura pedra!

Permanecer enfim!

É que nós aspiramos à eternidade,

Mas nossa aspiração é apenas,

Eternamente, um medroso tremor,

E não virá jamais a ser repouso em nossa via.

O Jogo das Contas de Vidro

Hermann Hesse, prêmio Nobel de Literatura

Editora Brasiliense, 1969

Tradução: Flávio Vieira de Souza (em colaboração)

O “De Pallio” e a Romanidade de Tertuliano (*)

Renato Ladeia

Professor Doutor do Departamento de Administração do Centro Universitário da FEI

A tese de doutoramento em História Social, defendida no departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1976, refere-se a uma tradução crítica do opúsculo *Do Pallio* de *Quintus Septimus Tertullianus Florens*, autor cristão latino, nascido em Cartago, na África do Norte, que viveu em fins do século II e início do século III D.C. Na tese, o seu autor precede a tradução com a apresentação da vida e obra de Tertuliano, visando a sua contextualização histórica. A tradução foi baseada na edição de A. Gerlo¹. O trabalho é enriquecido com comentários clássicos, especialmente de Claude de Saumaise. A tradução alemã de H. Kellner, da Bibliothek der Kirchenväter, Munique, 1912, também serviu de apoio.

A tese, apesar da existência de um outro trabalho de livre-docência na cadeira de Língua e Literatura Latina da FFCL da USP, do prof. Dante Tringali, se caracteriza pelo ineditismo no idioma português ao analisar o tema de forma diferenciada, com uma oportuna abordagem histórica. Não há, conforme as palavras do autor, uma excessiva precisão lingüística e estilística, o que dá ao trabalho de tradução um estilo mais leve, mais fluido, sem a aspereza do original em latim.

A tese, além da tradução crítica do texto de Tertuliano, descreve o momento histórico do escritor, bem como a sua formação cultural e intelectual dentro do espírito romano e a influência africana na defesa do cristianismo.

(*) Resenha da Tese de Doutorado do Prof. Fávio, disponível na Biblioteca da Universidade de São Paulo e na Biblioteca Pe. Aldemar Moreira, campus SBC.

¹ Corpus Christianorum, séries Latina II, Tertullianus, Opera Montanistica II (p. 733-750), Turnholti (Bélgica), 1954.

HOMENAGEM PÓSTUMA

O primeiro capítulo da tese é dedicada a Tertuliano, sua vida e sua obra, apresenta uma série de notas explicativas referenciadas por obras clássicas o que é indicativo da elevada cultura erudita do autor da tese. O segundo capítulo, Época de Tertuliano, "... coincide com um momento importante da História de Roma: início do que se convencionou chamar a crise do III século, época de profunda transformação, que prepara os novos caminhos de Diocleciano e Constantino e que tem suas primeiras raízes no tempo de Marco Aurélio" (p. 29). O capítulo III, Tertuliano, o Autor do De Pallio, destaca-se pelos elogios ao estilo do escritor cristão e sua vasta erudição, pois escreveu também em grego, muito embora suas obras no idioma de Aristóteles não tenham chegado até nós. Por estas e outras razões, Tertuliano, é considerado por Harnack como o verdadeiro criador do latim eclesiástico.

No capítulo IV, O De Pallio, encontram-se as referências sobre a obra traduzida e analisada, bem com o propósito da tese: "A atermo-nos ao conteúdo deste opúsculo, trata-se de uma defesa. Tertuliano justifica-se diante de seus concidadãos por usar o pálio em lugar da toga. É uma obra cheia de vivacidade, originalidade e ironia, e repleta de referências à cultura literária da época" (p. 48). No capítulo V, De Pallio e o Império Romano, é descrito como a obra foi vista pela maioria dos críticos que a considerava como uma das habituais objurações de Tertuliano contra os pagãos romanos, simbolizados pelo Império. O pálio, símbolo da simplicidade e da moralidade, opõe-se à toga, veste nacional dos romanos, aqui equiparada à decadência moral.

O Prof. Flávio Vieira de Souza conclui que, embora o estilo não fique muito longe das demais obras de Tertuliano, sua temática decepciona aqueles que se habituaram a ver nele um escritor sisudo. Ao fazer a defesa de uma vestimenta diferente, uma crítica aos costumes da época, o escritor mostra-se um cronista mordaz e severo da sociedade pagã (p. 139 e 140).

Enfim, apesar da tese sugerir um interesse mais

restrito aos historiadores especializados em temas da antiguidade clássica, vale a pena a sua leitura pelas interessantes e minuciosas informações sobre o momento histórico nos primeiros séculos do cristianismo. O texto de Tertuliano, pela riqueza de detalhes sobre a cultura e valores da época e pelo método de exposição e defesa do tema, mostra-nos os profundos conhecimentos do escritor sobre o seu tempo. Além disso, é sobejamente curioso entender como uma questão aparentemente sem relevância como o uso de uma indumentária podia suscitar tanta polêmica. A crítica de Tertuliano tem um caráter moralista e o texto elegante do tradutor nos permite perceber a ironia do escritor ao comentar os hábitos de vestimentas reinantes e suas mudanças, quando afirma: "Portanto tais pessoas que mudam os trajes naturais e decentes merecem que o povo os fixe com olhar severo e as aponte com o dedo balançando a cabeça" (p.81).

Apesar de a temática ser aparentemente árida para os não habituados aos temas clássicos, a tese permite uma excelente oportunidade de um contato com o cotidiano do Império Romano nos primeiros séculos da era cristã. Isso através de um texto bem escrito e ao mesmo tempo fluido e entremeado de bom humor, condição que faz justiça ao nosso saudoso professor.



Flávio, aluno do Colégio São José (década de 40)

HOMENAGEM PÓSTUMA

Descanse em paz, meu irmão

Pe. Theodoro Peters, S.J.
Presidente da FEI

Irmãos e Irmãs que configuram conosco a Comunidade Universitária da FEI: paz e esperança da parte de Deus nosso Pai, conforto na ressurreição de Jesus Cristo e a consolação e a força do Espírito Santo.

Inaugurando a Semana Santa de 2008, o professor Flávio partiu para o encontro definitivo com Deus, na madrugada do domingo de Ramos, celebração da entrada de Jesus em Jerusalém, aclamado como Profeta de Deus.

Nestes anos todos, acompanhamos o serviço do Professor Flávio neste centro universitário, onde era unanimidade sua presença qualificada, seu otimismo a toda prova, sua loquacidade agradável, comunicadora da profundidade de sua alegria e convicção cristã. Sim, Flávio construiu fraternidade, comunicando naturalmente suas convicções profundamente arraigadas em sua formação e personalidade. Sabia tratar com todas as pessoas. Era universal no trato, cada pessoa se sentia especialmente reconhecida e considerada por ele. Tanto é verdade que no domingo

seus companheiros de docência e serviço universitário chegavam para o velório e para o último adeus, confortando seus parentes próximos. Preparava com esmero suas comunicações e as apresentava com a espontaneidade nortista, carioca, paulistana, de quem havia acabado de construir o pensamento ou elaborar a idéia.

Foi o idealizador e a alma das Semanas de Qualidade, apoiando nossas escolas superiores a refletirem sobre seu agir, sua identidade, sua missão e vocação. Estava sempre presente, animando, provocando, incentivando a todos a se expressarem e contribuírem com suas sugestões, perguntas ou questionamentos. Flávio faz parte de nossa cultura, esperança e segurança. Seu desempenho expressava sua alma. Neste campus e no de São Paulo, estava mais do que à vontade, era parte. Derramava-se com toda sua exuberância de palavras, gestos e atitudes. Estava sempre feliz, exaurindo-se diante de nós, seu público preferido. Homem culto partilhou seu saber escrevendo, corrigindo, publicando, preparando as revistas, incentivando, percebendo qualidades, veios a serem explorados ou aprofundados. Foi sempre companheiro solícito.

Seus últimos anos foram também de luta contra a doença que o foi enfraquecendo e debilitando até que,



Flávio, aluno do Colégio São José (década de 40)



Flávio entre seus colegas da Companhia de Jesus (década de 60)

^(*) Homilia na Capela do campus SBC, durante a Celebração Eucarística em memória do Prof. Flávio (19 de março de 2008).

HOMENAGEM PÓSTUMA

exausto entregou seu espírito confiante a Deus em quem acreditava, esperava e confiava a todos nós. Estive com ele em duas situações especiais em que me solicitava como sacerdote. A primeira, no início da semana de seu aniversário em fevereiro, no hospital. Estava preocupado com uma possível cirurgia de risco e quis preparar-se, recebendo os sacramentos da religião com muita esperança e segurança nas mãos de Deus. Tanto que, a seguir, seu organismo reagiu, tendo alta e podendo estar comemorando seu aniversário em casa, na véspera e no dia, com muita satisfação e loquacidade. A segunda, na sexta-feira passada em que expressava seu desejo de participar da Eucaristia, estando acamado e sem disposição para alimentar-se, o que aconteceu por volta de meio-dia em seu quarto, onde acompanhou com esperança e muita sintonia todo o ceremonial.

Ele quis dar-me o missal, utilizado na celebração por mim, e eu lhe disse que era necessário que o guardasse, pois lhe seria útil para suas orações.

Foi a nossa despedida, neste mundo, na fé e na esperança. Domingo de madrugada foi ao encontro do Senhor da Vida sem fim. Partilha da Comunhão dos Santos, com todos que aceitaram a Lei de Deus em seus corações, mentes e atitudes. Entrou na alegria do

Senhor. "Vem e vê", foi sugestão de Jesus aos primeiros discípulos de João Batista que o seguiam pelo caminho, para descobrirem onde morava o Mestre, o Rabi. Foi para ver a Deus. Convicto da palavra de Jesus: "daquele que crer jorrarão rios de água viva", "eu e o Pai viremos a ele e nele faremos nossa morada". "A vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, único Deus verdadeiro e àquele que tu enviaste, Jesus Cristo". (Jo 17,3)

O cristão é morada, é templo da presença do Deus vivo. É esta convicção que anima a nossa celebração. Celebramos a memória feliz de Flávio, herdamos seus ideais, partilhamos momentos verdadeiros de fé e de esperança segura em Deus com ele. Ele é a razão da nossa oração hoje nesta bela Igreja, na qual tanto orou, na qual partilhou a Eucaristia e a Mesa da Palavra de Deus. Nesta quarta-feira santa, rezamos por ele e por todos nós. Para que Deus o recompense porque assumiu sua vocação como missão até o fim. Em sua casa antes da missa me recomendou o centro universitário. Estamos orando nas intenções de todos nós que construímos este Centro Universitário, para que a nossa sociedade receba pessoas capazes de testemunhar com sua vida e serviço a presença de Deus, habitando nossas famílias, bairros, cidades e ambientes de trabalho.



Flávio adolescente, numa festa do Colégio São José (década de 50)



Flávio como Vice-diretor Comunitário da FEI (década de 80)

HOMENAGEM PÓSTUMA

Nesta quarta-feira santa a Igreja nos coloca no ambiente de Jesus em seus últimos instantes de liberdade entre nós. É o grande santo e profeta Isaías descrevendo a situação do servo de Deus, seu povo, sofrendo no exílio, considerado condenado à morte infamante, que coloca em Deus sua confiança inteiramente. Mesmo sofrente é fiel na escuta diária da palavra de Deus, constitutiva de sua relação filial e confiança inabalável em Deus. Esta oração garante reciprocamente a fidelidade divina e humana, para que o servidor de Deus possa testemunhar com a segurança de não ser esmagado em seu sofrimento e com a certeza de ser atendido e jamais demovido. Deus confia a Missão, o Homem aceita a Missão. Deus dá a força para levar avante o que foi pedido, concedido e aceito pelo homem. Esta imagem do sofredor é percebida pela Igreja Primitiva como argumento para entender a paixão, morte e crucifixão de Jesus.

Mateus, o evangelista, apresenta à nossa contemplação Jesus preparando sua Páscoa no contexto da traição humana. Jesus, à mesa, revela os corações profundamente, os discípulos ficam tristes e inquietos. Jesus denuncia o pecado e sugere conversão. Pecar, trair, é perder o sentido da vida, da vocação, do testemunho. Contrariar a intenção divina

é dizer não à vida recebida. Tal contradição de recusa da vida oferecida por Deus em Jesus é vista como “melhor não ter nascido”, do que recusar a vida oferecida em Jesus, o Filho do Homem, o Filho de Deus, Messias e Salvador da humanidade. Jesus, revelando a Judas e a cada um de nós, o pecado que iria fazer e a ele oferece, como a cada um de nós, a alternativa de voltar atrás pela conversão, pela mudança de atitude, pelo vencimento da má inclinação da vontade, Jesus a todos nós oferece a mão, o apoio, a vida. Ele é o caminho para Deus, nele se revela a verdade de Deus, o seu amor que permanece e que ninguém poder tirar ou afastar. Nem o sofrimento, nem a alegria, nem a dor, nem o luto, nem a morte, nem a vida. “Nada poderá nos separar do amor de Deus que foi derramado em nossos corações”.

Flávio partiu deixando-nos a continuidade de nossas tarefas, de nosso serviço à fé e a promoção da justiça para que “todos tenham acesso à vida em plenitude”, através de nossos gestos, palavras e testemunho em nossa construção de uma comunidade universitária, iluminada pela luz e referência de Cristo Jesus, nossa Páscoa e certeza de vida definitiva.

Descanse em paz meu irmão, na presença de Deus e de todos os seus santos.



Flávio ao lado do Pe. Aldemar Moreira, S.J., durante a visita do Geral da Companhia de Jesus, Pe. Kolvenback (1992)



Flávio, numa das Semanas da Qualidade, que teve a presença de D. Luciano Mendes de Almeida (2004)

Flávio nos deixou...

Pe. Paulo D'Elboux, S.J.

Reitor do Colégio Santo Inácio - RJ

Fávio nos deixou... a estas horas podemos imaginar sua chegada ao céu com aquele seu jeito descontraído fazendo com que todos se reunissem para acolhê-lo e logo em seguida começassem a rir das histórias engraçadas que deve estar contando...

Ele passa para nós a imagem de alguém que recebeu mil talentos de Deus e os devolveu multiplicados centenas de vezes.

A riqueza de sua personalidade, essa jóia preciosa, iluminava com seu brilho as dimensões de uma história de vida tão simples e generosa.

Através de seus lábios, de seus olhos, de seus gestos e sobretudo de sua inteligência transmitiu a alegria de quem sempre estava bem e até podia até brincar com a situação que a gravidade da doença lhe causava.

Deixa-nos o testemunho do esposo amoroso, do pai carinhoso, do profissional dedicado, do amigo fiel sobretudo no carinho com que amava a FEI como se fosse a sua casa, a sua família.

Certamente aquele a quem serviu na fidelidade de sua fé lhe disse ao dar-lhe o abraço de acolhida: - Vem, servo bom e fiel, entra na alegria do teu Senhor!



Flávio em Florença (2002)

Agüente aí, companheiro, que eu já chego...

Pe. Guy Ruffier, S.J.

Diretor da Escola Técnica de Eletrônica Francisco Moreira da Costa, Santa Rita do Sapucaí - RJ

Para nós, uma saudade muito grande. Para os anjos e santos, o início de uma sessão infinita de risadas e festa. Deve ter sido um alvoroço a chegada deste nosso estimadíssimo colega nos pagos eternos. Muitas vezes, por pura necessidade de descansar e rir um pouco eu telefonei para ele, em São Paulo.

Sempre lembrávamos os sotaques e cacoetes de nossos professores do Lumen Vitae de Bruxelas. Era uma terapia. Que a luz que ele irradiou, durante seus exatos 74 anos de vida terreste, o ilumine, nas dimensões sem dimensões da fonte de toda luz.

Agüente aí, companheiro, que eu já chego...



Flávio fazendo a leitura do Evangelho na capela da FEI (2006)

HOMENAGEM PÓSTUMA

HOMENAGEM PÓSTUMA

Meu irmão Flávio

Maria Lúcia

(com a colaboração de Marilda, Marilena e Marília, suas outras irmãs).

Meu irmão foi uma pessoa muito especial e diferente – alternava bom-humor e seriedade.

Lembro-me de alguns fatos marcantes e inesquecíveis de nossa infância e adolescência. Ele sempre foi estudosíssimo. Recordava a matéria já dada, estudava a que estava sendo ministrada e ia além, buscando conhecer a que ainda seria dada. Com isso, era sempre um aluno brilhante e que, no testemunho de um professor à nossa mãe, tornava muito difícil a tarefa de quem lhe ministrava aulas, tão elevado era o nível de seus conhecimentos.

Em nossa casa havia um quarto em cima da garagem, que era o local de estudos do Flávio. Lá era o seu mundo, e aí de quem ousasse perturbá-lo ou mexer em suas coisas. Tinha o hábito de estudar andando pra lá e pra cá enquanto, com uma das mãos, jogava uma bolinha para o alto.

Há inúmeras passagens interessantes sobre sua vida escolar. Além das matérias do currículo, ele se

interessava por adquirir outros conhecimentos. Durante o período em que cursava o ginásial, interessou-se pela vida de D. Pedro II, tendo lido várias publicações sobre o assunto. O mesmo ocorrendo com os “Sermões do Padre Vieira”, coleção que, a seu pedido, nosso pai adquiriu.

Flávio herdou de papai o interesse por charadas, que ele não só resolvia, como também criava. Tais charadas, que eram assinadas com o pseudônimo de De Souza II (papai era De Souza), eram publicadas em uma revista especializada.

Sua trajetória escolar teve início no Instituto de Educação, onde cursou o Jardim de Infância, fez parte do primário no Colégio São Bento e foi aluno do Externato São José (Maristas) nas séries seguintes, período em que ele mais se destacou. Havia anualmente uma maratona em que os alunos se inscreviam para provas em todas as matérias, ao término da qual acontecia uma solenidade no auditório para entrega de medalhas aos vencedores. Toda a família comparecia em trajes de festa para prestigiar o grande feito do Flávio, invariavelmente ganhador de todos os ouros, com exceção de Desenho, que nunca foi o seu forte, matéria na qual ele ficava com a de prata ou a de bronze. Obviamente todos nós ficávamos orgulhosíssimos com as vitórias do nosso irmão! Papai montou um painel com essas medalhas que, a cada ano que passava, mais cresciham em número. Apenas uma vez ele deixou de participar da maratona. Foi quando papai adoeceu gravemente e Flávio fez uma promessa no sentido de abdicar da participação (e, em consequência, da enxurrada de medalhas de ouro) em favor de sua cura, o que felizmente ocorreu.

Nesse período revelou-se outro traço marcante do nosso irmão, a solidariedade. Com muita freqüência apareciam lá em casa colegas dele com dificuldades em determinadas matérias e Flávio, pacientemente, transmitia-lhes os ensinamentos necessários.



HOMENAGEM PÓSTUMA

Outra faceta da personalidade do Flávio adolescente era a de guardião e protetor das irmãs, que atingia principalmente a mim e à Marilda, que éramos as mais próximas dele em idade. Era uma proteção engenhosa e criativa, posta em execução especialmente quando ele sabia que tínhamos namoradinhos. Quando algum deles nos telefonava, Flávio pegava a extensão do aparelho e, esfregando os dentes de um pente em uma caixa de fósforos, produzia um som de reco-reco que inviabilizava a conversa... Outro fato que me recorda essa faceta foi o de uma revista de fotonovelas que havia naquele tempo, muito apreciada por adolescentes, chamada Grande Hotel. Certa vez, uma colega me emprestou um exemplar e, dias depois, ao tê-la pedida de volta, quase entrei em pânico, pois não a encontrava, por mais que revirasse a casa em sua busca. Eis que surge meu "protetor" e me apresenta uma pequena caixa, do tamanho de um sabonete, dizendo: – a revista está aqui dentro! Quando a abri, lá estavam ... as cinzas da revista! E com direito a sermão: "– isso é para você se interessar por uma literatura de melhor qualidade!" Valeu, pois nunca mais aceitei revistas emprestadas, muito menos a Grande Hotel.

Afora estas duas características marcantes de "estudante brilhante" e "protetor incendiário" havia outras particularidades interessantes, sempre voltadas para o crescimento cultural e moral dos irmãos, seis, dos quais ele era o mais velho.

Quando Flávio tinha entre 11 e 15 anos organizou uma biblioteca em seu quarto de estudos, catalogando os livros e fazendo as "carteirinhas" pelas quais controlava a saída e a devolução dos livros, por nós retirados. Organizou, também, uma escolinha num dos quartos da casa, com direito a sineta de início e término de atividades e recreio com direito a merenda. Obviamente, ele era o diretor e professor catedrático de todas as matérias. A mim, como sua assistente, cabia

fazer a chamada. A turma era constituída por nós, irmãos, por primos e vizinhos que quisessem participar. Que bons tempos! Mais ainda, até as galinhas de nosso galinheiro ajudavam em nosso conhecimento de geografia, pois Flávio dava a elas nomes de países e cada um de nós adotava um galináceo. A dele era a Bulgária. Detalhe importante: ele nos ensinava mostrando, no mapa, a localização de cada "homenageada".

Além de estudioso, protetor, diretor, professor, etc, ele era também muito musical. Vivia inventando músicas para mexer (ou implicar) com os irmãos e até com a empregada doméstica. Uma de suas músicas preferidas chamava-se "Jura", que cantava freqüentemente, mesmo no final de sua vida.

E, para finalizar a sessão nostalgia, tem ainda o seu lado prático e despojado. Certa vez, uma unha encravada incomodava bastante seu dedão e ele, por mais que tentasse, não conseguia desencravá-la. Resolveu o problema cortando o couro do sapato de forma que o dedão ficasse de fora. E usava o modelito numa boa... Coisas de que somente o nosso querido irmão seria capaz!

Vejo agora como foi bom haver recordado tanta coisa, revendo em meu pensamento as suas diferentes expressões, comportamentos, peculiaridades e virtudes. Seu exemplo, não só na vida escolar, como nos valores morais, juntamente, sem dúvida, com o exemplo que nos legaram nossos pais, foi importantíssimo para a nossa formação naqueles períodos de nossas vidas. E continuou, no decorrer de toda a sua existência, a iluminar nossa família com palavras belas e sábias, tanto nos momentos de alegria quanto nos de tristeza, e com exemplos de fé, humildade, integridade, fraternidade e bondade.

Acredito que ele, lá em cima, esteja dando boas risadas com estas recordações. E estou certa de que ele continua a nos proteger: não é que eu escrevi tudo isto sem chorar? E até mesmo dando umas boas risadas?

HOMENAGEM PÓSTUMA

Gratidão e saudade

Ayton Novazzi

Professor do Departamento de Matemática do Centro Universitário da FEI
e um dos editores dos "Cadernos da FEI"

Homem de fibra, otimista e muito inteligente, o Prof. Flávio, depois de longo sofrimento, entregou sua alma a Deus no dia 16 de março de 2008, aos 74 anos. Ele se foi, mas continua na memória daqueles que, como eu, tiveram o privilégio de usufruir de sua amizade.

Para quem o conheceu e com ele conviveu, falar do Prof. Flávio será sempre motivo de alegria e satisfação. Tenho muita saudade de seus comentários sobre educação, cultura e religião e, também, de sua imensa coleção de anedotas, as quais contava com invulgar habilidade. Ainda que nem todas fossem muito engraçadas, quando contadas por ele tornavam-se interessantes e prendiam minha atenção. Aliás, seu veio artístico era incomparável: além de exímio piadista e criador de trocadilhos hilariantes, apreciava vivamente música, poesia e literatura.

Embora dotado de invejável capacidade intelectual,

não se vangloriava disso. Ao contrário, era simples, modesto e muito comunicativo, estando sempre aberto a quem o procurasse.

Com brilhante formação teológica e filosófica, era um profundo conhecedor da Sagrada Escritura. Católico fervoroso, ia freqüentemente à capela do campus para, com certeza, agradecer as dádivas recebidas e revigorar sua confiança no Criador nos momentos de adversidade.

Admirado e respeitado por todos por sua competência e inabalável firmeza de propósitos, o Prof. Flávio chefiava o departamento de Ciências Sociais e Jurídicas do Centro Universitário da FEI e era o principal responsável pela edição dos Cadernos da FEI. Sempre buscando a perfeição, era muito meticoloso. Examinava comigo seus originais e aceitava de bom grado eventuais sugestões de mudança nos textos. Pouco antes de falecer, sua saúde estava fortemente debilitada. Mesmo assim, não poupou esforços para começar a organizar o presente número dos Cadernos que, merecidamente, se transformou em homenagem póstuma.

Ao grande amigo Flávio, minha gratidão e saudade.



Flávio em Maceió, 2004



Flávio, na homenagem que lhe foi prestada pelos professores da FEI (2007)

O bom humor e a alegria de viver do saudoso professor Flávio^(*)

Renato Ladeia

Professor Doutor do Departamento de Administração do Centro Universitário da FEI

Encontrar o Prof. Flávio pelos corredores da FEI era sempre surpreendente. Era comum ele ter um repertório novo de anedotas que contava como se fosse um adolescente e soltando sonoras gargalhadas. "Ria de modo a ouvir-se de longe" como diria o poeta português Fernando Pessoa em seu célebre poema o Guardador de Rebanhos.

Mas não pensem, os menos avisados, que sua mente brilhante estava voltada apenas para as anedotas. Sua formação erudita permitia-lhe citar trechos de autores clássicos nos idiomas originais, sempre com a humildade que lhe era característica. Como mestre era um incentivador dos seus alunos, entendendo o ato de ensinar como uma oportunidade de crescer e não uma forma de mostrar poder ou a arrogância do saber. Como colega era sempre um ouvido atento e um coração disposto a oferecer conforto nos momentos difíceis.

Como todo homem culto, era amante da boa poesia e em uma oportunidade me parou no corredor para recitar um poema de Fernando Pessoa, cujos versos ainda soam em minha memória:

*"Valeu a pena?
Tudo vale a pena
se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu
Mas nele é que espelhou o céu."*

A sua memória era prodigiosa lembrando e saboreando cada verso, cada palavra como se estivesse lendo.

Era sempre o mestre de cerimônias dos eventos da instituição. Era ele quem abria, incentivava os debates e encerrava os trabalhos, sempre com bom humor e graça, fazendo trocadilhos espirituosos e inteligentes ou mesmo transformando em anedotas algum fato recente.

A última vez que nos vimos, estava muito pálido e já falava com dificuldade. Conversamos alguns minutos e deu para perceber que as suas forças estavam se esvaindo, mas continuava irônico e brincalhão. "Só dói quando eu rio", teria dito antes de nos despedirmos. Provavelmente sentia dor sempre porque continuava brincando e rindo da vida, apesar dos seus graves problemas de saúde. A doença há alguns anos vinha consumindo a sua vitalidade, mas como era um homem otimista e de muita fibra, não se deixava abater e continuava a sua jornada encarando a vida como uma missão que deve ser cumprida até o último instante.

Nesta madrugada seu corpo não resistiu ao longo sofrimento e deixou a vida e muita tristeza para todos que o amaram e que tinham sempre o conforto de sua alegria e sabedoria. Sua sala estará vazia, mas os seus livros estarão esperando por quem os leia novamente e dêem vida às palavras frias espalhadas por milhares de folhas de papel. Grande parte do que leu estará lá na sua estante, mas cada novo leitor reconstruirá seu conhecimento do seu modo, diferente do jeito dele de ser, de interpretar o mundo, o passado e o futuro.

Enfim, o mundo não se repete e os homens e mulheres também não. Ao partir para a sua última viagem, o nosso querido mestre deixa muitas saudades, mas também bons e alegres momentos dos quais nos relembraremos enquanto durar a centelha de nossa breve passagem pelo planeta azul que não será o mesmo depois dele. Alguma coisa mudou.

HOMENAGEM PÓSTUMA

^(*) Depoimento feito no dia da morte do Prof. Flávio

HOMENAGEM PÓSTUMA

O velho marinheiro

Álvaro Camargo Prado

Professor M.Sc. do Departamento de Mecânica do
Centro Universitário da FEI

Flávio Vieira de Souza foi meu professor.

Mais do que isso, foi meu interlocutor, meu conselheiro e meu amigo.

Talvez ele não soubesse resolver um intrincado problema de cálculo, tampouco como funcionava boa parte dos projetos de nossos alunos, mas isso jamais o impediou de figurar no rol dos mais importantes e queridos professores da FEI.

Sua difícil missão era lembrar a todos nós, sempre, a importância e a transcendência da pedagogia inaciana na formação dos egressos da Instituição. Fazia isso com maestria, porque esta era sua maior motivação: mostrar aos jovens que a FEI é uma escola diferenciada, porque baseia toda sua história nos ensinamentos de Inácio de Loyola e na determinação do Padre Sabóia de Medeiros.

O professor Flávio era nossa memória viva. É dele o projeto desta revista, parte fundamental da divulgação da missão da FEI para todos que dela participam. Era o maior conhecedor da história da Instituição, um dos maiores entusiastas da obra de Sabóia de Medeiros e de seus desdobramentos. Via nos projetos de alunos, como o Baja e o Futebol de Robôs, a grande realização da FEI como escola de ponta no cenário nacional.

Inquieto, curioso, observador e minucioso, Flávio foi um grande pensador. Buscava todo o tempo formas de quebrar a natural resistência dos jovens em adquirir conhecimento em áreas que eles imaginam ser pouco relevantes para sua formação tecnológica. Usava, para isso, todo seu repertório intelectual que, sem sombra de dúvida, era um dos maiores que conheci. Bastava isso para ser admirável, mas ele ia além. Humanista ao extremo, lutava para manter vivos os princípios que

estabelecem as regras básicas de relacionamento entre professor e alunos em busca da transmissão de conhecimentos. Ensinar era seu ofício, aprender era sua paixão.

Discussia qualquer assunto com a tranqüilidade de quem o conhecia com profundidade, ou de quem imprimiria um grande esforço para conhecê-lo. Um dos últimos livros que leu tratava sobre como entender melhor a sociedade da informação. Certamente um trabalho futuro. Sempre admirei seus textos, seus escritos, seu amplo domínio sobre nossa complicada língua.

Não nos faltava também suas palavras de apoio, de conforto. Compreendia a todos nós não só pelos aspectos psicológicos, que ele tanto estudava, mas principalmente porque dividia conosco os mesmos anseios de professor, nossa incansável busca pelo fascínio de ensinar, e a humanidade.

Pesava muito em sua maneira de encarar a vida a fé inabalável, sua íntima convivência com as coisas de Deus. Nunca o vimos sisudo, mesmo já consumido pela doença. Levava muito a sério a alegria de viver, sem a qual o homem não se completa. O riso solto, os jogos de palavras, as piadas constantes o acompanharam até o final.

Flávio tinha muitas lições, mas principalmente a lição de vida. Um grande pastor, com um incontável rebanho. Um missionário sem fronteiras, sem limites. Um homem a frente de seu tempo, uma consciência ímpar sobre a realidade de um mundo em revolução constante. Um grande professor, cujas aulas ainda me recordo, tantas décadas depois de ter passado por suas classes.

Adorava as coisas simples da vida. Preparava suas aulas com afinco, com dedicação inigualável. Um dia chamou-me em sua sala para mostrar a aula que preparara utilizando uma música de Paulinho da Viola, da qual ele ressaltava o refrão: "Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar". Estou certo de que ele continua navegando, como ele mesmo me disse uma oportunidade, cada vez mais próximo de nós.

O amigo de ontem, hoje e sempre

José Afonso de Oliveira

Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Falar do prof. Flávio Vieira de Souza é agradabilíssimo. Convivi com ele quando adolescente e sempre o tive na minha vida muito presente. Ficamos longe durante grande parte de nossas vidas e, para minha alegria e felicidade, voltei a encontrá-lo quando eu já passava dos cinquenta anos. Foram bem uns quarenta, quarenta e cinco anos de distância. O reencontro foi mesmo emocionante, pois que ele não havia mudado em nada, continuando sendo o que sempre foi. Fiquei mesmo profundamente emocionado.

Ele era de grande sinceridade, sempre falava olhando você. Pessoa de finíssimo trato, muito, mas muito preocupado com os outros. Incansável contador de piadas, pelo que ele era bastante conhecido. A risada era sempre geral e, através das piadas ele sempre sabia chegar às pessoas. Homem de profundo conhecimento, humilde, grande trabalhador, excelente amigo. Flávio de Souza era daquelas pessoas que todo mundo se orgulhava, mais do que isso, gostava muito de tê-lo como amigo. Sabia ser sensível com as pessoas, reconhecendo nelas grandes valores. Muito preocupado com a felicidade de todos que o cercavam, para cada um sempre tinha uma piada especial. Como esquecer dele?

Agora deve estar contando piadas em outra realidade; e já podemos escutar todos dando sonoras e gostosas gargalhadas. Claro, a morte sempre nos separa daqueles que um dia foram nossos amigos. Mas a separação do Flávio de Souza é sempre uma presença dele por perto de todos nós, intercedendo junto ao Senhor por nós.

Foi uma imensa alegria poder partilhar a minha vida com ele, a quem admiro profundamente.

Prezado Mestre Flávio que estais no céu junto à constelação dos escolhidos do Senhor

Carla Andrea Soares de Araujo

Professora Doutora do Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas
do Centro Universitário da FEI

Teremos saudades de suas respostas engraçadas, de seu bom humor, de suas piadas, mas seguramente o que vou mais me lembrar é da sua experiência humana diante da vida, da doença, diante do Senhor.

Nas semanas que precederam sua partida, mesmo debilitado, vindo à FEI, o senhor procurou encontrar as pessoas, dizer uma palavra amiga a cada um, como quem deixa uma grande herança, uma jóia que pudesse entregar a cada um. Para alguns o senhor fez questão de separar livros que ajudassem em seus estudos, ou sugeriu leituras que auxiliassem naquele momento da suas vidas; para outros escreveu um cartão, uma mensagem com palavras de ânimo e de amizade.

Vou guardar principalmente como uma grande referência para minha vida seu testemunho, os momentos diante da partida sem melancolia, não como uma despedida, mas cheia de entrega e certeza do destino bom que o Senhor lhe reservou.

Uma semana antes de sua partida, fiquei impressionada e comovida com sua colocação: "Sabe, as pessoas acham que a doença é algo ruim, mas ela me ajudou a enxergar o que é essencial na vida, aquilo que tem mais valor, o valor dos amigos, da família, dos verdadeiros relacionamentos. Eu agradeço a Deus de ter me dado de viver isto, de poder experimentar esta clareza!".

Aceitar e agradecer as tribulações que nos acometem é privilégio dos homens de fé e de oração, e o senhor está entre eles. É uma grande satisfação para mim evocar sua cativante figura. Ela deixou marcas indeléveis no coração e na vida dos que o conheceram.

Descanse em paz, mestre Flávio!

HOMENAGEM PÓSTUMA



Preâmbulo

A mundialização releva de uma evidência, tanto para alguém que está no centro da cidade de São Paulo ou de Nova York, no ABC Paulista ou nos parques tecnológicos mundiais, no sertão do Ceará ou em um *village* esquecido de algum ponto do planeta. Menos evidente, porém, é que o mundo em rede esteja mais humano. De fato, o ser humano atingiu um limiar importante do desenvolvimento de suas capacidades e aperfeiçoou as possibilidades de domínio da natureza, através das ciências e das tecnologias, mas, paradoxalmente, parece ter perdido o controle das consequências e o senso de humanidade. Humanizar o mundo torna-se, portanto, uma questão crucial e decisiva para o destino do planeta e de seus habitantes. Mas “que vem a ser humanizar o mundo, senão pô-lo a serviço da humanidade¹?” Nesse contexto, a educação é questionada e, ao mesmo tempo, chamada a responder ao apelo de humanizar a própria humanidade como sua tarefa primeira.

A urgência da tarefa e a gravidade do problema não permitem um debate ideológico exaustivo, embora legítimo numa tradição democrática. O problema não é de concepção, mas de tempo hábil. Além do risco de cairmos em previsíveis impasses epistemológicos e pragmáticos, faltaríamos com a responsabilidade de assumir nossa função de educadores.

Por isso, proponho aqui um exercício de reflexão em mão dupla: por um lado, refletir a partir de um *certo consenso universal*, expresso de forma paradigmática na obra “Os sete saberes necessários à Educação do Futuro²”, de Edgar Morin; e, por outro lado, fazer uma releitura desses saberes gerais à luz de uma *tradição particular*, a educação jesuíta. O trabalho de Morin é a resposta a uma solicitação da UNESCO de sistematizar um conjunto de reflexões que servissem como ponto de partida para se repensar a educação do novo

PEDAGOGIA INACIANA

Pedro Rubens Ferreira de Oliveira, S.J.
Doutor em Teologia pelo Centre Sèvres de Paris, França e Reitor da Universidade Católica de Pernambuco

Palestra proferida na Semana da Qualidade (2º semestre letivo).

São Bernardo do Campo, 04 de agosto de 2008.

¹ Pe. Pedro Arrupe, citado por P.H. Kolvenbach, em seu discurso aos membros do grupo de trabalho sobre “A Pedagogia Inaciana: uma proposta prática”, São Paulo, Loyola: col. *Monumenta SJ* nº 12, 1993, nº 137, p. 103.

² E. Morin, “Os sete saberes necessários à Educação do Futuro”, São Paulo: Cortez Editora; Brasília: UNESCO, 2000.

milênio. Assumimos, pois, essa proposta, como ponto de partida de nossa reflexão e, fazendo o exercício de repensar a educação na forma de universal concreto, segundo algumas características da tradição jesuítica³ e da pedagogia inaciana⁴, não sem termos os pés e o coração situados no contexto de nossas instituições. Ora, não é sem importância o fato de a Companhia de Jesus ter nascido nos meios universitários de Paris, de um grupo de estudantes sonhadores, no contexto que preconizava a mundialização que atingimos: entre a descoberta da terra redonda e o estágio da mundialização que a torna virtualmente no mesmo plano de relações – “O mundo é Plano⁵” –, o mundo deu muitas voltas.

“Navegar é preciso...” Naveguemos, pois, seguindo os textos como mapas de viagem, lançando essa tradição jesuítica como uma âncora para o futuro da educação que precisamos, segundo as exigências do mundo que queremos. Nessa exposição, seguiremos os seguintes passos: primeiro, veremos um vídeo expondo “Os Sete saberes...”, na mesma seqüência da obra de Morin; em seguida, proporemos uma nova sistematização, reorganizando os sete pontos em *três perspectivas* e, dentro dessa tríplice estrutura, tentaremos explicitar, a cada momento, a visão jesuítica de educação, em diálogo com os saberes necessários propostos pela UNESCO; por fim, faremos uma breve conclusão aberta ao debate.

- 0. Ponto de partida:** “Os sete saberes necessários à educação do futuro” (Edgar Morin)
- I. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão
 - II. Os princípios do conhecimento pertinente
 - III. Ensinar a condição humana
 - IV. Ensinar a identidade terrena
 - V. Enfrentar as incertezas
 - VI. Ensinar a compreensão
 - VII. Antropo-ética ou ética do gênero humano

³ “Características da Educação da Companhia de Jesus”, São Paulo: Ed. Loyola Col. Documenta SJ nº 4, 1987.

⁴ “Pedagogia Inaciana: uma proposta prática”, São Paulo: Ed. Loyola Col. Documenta SJ nº 12, 1993.

⁵ Thomas L. Friedman, *O mundo é Plano: uma breve história do século XXI*, RJ, Objetiva, 2007.

1. Sistematizar os 7 saberes em três campos de conhecimento:

I, V e II: Novos interrogantes do conhecimento (questões epistemológicas);
III, IV e VI: Ensinamentos fundamentais;
VII: Perspectiva da ação humanizante.

2. Comparar com as características da Educação Jesuítica e a Pedagogia Inaciana (e pronunciamentos de PP. Gerais SJ)

Conclusão aberta... (com a tríplice definição de Ensino Superior no Brasil):

Ensino: evocar os três ensinamentos fundamentais

Pesquisa: programa proposto pelas novas interrogantes do conhecimento

Extensão: perspectiva da ação

I. QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS: DOS QUESTIONAMENTOS A UMA EDUCAÇÃO PERTINENTE

1. Novas interrogantes do Conhecimento:

As ciências modernas permitiram atingir níveis surpreendentes de conhecimento e um alto grau de certezas. Mas, ao longo do século XX, limiar da modernidade e também sinais de seu declínio, o próprio saber científico revelou inúmeras incertezas. De fato, os séculos precedentes apostaram no futuro e a civilização moderna viveu com a certeza do progresso histórico; o século passado, porém, experimentou a imprevisibilidade, o mito do progresso ficou questionado e instaurou-se a incerteza histórica: “o futuro chama-se incerteza” (EM, p. 81). A educação, portanto, não pode fugir desse dado e, por isso, deve enfrentar a incerteza dentro da própria concepção de conhecimento.

Essas incertezas revelam um outro questionamento epistemológico para a educação contemporânea: “Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão” (EM, p.19). A educação precisa mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pela possibilidade de erro e ilusão. Por sua vez, não basta estar consciente desse risco para escapar dele, como manifestou o caso histórico de Marx e Engels, na denúncia e combate às ideologias. Sabemos que o desenvolvimento científico representa um poderoso meio de detecção dos erros e de combate às ilusões. Nem por isso, os paradigmas científicos estão imunes a esse risco. Estamos diante, portanto, do calcanhar de Aquiles de todo conhecimento (EM, p.20).

A incerteza, juntamente com a possibilidade de erros e ilusões, levanta o problema epistemológico da meta-reflexão ou do conhecimento do conhecimento: devemos compreender as *condições bioantropológicas* (as aptidões do cérebro/mente humana), *condições socioculturais* (a cultura aberta, que permite diálogos e troca de idéias) e *condições noológicas* (as teorias abertas), que permitem interrogações fundamentais sobre o mundo, sobre o humano e sobre o próprio conhecimento (EM, p. 31).

Enfim, apesar desse cenário questionador, a educação não pode fugir à sua tarefa de busca do conhecimento. Nesse sentido, a terceira interrogante do conhecimento é propositiva: a educação precisa promover um conhecimento pertinente. Conhecimento pertinente é, em outras palavras, um conhecimento adequado. Segundo E. Morin, pertinente é o conhecimento capaz de apreender os problemas globais e fundamentais para neles inserir os parciais e locais (EM, prólogo). Para essa articulação, numa era planetária, isso significa compreender a realidade em quatro momentos: situar no *contexto*, estabelecer relações entre o todo e as partes (*global*), reconhecer o caráter *multidimensional* da realidade (ser humano,

sociedade) e, enfim, assumir a *complexidade* de uma realidade que torna inseparáveis aspectos distintos constitutivos do todo (econômico, político, sociológico, psicológico, afetivo, mitológico) (EM, p.36-39)

“Em consequência, a educação deve promover a *inteligência geral* apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global” (EM, p. 39). “Até meados do século XX, a maioria das ciências obedecia ao princípio de redução, que limitava o conhecimento do todo ao conhecimento de suas partes, como se a organização do todo não produzisse qualidades ou propriedades novas em relação às partes consideradas isoladamente” (EM, p. 42). Assim, chegamos a uma forma de inteligência parcelada e disjuntiva, mecanicista e reducionista, que fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o que é multidimensional. Incapaz de considerar e compreender a complexidade planetária, tal inteligência torna-se não apenas cega, mas inconsciente e irresponsável. Não se trata, porém, de abandonar o conhecimento das partes pelo conhecimento das totalidades, nem da análise pela síntese; é preciso, sobretudo, conjugá-las (EM, p. 46) de uma maneira nova.

2. Educação Jesuítica: aposta no alcance da verdade ao risco da história

Embora a concepção jesuítica de educação não empregue a mesma terminologia de E. Morin, não me parece forçado buscar uma aproximação do sentido visado entre as duas concepções. De entrada, não seria equivocado dizer que as propostas de educação da Companhia de Jesus constituíram formas concretas de assumir o risco histórico, em cada época, desde os primeiros colégios às reduções jesuítas da América do Sul, dos projetos de educação popular recentes às universidades mais modernas.

Diante do problema das cegueiras do conhecimento, do risco de erro e de ilusão, a visão jesuítica propõe uma dinâmica de conhecimento que busca transformar “os modos de pensar habituais, mediante uma constante inter-relação de *experiência, reflexão e ação*” (CG 33, Dec. I, 42-43). Nas características da educação jesuítica, essa dinâmica é proposta como processo educativo. Em primeiro lugar, o sentido da experiência não é o da verificação empírica, mas o que normalmente chamamos de vivência e empatia, portanto, experiência em sentido existencial⁶. Em segundo lugar, por reflexão não se entende a pura abstração, mas uma inteligência da realidade: há uma inteligibilidade do real. Enfim, em terceiro lugar, a dinâmica atinge seu termo no mundo da ação: isso nos distancia tanto do ativismo e imediatismo quanto da concepção da prática oposta à teoria. Esses três momentos fazem parte de um só movimento que eu chamaría, com P. Ricoeur, de “ação sensata”: não se trata apenas de uma ação apoiada numa reflexão, mas com base numa experiência que tem sentido, tanto subjetiva como objetivamente.

Na proposta prática “Pedagogia Inaciana”, mais dois pontos foram acrescentados na dinâmica: um anterior, denominado “contexto da aprendizagem”, e outro posterior à ação, a “avaliação”, indispensável numa dinâmica educativa, que é também auto-reflexiva (PI, 32). Não se trata, evidentemente, de eliminar o risco, mas de diminuir sua incidência no exercício do aprendizado.

O problema da incerteza a ser enfrentado, segundo Morin, não aparece tão claramente na perspectiva jesuítica. Se, por um lado, mereceria ser considerado; por outro, poderia significar apenas a explicitação de um valor implícito na própria visão cristã. Penso particularmente no sentido, por exemplo, de duas noções chave para a fé cristã: “mistério” e “revelação”. Esses conceitos questionam implicitamente toda

pretensão de certeza humana. Afinal, certeza seria, a rigor, eliminação da fé. Mas, nesses termos, correríamos o risco não menos perigoso de identificar a fé com falha ou impotência do conhecimento. O cristianismo, até mesmo combatendo a tendência racionalista da modernidade, não escapou de suas armadilhas. A noção de “mistério” precisa ser resgatada para além dos esoterismos de moda; o conceito de revelação precisa ser revisitado, para ser libertado do contexto anti-moderno em que surgiu e expressar essa dimensão ambivalente do real. Segundo a fé cristã, o real nunca é evidente, tanto se revela quanto se esconde.

Nesse sentido, seria um exercício interessante tratar da incerteza não apenas implicitamente dentro de uma proposta de fé, mas explicitá-la no contexto atual. Diante da pluralidade de opiniões e da necessária abertura ao diferente, seria preciso buscar uma abordagem da incerteza como “reserva epistemológica” ou como uma “brecha” para desenvolver um sentido da transcendência, independentemente da nomeação de Deus. Ora, essa dimensão transcendente, antes de ser assunto de fé ou de religião, é questão de uma visão de ser humano, que não se confunde com a pretensão de super-homem, mas se reconhece na sua finitude, embora aberta ao infinito.

A proposta de um conhecimento pertinente nasce de uma crítica da fragmentação do saber. Embora essa consista em um valor inquestionável para a especialização do conhecimento, resta correlacionar esses saberes com a construção do ser humano enquanto tal e da humanidade como um todo. A educação jesuítica afirma-se como uma tradição de busca da *excelência acadêmica* que visa a uma *excelência humana* (PI, 107). Trata-se de formar líderes que assumam posições de responsabilidade na sociedade. Ora, essa noção conduziu a distorções que devem ser criticadas e corrigidas. Porém, qualquer que tenha sido a interpretação desse conceito no passado, a

⁶ Theodoro Peters, “Características da Educação Superior Jesuíta”, in *Id., Universidade para o terceiro milénio, Recife, Unicap col. NEAL n. 3, 2001, p. 87-106. Ler, com proveito, outros artigos do livro.*

compreensão hodierna da excelência não é preparar uma elite socioeconômica, mas antes formar líderes, homens e mulheres, para o serviço do Reino de Deus, através da construção de uma sociedade mais justa e solidária (Pl, 110).

Enfim, a contribuição das instituições jesuítas à sociedade consiste em incorporar ao seu processo educativo um estudo rigoroso e perspicaz dos problemas e preocupações cruciais da humanidade. Eis a razão por que as instituições jesuítas aspiram a “uma elevada qualidade de ensino, distante de um mundo de facilidades, de “slogans” ou ideologias, das reações puramente emotivas ou egoístas e das soluções momentâneas e simplistas”. O ensino e a pesquisa ganham maior importância enquanto rejeitam e refutam toda visão parcial ou deformada da pessoa humana (CE, 133). Mas isso se aprende, quando assim se ensina.

II. ENSINAMENTOS FUNDAMENTAIS

1. Ensinar, ensinar e ensinar...

Dos sete saberes indispensáveis à educação do futuro, três são marcados pelo mesmo ato: ensinar. Mais que uma tríplice lição, o conteúdo visado releva de grandes perspectivas ou de ensinamentos fundamentais a serem considerados em qualquer forma de educação: ensinar a condição humana, ensinar a identidade terrena e ensinar a compreensão.

...a condição humana

Primeiramente, a educação do futuro deverá estar centrada na condição humana. No contexto de uma era planetária, um desígnio comum se apresenta a todos os seres humanos, sob a forma de um duplo reconhecimento: reconhecer-se no que lhes é comum e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural

inerente a tudo o que é humano (EM, p. 47). Ora, se o fluxo de conhecimentos chegou ao final do século XX com uma nova visão sobre o ser humano no universo, por sua vez, essas contribuições encontram-se desarticuladas. Porém, é impossível conceber a unidade complexa do ser humano por um pensamento disjuntivo, “que concebe nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmos que a rodeia, da matéria física e do espírito do qual somos constituídos, bem como pelo pensamento redutor, que restringe a unidade humana a um substrato puramente bio-anatômico” (EM, p. 48).

Para a educação do futuro, é necessário promover um grande *“remembramento dos conhecimentos”* oriundos das *ciências naturais*, a fim de situar a condição humana no mundo, e das *ciências humanas*, para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como *integrar a contribuição das humanidades*, tanto da filosofia e da história, como também da literatura, da poesia, das artes, etc. (EM, p. 48). Porque “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (EM, p. 55).

Isso significa, em outras palavras, que uma das vocações da educação do futuro será o estudo da complexidade da própria condição humana. Conseqüentemente, o século XXI deverá abandonar a visão unilateral que define o ser humano pela racionalidade (*Homo sapiens*), pela técnica (*Homo faber*), pelas atividades utilitárias (*homo economicus*), pelas necessidades obrigatórias (*Homo prosaicus*). É preciso assumir a complexidade do ser humano: o *Homo complexus* é, ao mesmo tempo, *sapiens* e *demens*, *faber* e *ludens*, *empiricus* e *imaginarius*, *economicus* e *consumans*, *prosaicus* e *poeticus* (EM, p. 58).

...identidade terrena

A partir do século XVI, entramos na era planetária; e, no limiar do século XX na fase de mundialização: a educação precisa fazer compreender a condição humana no mundo e a condição do mundo humano, que se tornou condição da era planetária (EM, p. 63). Mas, para educar à consciência terrena, será preciso enfrentar um desafio paradoxal: pois, se por um lado, a condição humana assumiu dimensões planetárias, o modo de pensar perdeu ou não desenvolveu igualmente a aptidão de pensar a globalidade, a relação todo-parte, sua multidimensionalidade, sua complexidade (EM, p. 64).

A mundialização apresenta duas facetas: de uma parte, existe um circuito de intercâmbio de produtos, de comunicação e de pessoas; de outra, há seu avesso, o circuito de miséria. Mas a realidade faz um todo, porque, inclusive há relação entre uma parte e outra da humanidade que desfruta ou que sofre os efeitos da mundialização (EM, p. 68). Portanto, se a mundialização é unificadora, ela não deixa de ser também conflituosa e desagregadora. Daí pode-se concluir a necessidade da nova consciência emergente: consciência antropológica (unidade na diversidade), consciência ecológica (cuidado com o *habitat natural*), consciência cívica terrena (solidariedade para com pessoas do mundo inteiro), consciência espiritual da condição humana (transcendência em sentido básico).

...a compreensão

Outro paradoxo humano do tempo presente diz respeito à multiplicação das condições e das possibilidades de comunicação e, ao mesmo tempo, ao aumento de incomprensão entre as pessoas. Há progresso nos meios, mas o problema humano permanece inteiro. Por isso mesmo, o problema da compreensão torna-se crucial como missão

propriamente espiritual da educação: “ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade” (EM, p. 93).

O problema da compreensão, porém, está polarizado: o primeiro pólo, agora de dimensões planetárias, é o da compreensão entre os seres humanos; o segundo, pólo individual, é o das relações particulares entre próximos. Há diversos obstáculos à compreensão: ruído de comunicação; noção enunciada num sentido, entendida em outro; ignorância de ritos e costumes do outro; incomprensão dos valores éticos ou culturais de uma sociedade tradicional e os valores democráticos de culto ao indivíduo e respeito às liberdades, etc. (EM, p. 96). Todavia, o autor aponta dois tipos de questões fundamentais: o *egocentrismo*, enquanto cultiva o engano de si próprio, pela autojustificação, autoglorificação e pela tendência a jogar sobre outrem, estrangeiro ou não, a causa de todos os males (EM, p. 96); o *etnocentrismo* e *sociocentrismo*, enquanto nutrem xenofobias e racismos, com tendência a despojar a pessoa em situação de estrangeiro de sua condição e qualidade de ser humano (EM, p. 97). Uma ressalva é feita: a tolerância válida para as idéias não é aplicável aos insultos, agressões ou atos homicidas (EM, p. 102).

A mundialização exige uma compreensão em âmbito planetário: “a única verdadeira mundialização que estaria a serviço do gênero humano é a da compreensão, da solidariedade intelectual e moral da humanidade” (EM, p. 102). As culturas devem aprender umas das outras: “compreender é também aprender e repreender incessantemente” (EM, p. 102). “A compreensão entre sociedades supõe sociedades democráticas abertas, o que significa que o caminho da compreensão entre culturas, povos e nações passa pela generalização das sociedades democráticas abertas” (EM, p. 104).

2. Uma tradição em movimento...

Da compreensão à solidariedade

Ao longo de toda sua tradição, a educação da Companhia de Jesus procurou formar “a pessoa toda”: intelectual, profissional, psicológica, moral e espiritualmente. Mas, como disse o Pe. Kolvenbach, “a pessoa toda na realidade global emergente, com suas grandes possibilidades e profundas contradições, difere da pessoa toda da Contra-reforma, da Revolução Industrial ou do século XX. A pessoa toda de amanhã não chega a ser “completa” sem uma consciência formada da sociedade e da cultura para contribuir generosamente no mundo real, tal qual ele existe. A pessoa completa de amanhã deverá ser, numa palavra, *bem educada na solidariedade*”⁷.

Eis, pois, a melhor expressão jesuítica do que Morin chama de compreensão: educar para a solidariedade. A pessoa bem educada na solidariedade, portanto, não somente seria formada no exercício do diálogo entre fé e cultura (CE, 22), fé e ciência (CE, 37), fé e justiça, mas também no espírito de valorização das outras culturas (CE, 38). Embora partindo de valores associados ao cristianismo, essa formação é aberta à pluralidade de formas de viver e de crer. O maior aprendizado não está, portanto, na linha de conteúdos ensinados, mas na forma de buscar valores fundamentais. À guisa de conclusão parcial, enumero algumas máximas do próprio cristianismo: recordo, primeiramente, a máxima inaciana de “salvar a proposição do próximo”; em segundo lugar, a própria *regra de ouro*, máxima popular que Jesus a redisse de maneira propositiva (antes era dito “não faça ao outro...”; Jesus disse “faça ao outro aquilo que gostaria que os outros fizessem...”); em terceiro lugar, o *amor sem limites*, como medida desse exercício de tolerância, expresso de forma radical no amor aos inimigos. Em nenhum desses três casos, fala-se de renunciar à nossa humanidade; ao contrário, esses

exercícios, possíveis, porque já experimentados, humanizam a própria humanidade. E, por isso mesmo, são considerados caminhos de santidade.

Da identidade terrena à identificação com o Filho de Deus

A questão da identidade na formação jesuítica, de uma parte, “afirma a realidade do mundo” (CE, 22) na linha de uma “identidade terrena”, mas, de outra parte, não hesita em nomear Deus como elemento constitutivo dessa identidade fundamental e fundante. A identidade na concepção jesuítica, na verdade, assume o caráter de uma identificação dupla: Deus, que assume a condição humana, partilhando a forma histórica de ser humano – igual a nós em tudo, menos no pecado –, e, por esse ato mesmo, todo ser humano é chamado a identificar-se com o Filho de Deus, o que confere a cada pessoa, crente ou não, uma dignidade inalienável.

A concepção de ser humano criado à imagem de Deus (*Imago Dei*) está na base de todos os humanismos inspirados no cristianismo. Longe de promover idealismos, a educação jesuítica proporciona um conhecimento realista do mundo, em sua ambivalência: um conhecimento realista da criação vê a bondade de tudo quanto Deus criou, mas inclui a consciência dos efeitos históricos e sociais do pecado; consequentemente, há necessidade de redenção em todos os povos, em todas as culturas e em todas as estruturas humanas (CE, 57). Por essa ambivalência do mundo, a educação deve partir de uma realidade dada, mas vislumbrando a sua transformação. Em educação, o passo anterior a uma ação pertinente é o desenvolvimento da capacidade humana de conhecer a realidade e avaliá-la criticamente (CE, 58).

Da condição humana à opção pelo humano

A grande tradição da educação jesuítica está centrada na pessoa humana, a partir de sua condição atual e de

⁷ Pe. Peter-Hans Kolvenbach, SJ, “O serviço da fé e a promoção da justiça na educação superior dos jesuítas nos Estados Unidos”, proferida na Universidade de Santa Clara, no Vale do Silício, nos EUA, por ocasião de uma reunião de todas as universidades norte-americanas da Companhia de Jesus, aos 6 de outubro de 2000, com sua versão brasileira: São Paulo: Edições Loyola Col. Ignatiana 45, p. 11-32 (aqui p. 24-5).

suas potencialidades. Isso implica primeiramente uma *formação integral*: ajudar a formação integral de cada indivíduo dentro da comunidade humana (CE, 22); formação intelectual completa e profunda (CE, 26); desenvolvimento da imaginação, afetividade e criatividade (CE, 28); ajudar no desenvolvimento de todos os talentos de cada indivíduo como membro da comunidade humana (CE, 25).

O segundo aspecto, porém, acentua a necessidade de formação do senso crítico: avaliar criticamente os meios de comunicação de massa (CE, 30) e fazer uso crítico das tecnologias (CE, 27). Poder-se-ia levantar aqui a suspeita de uma posição moralista em relação aos novos meios, dentro daquele velho preconceito de que a Igreja quer barrar o progresso da ciência. E, sem dúvidas, não faltou quem confirmasse esse moralismo simplista diante de tudo que era inovação. Se, de uma parte, devemos admitir esse aspecto, de outra, temos que ressaltar que também é simplista todo fascínio acrítico diante de tudo o que é novo, somente por ser novidade. Seja como for, no âmago da proposta jesuíta, está o fomento do uso de todos os meios, *na medida em que* eles se prestam para a realização da pessoa humana, concebida não apenas enquanto indivíduo, mas também como ser social e, em nossa época, literalmente, um ser-com-os-outros-no-mundo⁸.

O uso dos meios *tanto/ quanto ou na medida em que* realizam a nossa humanidade significa fazer uso dos meios com discernimento. Isso supõe, portanto, uma verdadeira pedagogia: “a pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida à mera metodologia. Deve incluir uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar” (PI, 11). Formação total e profunda da pessoa humana, dentro de um processo educativo que aspire à excelência, integrando o intelectual, o acadêmico e todo o resto(PI, 14). “Os jovens deveriam sentir-se livres

para seguir o caminho que lhes permita crescer e desenvolver-se como seres humanos. Não obstante, o nosso mundo tende a considerar o objetivo da educação em termos excessivamente utilitários” (PI, 15).

III. A PERSPECTIVA DA AÇÃO HUMANIZANTE

1. Antropo-ética ou ética do gênero humano

Segundo E. Morin, a condição humana comporta a tríade indivíduo, sociedade e espécie: essas realidades não são apenas inseparáveis, mas co-produtoras uma da outra. Nenhum desses termos pode ser absolutizado, nem minimizado, nem dissociados, nem reduzidos um ao outro. Assim, todo desenvolvimento plenamente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana (EM, p. 105-6). Como tarefa do novo milênio, a educação deve visar à formação dessa nova mentalidade ética. Ora, a ética não pode ser ensinada por meio de lições de moral, mas de uma real consciência do que é o ser humano, indivíduo e, ao mesmo tempo, parte da sociedade. É preciso, pois, educar para uma ética propriamente humana ou antropo-ética.

A antropo-ética, deve ser elaborada a partir da tríplice conjunção: indivíduo, sociedade e espécie. A missão antropológica do milênio, assumida como “antropoética”, implica: trabalhar para a humanização da humanidade; efetuar a dupla pilotagem do planeta, ou seja, obedecer à vida e guiar a vida; alcançar a unidade planetária na diversidade; respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade própria; desenvolver a ética da solidariedade; desenvolver a ética da compreensão e, enfim, ensinar a ética do gênero humano (EM, p. 106).

⁸ Cf. Xavier Herrero...

O autor entende essa tarefa dentro de dois circuitos: primeiro, o circuito indivíduo/sociedade, cujo foco é *ensinar a democracia*; no segundo circuito, indivíduo/espécie, o foco é *ensinar a cidadania terrestre*. Essa tarefa supõe dois campos: primeiro, o circuito indivíduo/sociedade, cujo foco é *ensinar a democracia*; no segundo circuito, indivíduo/espécie, o foco é *ensinar a cidadania terrestre*. Assim, postulam-se duas finalidades ético-políticas para o novo milênio: primeiramente, estabelecer uma relação de controle mútuo entre a sociedade e os indivíduos pela democracia e, em segundo lugar, conceber a Humanidade como uma comunidade planetária. A educação deve contribuir para essa conscientização, mas também para a sua tradução em vontade de realizar a cidadania terrena, fundada na democracia.

Porém, a democracia é uma realidade complexa e em construção: se, por um lado, a democracia necessita do consenso da maioria, por outro, ela necessita de diversidade e antagonismos (EM, p. 107-8). A própria experiência dos totalitarismos enfatizam o caráter da diversidade como indispensável à democracia: diversidade de interesses, assim como diversidade de idéias (EM, p. 108).

Nossas democracias são frágeis e estão sujeitas ao risco de sucumbirem porque o exercício democrático não é uma regra geral em todo o planeta, as democracias existentes não são projetos concluídos ou consolidados e, por fim, existem resíduos de ditaduras e germes de novos totalitarismos (EM, p. 109). De fato, diante da complexidade dos problemas, constatam-se alguns processos de regressão democrática, suscitados por uma despolitização da política, muitas vezes reduzida à administração, à técnica, à economia e ao pensamento quantificante (sondagens, estatísticas). Ora, uma política fragmentada perde a compreensão da vida e de sua complexidade. Porém, a regeneração democrática supõe a regeneração do civismo, que

supõe, por sua vez, a regeneração da solidariedade e da responsabilidade, condições para o desenvolvimento da antropoética (EM, p. 112).

A ligação ética entre o indivíduo e a espécie humana foi afirmada desde as civilizações da Antiguidade, mas ficou depois encoberta e minimizada pelas éticas culturais diversas e fechadas; nem por isso, no entanto, deixou de ser mantida nas grandes religiões universalistas, no humanismo, nos direitos humanos, no imperativo kantiano (EM, p. 113). A comunidade humana, adquirindo um destino planetário, permite assumir e cumprir uma parte da antropoética enquanto se refere à relação entre indivíduo singular e espécie humana como todo. Trata-se de buscar uma “hominização na humanização” ou uma humanização da humanidade, através da construção de uma cidadania terrena; a Terra é nossa Pátria, porém é uma Pátria em perigo (EM, p. 114).

2. Formar homens e mulheres para os demais

“O objetivo supremo da educação jesuítica é (...) o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo, filho de Deus e *Homem para os outros*⁹”. A educação jesuítica está, portanto, toda orientada para a formação de valores: o conhecimento aqui se une à vida moral (CE, 51), esta cada vez mais entendida como vida ética.

Será que a formação de valores da educação jesuítica não estaria muito impregnada da visão cristã? De entrada, é preciso admitir que falar de valores não pode ser de uma forma abstrata nem mesmo idealista; trata-se sempre de avançar uma proposta concreta, com base em valores reais, situados social e historicamente, portanto, passíveis do juízo histórico. É o que chamo de assumir o risco da história, com os valores que fazem parte de nossas convicções: na formação jesuítica e cristã,

⁹ PI 12.

pelo menos para os que somos educadores e jesuítas, Cristo aparece como modelo de vida humana (CE, 61); ser cristão significa seguir a Cristo e ser como Ele, compartilhar e promover os seus valores e modo de vida em tudo o que é possível (62). Isso não exclui a abertura a outras formas de viver e de pensar, em um diálogo e uma busca de valores universais ou universalizáveis. Assim, arrisquemos enumerar alguns dos valores fundamentais para a educação contemporânea, a partir de elementos da tradição jesuítica.

Um primeiro valor, em diálogo com o que Morin chama de “cidadania terrena”, é a formação para uma “cidadania responsável”. Segundo a Pedagogia Inaciana, o objetivo da educação no mundo de hoje, marcado por tão rápidas mudanças em todos os níveis e por sistemas ideológicos competitivos entre si, não pode permanecer restrito a uma simples transmissão de conhecimentos; se quisermos, efetivamente, preparar homens e mulheres que sejam competentes e conscientes, capazes de contribuir significativamente para o futuro da humanidade, é preciso formar para a responsabilidade cidadã¹⁰. Não se podem deixar o futuro da ciência, o empreendimento da tecnologia e a tomada de decisões nas mãos de líderes políticos ou dirigentes de indústrias, cada um desses grupos com seus interesses próprios. É tanto um direito quanto uma responsabilidade de cada cidadão julgar e agir de modo adequado, ação pertinente, em favor da comunidade humana, que se está configurando de maneira cada vez mais global. “Cumpre educar pessoas para exercerem uma cidadania responsável”.¹¹

Em segundo lugar, o próprio princípio norteador dessa educação orientada para valores repousa sobre uma concepção fundamental, a saber: “a consciência de que as pessoas e as estruturas podem mudar, juntamente com o compromisso de trabalhar por essas mudanças de modo que se construam estruturas humanas mais justas, que possibilitem o exercício da

liberdade unido com a uma maior dignidade humana para todos” (CE, 58). Essa aposta no ser humano e na bondade do mundo não esconde, mas até revela, os problemas inerentes a esses processos de conversão das pessoas e de transformação das estruturas. Nesse contexto, vale recordar a importância de uma “disciplina” como parte da educação jesuítica, sabendo que disciplinar significa, antes de tudo, formar para a autodisciplina, exercitada no rigor intelectual, na aplicação assídua ao estudo sério e na conduta para com os demais (CE, 52).

Outro valor importante, em terceiro lugar, é o que está implícito na própria maneira de educar voltada para valores, dentro de uma dialética: a formação é feita através do confronto com pontos de vista opostos (CE, 53), não sem buscar critérios para um discernimento. Precisamos de uma pedagogia que alerte os jovens sobre as complexas redes de valores, que, não raro, se disfarçam tão sutilmente na vida moderna – através da publicidade, da música, da propaganda política, etc.–, de tal modo que os alunos possam examiná-las e julgá-las e comprometer-se livremente com elas, baseados numa autêntica compreensão (PI, 81). Esse exercício de discernimento e sua pedagogia querem formar pessoas não apenas capazes de escolher entre o bem e o mal, mas, até mesmo entre o bem e o bem maior. A formação supõe, portanto, formar pessoas que saibam tomar decisões, criteriosamente, dentro de um discernimento cada vez mais afinado.

Enfim, essa formação de valores tem como perspectiva última a ação humana e humanizadora, cujo valor maior é o amor. Antes de suspeitarmos de qualquer romantismo, uma máxima inaciana vem ao nosso encontro: “O amor se mostra mais em obras que em palavras” (CE, 73; EE 231), portanto é um amor discernido (*discreta caritas*). Esse amor experimentado, refletido e atuante está sempre situado, supõe critérios e opções: ora, em nossos dias, o critério maior de

¹⁰ Cf. PI 79.

¹¹ PI 79.

discernimento de nosso amor ao próximo encontra sua expressão maior no binômio fé e justiça (CE, 74). Inclusive, porque, como já dizia o concílio Vaticano II, “o divórcio entre a fé que muita gente professa e a realidade de suas vidas no cotidiano merece ser contado entre os erros mais graves de nosso tempo” (GS 43)¹². A meta da fé que promove a justiça visa à formação de um novo tipo de pessoa e de sociedade, na qual cada indivíduo tem a oportunidade de ser plenamente humano, da mesma forma que cada um aceita a responsabilidade de promover o desenvolvimento humano dos demais (CE, 76). Amor se transforma em serviço e, nesse sentido, a tarefa da educação, em última instância, consiste em formar homens e mulheres para servir aos outros. Conseqüentemente, não se concebe o amor a Deus sem o amor à humanidade (CE, 82). E, mais uma vez, não se trata da humanidade em geral: há uma preocupação especial pelos mais necessitados, concretamente expressa na opção preferencial pelos pobres (CE, 85), tanto na admissão dos estudantes quanto no tipo de formação que se busca dar a todos eles.

3. Conclusão aberta...

Esse exercício termina aqui, o de vocês não... Afinal, como diz o próprio Morin na conclusão de sua obra: não se sabe o caminho a seguir, ilustrando com o verso de Antonio Machado “el camino se hace al andar”. Sabendo que nessa missão de educadores, nunca caminhamos sozinhos, nunca ficamos solitários: fazemos parte de uma comunidade intelectual, presencial e/ou virtual, que, constitui igualmente uma comunidade de comunicação. E, dentro dessa comunidade sem limites, há ritos de pertença, regras de jogo bem definidas, singularidades que aportam. Nesse sentido, a própria definição de universidade, no Brasil, conjugando ensino, pesquisa e extensão,

constitui uma bela particularidade e um aporte ao mundo universitário. Uma segunda particularidade brasileira, apesar de tantos questionamentos e desafios, está definida pela nossa Carta Magna de 1988, estabelecendo três tipos de instituições, a saber, pública estatal, privada e comunitária.

Por um lado, a constituição garante a cidadania de nossas instituições comunitárias, a condição de realizarmos aquilo que somos; por outro, a tríplice dimensão – Ensino, Pesquisa e Extensão – permite sintetizar os sete saberes universais, postulados pela Unesco, segundo a sistematização realizada. Quero dizer que os três novos interrogantes do conhecimento poderiam constituir um programa de trabalho principalmente para a Pesquisa. Nesse passo, os três ensinamentos fundamentais consignados por Morin, configuram bem os eixos do Ensino, propriamente dito. Enfim, como não associar a perspectiva da ação ética, centrada no ser humano e na humanização da humanidade, como uma perspectiva própria dos trabalhos de Extensão? Mais do que fazer correspondências, trata-se de criar lugares de diálogo e estabelecer relações, tão complexas quanto enriquecedoras.

Num mundo globalizado, a maior contribuição na educação do futuro é igualmente proporcional à nossa capacidade de participar de redes e de afirmar nossa singularidade, sem negar a diversidade reinante nem se diluir nela. Ora, a FEI já iniciou o novo milênio assumindo a pauta de sua vocação universitária, adequando seu *savoir-faire* às exigências de uma verdadeira universidade brasileira. Nesse horizonte, revisitando os documentos da Companhia de Jesus sobre a educação não é apenas um exercício importante para reconhecer-se como parte dessa grande rede internacional, mas, sobretudo para repensar a tradição da educação jesuíta, como uma âncora lançada para o futuro. □

¹² Citado pelo Pe. P.H. Kolvenbach, “A Pedagogia Inaciana: uma proposta prática”, op. cit., n. 118.

El mes en la UNESCO nº 65
Abr-jun 2007
7^a Convención del CCIC -
Centro Católico
Internacional de
Cooperación com a UNESCO

A foto, de caráter meramente ilustrativo, mostra a funcionária Rosana e sua família numa festa no campus SBC, promovida pela Associação dos Funcionários da FEI (AFFEI).

A FAMÍLIA HUMANA É TAMBÉM A FAMÍLIA DE DEUS



Famílias desfeitas, famílias recompostas, famílias tradicionais, a família aparece ora em crise, em profunda mutação, ora como uma realidade essencial incessantemente redescoberta e reinventada.

A exclamação de André Gide *“Famílias, eu vos odeio”* parece antiga. As minorias sexuais que matinham esse desprezo subversivo da família reclamam hoje seu direito a constituir-se.

O que se questiona é o modelo e a estabilidade da família, não sua atração em si mesma. Poder-se-ia inclusive dizer que todos, hoje, desejam ter “direito à família” e, para além dos modelos alternativos, a família tradicional continua seduzindo e se promovendo pelo mundo afora.

Nossos contemporâneos amam a família e o matrimônio – com o risco de desgastá-los ou de viver vários sucessivamente. Estas recomposições e esta instabilidade não deixam de criar problemas, mas indicam um temor e uma angústia: a de ficar sozinho. A solidão dos jovens ativos mas também de pessoas mais velhas é o destino de quem se sente alienado pelo trabalho ou abandonado por sua família. Estas situações extrafamiliares expressam um profundo mal-estar de muitos de nossos contemporâneos.

Se a família convive bem na época moderna com a emergência do sujeito como indivíduo é que a um só tempo é referência tradicional contra a solidão e é flexível e móvel! Ela vive no ritmo dos meios de comunicação, dos celulares, dos e-mails, dos deslocamentos rápidos. Multiplicam-se as possibilidades de contatos, mas também zonas de independência e a diversidade de grupos de amizade e de relacionamentos.

O cristianismo tem sido promotor de um sentido de família. Assinala o amor divino. Cristo aparece no

seio da Sagrada Família, Nossa Senhora é anunciada como Mãe de Deus. Deste modo a humanidade está convidada a reconhecer-se numa só e mesma família pela tradição cristã.

A UNESCO, nas áreas de sua competência – a cultura, a ciência e educação – tem como vocação reunir em paz a família humana e permitir intercâmbios fecundos em termos de diálogos das espiritualidades. O cristianismo pode contribuir nestes intercâmbios, evidentemente, com uma visão reflexiva e crítica das evoluções da família, mas também recordar profundamente que “toda família é lugar de conversão”:

- ⇒ reconhecer o outro como um irmão ou uma irmã em quem a pessoa humana está chamada a realizar-se como para cada um de nós;
- ⇒ reconhecer os mais velhos como pais e mães em quem encontramos essas memórias vivas de sabedoria e audácia amiúde esquecidas pela pressão do presente;
- ⇒ descobrir em cada jovem os filhos e as filhas que amanhã assegurarão a herança deste mundo e de seu futuro.

Pensar em família e viver em família é sempre então converter-se ao encontro dos outros, tanto dos que estão perto, que podíamos habituar-nos a ignorar, como dos que estão longe, que convidem a deslocar nossos olhares e nossos corações.

A fé cristã profere um sim sem reservas a Deus – um sim de confiança e de abandono, um sim que espera a promessa de uma qualidade de vida, um sim que diz a Deus: abbá, papai, pai – todo homem é então não somente da família humana, mas também da família de Deus. □

DESAFIOS MODERNOS



FEI
Centro Universitário da **FEI**

Programas de 2009
MESTRADO
reconhecidos pela CAPES

ADMINISTRAÇÃO
Área de Concentração

- Gestão Estratégica da Inovação (Organizações e Marketing)

ENGENHARIA ELÉTRICA
Áreas de Concentração

- Dispositivos Eletrônicos Integrados
- Inteligência Artificial Aplicada à Automação

ENGENHARIA MECÂNICA
Áreas de Concentração

- Materiais e Processos
 - Produção
- Sistemas da Mobilidade

www.fei.edu.br/mestrado

FAMÍLIA: CONTRADIÇÕES E DESAFIOS

Xavier Lacroix

Professor de Ética da
Universidade Católica de
Lyon (França)

El mes en la UNESCO nº 65

Abr-jun 2007

*CCIC - Centro Católico
Internacional de
Cooperação com a UNESCO
(tradução e adaptação)*



A família encontra-se no centro da maioria das contradições da nossa sociedade moderna.

Ela é um dos primeiros lugares de solidariedade, de vínculos que aspiram a ser duradouros, mas está submersa numa cultura liberal e democrática que tende a pensar as soluções só em termos de liberdade e de igualdade, segundo a exclusiva lógica do contrato, que faz com que os vínculos sejam precários e condicionais.

Além disso, a primazia do subjetivo leva a conceber a família mais como uma mistura de relações afetivas que, como uma instituição, quer dizer uma fonte de vínculos objetivos, um marco estável, a serviço do bem comum.

Ou então, mesmo sendo a família o lugar do nascimento e do desenvolvimento da vida, nossa cultura impregnada pela ciência e técnica, põe em dúvida a importância da base carnal da filiação.

São dados ainda minoritários. Nas sociedades ocidentais uma nítida maioria das famílias ainda são estáveis, baseadas no matrimônio e na diferença sexual. Na França, por exemplo, apesar do aumento

dos divórcios, 80% dos filhos vivem com seus pais, só 14% dos lares são monoparentais; 2/3 dos jovens afirmam que constituirão uma família. Mas isto não muda a urgência do problema.

Filiação e matrimônio

Quase todos concordam em reconhecer que os laços pais-filhos tendem a durar, são irrevogáveis. Há um reconhecimento geral de que esta solidariedade é a priori boa para as crianças.

Mas, ao mesmo tempo, muitos, sobretudo entre os intelectuais, tomam o partido da precariedade e até mesmo da inexistência e da não institucionalização do vínculo conjugal.

Uma opinião em voga afirma que não é o matrimônio, mas a filiação que cria a família. A atenção volta-se tão somente para o parentesco.

Mas será coerente querer consolidar um vínculo, desinteressando-se do outro? Reconhecer um filho é comprometer-se com ele mas este compromisso se enfraquece se se deixa aberta a hipótese da separação do casal.

Não, não é o filho que faz a família. Uma carga desse porte seria excessiva para seus frágeis ombros. É evidente que o matrimônio é até agora o fundamento mais sólido e mais coerente para a filiação. Sem isto, a definição de filiação é indecisa. Vacila entre o critério chamado "biológico" e o critério chamado "voluntário". Por um lado o destaque da dimensão genética, por outro da dimensão adotiva. Mas nenhum destes dois critérios é suficiente para fundar o parentesco. Ser "pai" ou "mãe" compromete mais que o genético e mais que a vontade. No matrimônio, estas duas dimensões estão reunidas. Reúne o voluntário e o involuntário, o íntimo e o social, o carnal e o espiritual, nas três dimensões do parentesco: corporal, legal e doméstica.

Conhecemos muito bem o preço das fragilidades familiares. O preço humano, social e até econômico.

Há estudos conclusivos na França. Habitualmente, quando um fenômeno implica um custo semelhante à coletividade, questiona-se a sua prevenção, as ações para reduzi-lo. No caso em questão não acontece nada. O problema da prevenção das fragilidades familiares é quase um tabu. Insiste-se tanto na "proteção à infância" mas paradoxalmente o Estado, em nome de uma neutralidade, não apóia as formas familiares mais propícias para o desenvolvimento da família.

Que tipo de ajuda recebem os casais para superar as crises, aprender a comunicar-se, encontrar o alento necessário para recomeçar? Que educação, que informação, que acompanhamento?

Uma coisa é assumir com realismo a dificuldade e portanto a fragilidade interpessoal entre os conjuges. Outra é conceber a priori este vínculo segundo o modelo exclusivo contratual ou romântico, desinteressando-se de tudo aquilo que poderia aumentar suas possibilidades de solidez.

Parentesco artificial

Dissociado da conjugalidade, o parentesco se encontrará dissociado de si mesmo. Neste aspecto deve ser prioritário o interesse das crianças, mais do que o dos adultos. Os desejos delas, as suas necessidades, inclusive os argumentos de seu imaginário.

As formas de família não poderiam nem deveriam (sobretudo se incentivadas por lei) abrir mão de temas fundamentais:

A diferença entre duas referências identificatórias, masculina e feminina, no seu universo de crescimento íntimo. Para o descobrimento de sua identidade, a criança necessita um jogo sutil de identificação e diferenciação com estas duas instâncias, a paterna e a materna. Isto tem sido estudado exaustivamente. Por um estranho fenômeno de amnésia coletiva, o discurso em voga faz tábua rasa destas conclusões.

Um outro bem fundamental é a continuidade, sempre que possível, entre o casal procriador e o casal educador.

A ameaça pode resumir-se sob o conceito de *dissociação*. Dissociação entre conjugalidade e parentesco, casal e família, procriação e sexualidade, nascimento e parentesco, entre parentalidade e parentesco. Em troca, hoje como ontem, é necessário promover uma ética de coerência, de unidade vívida, outro nome de uma ética de encarnação.

Um modelo

Na minha opinião, um modelo familiar que conduz a uma ética de coerência é formado por quatro pilares: a aliança conjugal, a diferença dos sexos, a acolhida de vida como dom e a integração comunitária, cujo valor é cada vez mais crescente.

Este não é um modelo fechado, tem dimensão universal. É, sem dúvida, herdeiro da inspiração cristã, mas não exclusivo dela.

No contexto de nossas sociedades liberais, democráticas e secularizadas, o Estado e a legislação, por diversas razões, possuem cada vez menos os meios de apoiar a instituição conjugal. A tarefa caberá então a conjuntos mais coerentes em que se compartilham bens espirituais comuns, ou seja, a comunidades ou corpos intermediários tão caros à doutrina social da igreja.

A missão dos cristãos não é só de resistir, de criticar, de lamentar, mas também de apresentar propostas e vislumbrar soluções.

O laço conjugal sólido e vivo, a diferença sexual vívida como um enriquecimento, a fundamentação do parentesco, em suma o que se desenvolve em torno da encarnação é fonte de sentido, de vida e de alegria. A família não é, por certo, o único lugar onde uma verdade do humano recebida na fé mostra um alcance significativo para todos. □

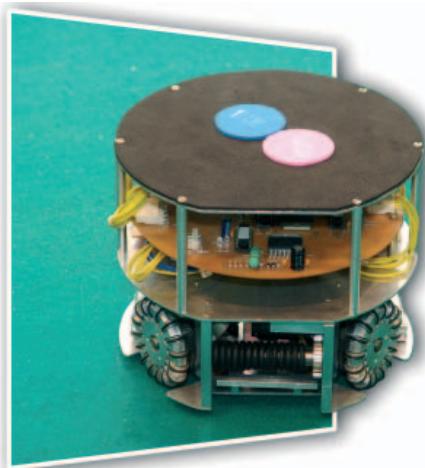
PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

Flávio Tonidandel
Professor doutor do Departamento de Ciência da Computação e coordenador do projeto de competições robóticas do Centro Universitário da FEI.

André de Oliveira Santos
Estudante do curso de Engenharia Elétrica da FEI, responsável pelo desenvolvimento eletrônico do robô.

Fernando Perez Tavares
Estudante do curso de Engenharia Mecânica da FEI, responsável pela parte mecânica do robô.

PESQUISA, INOVAÇÃO E PAIXÃO NO FUTEBOL DE ROBÔS



Não que seja uma inovação em termos mundiais, mas pode ser tratada como uma novidade nacional e, porque não dizer, um passo inovador para a FEI. O novo robô desenvolvido e idealizado durante 2 anos pelo grupo de pesquisas em competições robóticas representa a resultado de um conhecimento acumulado e conquistado nos 5 anos de existência do projeto. Um robô que se move para qualquer direção sem a necessidade de virar-se, que permite manter a bola em seu poder proporcionando dribles e passes, além de um potente chute acionado no momento certo, certeiro, já é uma realidade nos laboratórios do Centro Universitário da FEI.

Qualquer projeto inovador não é feito de um dia para o outro. Para alcançarmos este feito, foram necessários 5 anos de aprimoramento, estudo, acúmulo de conhecimento, desenvolvimentos técnicos e muita pesquisa. O robô omnidirecional da FEI acumula todo o conhecimento adquirido nas outras categorias, nos robôs já feitos, nos erros identificados,

na aprendizagem obtida dos erros e, não podíamos deixar de citar, na paixão pelo o que fazemos.

Este artigo tem a intenção de apresentar o novo robô do projeto de competições robóticas. Um robô omnidirecional especialmente desenvolvido para a categoria Robocup F180 que conta com o que há de mais novo e moderno nos robôs desta categoria no mundo.

Como nasceu este robô

O projeto de competições robóticas tem os desafios de competição como meio motivador dos estudantes e professores. Seu objetivo principal é agregar conhecimento por meio de pesquisa e desenvolvimento, capacitando o Centro Universitário da FEI e seus alunos a produzirem, criarem e operarem a mais avançada tecnologia em robótica existente.

O primeiro robô do projeto, entretanto, foi comprado. Um projeto do Prof Guido Stolfi da Poli-USP foi adquirido como meio de iniciarmos nossa árdua tarefa de competir no futebol de robôs. Conseguimos jogar, ser campeões, mas isso não bastava. Nossa principal objetivo nunca foi ser campeão, mas sim, desenvolver nossa própria tecnologia, romper barreiras, avançar no estado-da-arte, enfim, sermos bons fora de campo. A competição para nós é apenas um meio de vermos nosso trabalho realizado de forma plena, independentemente de perdermos ou ganharmos. Se não fosse assim, ano após ano iríamos comprar novos robôs, novos softwares, integrá-los, juntar fios, competir e ganhar. E talvez, se assim fosse, nunca estaríamos orgulhosos escrevendo este artigo, pois nunca teríamos chegado aonde chegamos.

Não demorou muito para que, dentro do espírito inovador e da paixão pelo conhecimento, propuséssemos uma iniciação científica que produzisse nosso primeiro robô. Foram os robôs da categoria *Very-Small* (muito pequenos) que contam com robôs que não

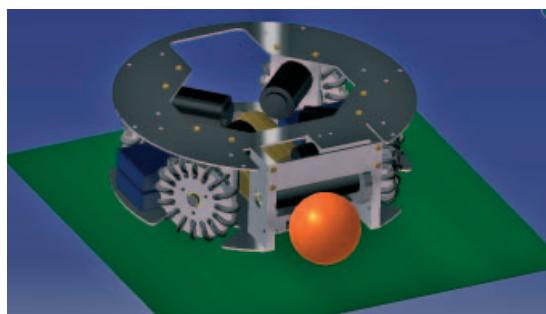
PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

podem possuir tamanhos maiores que um cubo de 7,5cm de altura e comprimento. Com tudo que pudemos aprender do robô comprado anos antes, projetamos, desenvolvemos e construímos um robô muito melhor que o anterior. Disputamos campeonatos com este novo robô, perdemos, ganhamos, empatamos e adquirimos respeito. Temos os nossos robôs, feitos na FEI pelos estudantes da FEI. Não há outro igual no mundo.

Por causa do mesmo espírito inovador, nunca estamos satisfeitos. Precisamos inovar, inventar, criar o tempo todo. Em 2006, partimos para nosso mais audacioso desafio, construir um robô omnidirecional, que permite a movimentação em qualquer direção, que não devesse nada aos melhores robôs estrangeiros, que nos permitisse participar de competições internacionais e ainda, nos permitisse inovar.

O novo robô

O inicio do projeto robô omnidirecional da categoria F180 não pode ser atribuído apenas à nossa motivação e paixão pela robótica. Se não fosse a escalada de conhecimento desses últimos 5 anos, nada disso teria sido possível. É por isso que nossos antigos projetos não foram e nem serão abandonados. O robô desenvolvido para a categoria de robôs menores (*Very Small*) continua sendo aprimorado. E ainda estamos



Uma visão da parte mecânica

aprendendo muito com ele. Entretanto, o grupo como um todo é sempre movido e motivado por novos desafios. E este novo robô omnidirecional, que hoje é uma realidade, foi o que nos guiou nestes últimos anos.

Ele é fruto de duas iniciações científicas bem-sucedidas: uma voltada à parte mecânica e a outra à parte eletrônica.

O desenvolvimento da parte mecânica envolve a construção de três sistemas específicos: o omnidirecional ou de transmissão, o de chute e o de drible. O principal é o primeiro, que permite ao robô uma movimentação rápida em qualquer direção.

O segundo dá ao robô a possibilidade de tentar marcar gol de qualquer posição do campo, sem ter de se aproximar do gol adversário. O último faz com que o robô se locomova pelo campo em qualquer direção, mantendo a bola junto a ele.

A parte eletrônica é de construção modular, o que permite a evolução e o aprimoramento do projeto sem a necessidade de modificá-lo por inteiro. A energia do robô é fornecida por baterias de polímero de lítio, de uso comum em aeromodelismo. Elas são leves, mais duráveis e apresentam maior capacidade de corrente.

As funções da eletrônica estão centradas no comando da parte de comunicação entre o computador e o robô e no controle dos motores dos sistemas de chute e de drible.

Enfim, o robô, como um todo, é uma integração perfeita entre a parte eletrônica e a parte mecânica, ambas desenvolvidas em paralelo dentro de um único projeto.

Perspectivas

De olho no futuro, estamos prontos para mais um grande e audacioso desafio: o robô humanóide. Ele será criado, desenvolvido e inovado aqui. Será feito por nós, alunos, professores e pesquisadores do Centro Universitário da FEI. □

PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

Prof. M.Sc Kurt Amann
Chefe do Departamento de Engenharia Civil do Centro Universitário da FEI e orientador do projeto.

APO, APARATO DE PROTEÇÃO AO OVO



A equipe de alunos da Engenharia Civil da FEI, constituída pelos alunos Vitor Esteves, Augusto Stolai e Eduardo Cherutti, todos principiantes, conquistou o segundo lugar na competição universitária "Aparato de Proteção ao Ovo" promovida pelo Instituto Brasileiro do Concreto – IBRACON – durante o 50º Congresso Brasileiro do Concreto realizado em Salvador, BA, em setembro de 2008.

O aparato é um pequeno pórtico de concreto de alta resistência (pelo menos cinco vezes mais resistente que o convencional) armado com arames de aço, com dimensões da ordem de 40 cm de comprimento, 25 cm de altura e 5 cm de espessura, o qual deve proteger um ovo cozido da carga de impacto de 15kg lançada de alturas crescentes de 0,5 em 0,5m, até 2,5m de altura. Vence quem suportar a maior altura de queda sem quebrar o ovo, tendo como critério de desempate o menor peso do aparato.

A importância da competição está na vivência da solução de um problema de engenharia desde sua concepção, projeto, montagem, especificação dos

materiais e avaliação de desempenho até chegar-se ao produto final. A participação no Congresso ainda propicia aos alunos a vivência do ambiente de pesquisa e debate técnico, além do contato com diversas empresas expositoras, com as oportunidades de colocação profissional que daí surgem.

Em 2007, na mesma competição, realizada em Bento Gonçalves, RS, uma outra equipe de alunos conquistou o primeiro lugar. Naquele evento ainda a equipe conquistou o terceiro lugar em outra competição, o Concrebol. Trata-se de uma bola de concreto onde são verificados diversos quesitos, desde a precisão dimensional (medidas do diâmetro médio), esfericidade (verificada pela necessidade de se acertar um gol após receber um "chute" desferido por um martelo próprio em queda livre), estética e resistência mecânica em ensaio de compressão.

Em março de 2008 a equipe campeã de 2007, formada por Renato Batista, Kleber Di Donato e Bruno Rotondi, representaram o Brasil na mesma competição nos EUA, promovida pelo 'American Concrete Institute' – ACI, levando o nome e qualidade da FEI para o exterior. □



ALUNO DA FEI RECEBE PRÊMIO MUNDIAL DA ING RENAULT F1



Gustavo Brambilla, aluno do curso de Engenharia Mecânica Automobilística da FEI e vencedor da etapa brasileira do concurso mundial da Altran Engineering Academy, 2008, foi a Enstone, na Inglaterra, representar o Brasil na etapa final desse evento que destaca o autor do melhor projeto mundial universitário de engenharia automobilística para a Fórmula 1.

Seu projeto – um mecanismo hidráulico ativado pela movimentação da barra de direção do veículo, que funciona nos braços da suspensão dianteira e define o ângulo de inclinação da roda que mais se ajusta às condições da pista – foi classificado em primeiro lugar por uma equipe especializada, dentre os selecionados como finalistas.

Idéias inteligentes precisam ser conhecidas e reconhecidas. O Centro Universitário da FEI, com muito orgulho, homenageia seu aluno. Ser o melhor entre os melhores não é mero acaso; exige muito talento, competência e criatividade. □

BAJA SAE: BRASIL É TRICAMPEÃO MUNDIAL

Numa disputa promovida pela SAE International, que reuniu 122 equipes de vários países – Estados Unidos, México, Venezuela, Índia, Canadá, Brasil –, a equipe do Centro Universitário da FEI foi mais uma vez a grande vencedora, com 895,88 pontos. A etapa final da competição ocorreu em Quebec, no Canadá, em 14 de julho de 2008.

Nesta corrida de veículos *off road* projetados, construídos e pilotados por universitários da área de Engenharia, conhecimentos específicos, inovações tecnológicas e determinação são fatores essenciais.

Sempre atenta aos avanços tecnológicos, nossa equipe sagrou-se tricampeã mundial (2004, 2007 e 2008) com o FEI Baja 1, um carro equipado com barra estabilizadora de rigidez variável na suspensão traseira e com um sistema de rastreamento GPS desenvolvido pelos próprios alunos.

Para Carlos Alberto Briganti, diretor de Competições Estudantis da SAE Brasil, "estas competições possibilitam o aproveitamento técnico do futuro engenheiro, que passa a ter contato com desafios reais, similares aos que enfrentará depois de formado. Independentemente das posições conquistadas, todos os participantes ganham com a competição, porque mais do que construir um veículo, eles aprendem o processo completo do desenvolvimento de um produto, da concepção até a viabilização do projeto", afirma Briganti. □



PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

Vagner Bernal Barbeta
Professor Doutor, Chefe do Departamento de Física do Centro Universitário da FEI e orientador do projeto.

O PROGRAMA JOVEM E A INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO MÉDIO E O SUPERIOR



No dia 19 de setembro de 2008 aconteceu a última etapa do primeiro ano do programa JOVEM (Jornadas de Valorização das Engenharias no Ensino Médio), ocasião na qual recebemos em nosso campus um grupo de alunos participantes da proposta. Neste evento que encantou aos presentes, os alunos de ensino médio tiveram a oportunidade de apresentar os projetos que desenvolveram em suas escolas durante um período de cerca de quatro meses, sob supervisão de seus professores e de professores do Centro Universitário da FEI.

O programa JOVEM busca atrair alunos talentosos para a área de engenharia, e está sendo desenvolvido em parceria com escolas públicas e privadas de São Paulo (Colégio São Luís, Escola Estadual Prof. Benedito Tolosa, Escola Estadual Rui Bloem e Escola Vera Cruz).

A etapa inicial, batizada com o nome de "Jornadas Tecnológicas", ocorreu em agosto de 2007, e sua finalidade foi mostrar aos professores das escolas participantes os campos de atuação profissional dos

cursos de engenharia de nosso Centro Universitário. Puderam verificar também a importância de diversos conceitos de Física, Matemática e Química, trabalhados no ensino médio, fundamentais no desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias a um profissional de engenharia. Foi um trabalho de imersão no mundo da engenharia, e os resultados obtidos durante a realização desta etapa foram extremamente positivos. Estes docentes voltaram às suas escolas de origem assumindo o papel de multiplicadores das propostas do JOVEM.

Na segunda etapa do programa, chamada de "Engenharia nas Escolas", as atividades foram desenvolvidas nas escolas de ensino médio. Ocorrida entre 17 e 30 de outubro de 2007, alunos e professores da FEI realizaram palestras, mostraram alguns experimentos didáticos e apresentaram projetos de engenharia desenvolvidos pelos próprios alunos de engenharia. Cerca de 2.000 alunos do ensino médio participaram do ciclo de palestras e da exposição. Os ciclos de palestras versaram sobre as mais diversas áreas de engenharia. Nelas, os profissionais destacaram a importância das engenharias no contexto atual, além de dar detalhes de suas áreas específicas. Foram abordados diversos temas de relevância social, incluindo-se também o papel do engenheiro para a melhoria da qualidade de vida da população.

A avaliação desta etapa foi feita através de questionário respondido por mais de 1.000 alunos das escolas de ensino médio. Buscou-se identificar qual o percentual de alunos que possuem, a princípio, interesse por engenharias, os cursos que mais os atraem, bem como os motivos pelos quais alguns alunos descartam a engenharia como opção profissional. Levantou-se ainda a questão da influência da escolaridade dos pais na escolha da área e a opção em função do gênero. Uma constatação importante é que o motivo mais citado como desestimulante para o

PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

prosseguimento de estudos na área de engenharia é a dificuldade com as disciplinas de Física, Matemática e Química no ensino médio. Também chamou a atenção o fato de que os alunos de uma escola co-executora, classificada em primeiro lugar no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) entre as escolas públicas, foram aqueles que apresentaram maior interesse pelas engenharias (68%). Por outro lado, os alunos das escolas privadas foram aqueles que apresentaram maior interesse pela realização de cursos na área de humanas.

As atividades do evento “Escolas na Engenharia”, terceira etapa do programa, foram realizadas no Centro Universitário da FEI no dia 08 outubro de 2007, quando foi possível apresentar aos alunos do ensino médio a dinâmica de uma escola de engenharia. Foram mais de 200 participantes, que tiveram a oportunidade de conhecer e realizar atividades nos diversos laboratórios didáticos do Centro Universitário da FEI. No encerramento desse evento foi lançado o desafio para que eles próprios viessem a desenvolver alguns projetos de engenharia.

No início de 2008, *kits* de materiais foram distribuídos às escolas parceiras para que esses alunos pudessem desenvolver trabalhos ligados a três áreas de Engenharia: Elétrica, Mecânica e Química. Os projetos foram executados por grupos de até 10 alunos de ensino médio, e cada escola pôde participar com até duas equipes por área. Cada uma das áreas possuía um professor coordenador pertencente ao corpo docente do Centro Universitário da FEI, encarregado do acompanhamento e da supervisão. Professores de ensino médio funcionavam como organizadores locais das atividades desenvolvidas pelos alunos. Estes professores foram os mesmos docentes que participaram das “Jornadas Tecnológicas” no Centro Universitário da FEI, em 2007.

Ao final tivemos 22 projetos desenvolvidos,

envolvendo o trabalho de cerca de 120 alunos e 11 professores do ensino médio. Foi escolhido um “tema gerador” para os projetos, para favorecer outras ações multidisciplinares que poderiam vir a ser desenvolvidas dentro das escolas. O tema escolhido foi o de mobilidade devido à importância deste assunto e daqueles a ele relacionados e à possibilidade de exploração de seus vários aspectos por diferentes disciplinas que fazem parte do currículo do ensino médio. Os projetos propostos foram os seguintes: Corrida de Robôs (Engenharia Elétrica), Fórmula FEI-JOVEM (Engenharia Mecânica) e Produção de Biodiesel (Engenharia Química).

No evento do dia 19 de setembro, momento que marcou o término do primeiro ano do programa, os alunos tiveram a oportunidade de demonstrar e comparar os resultados de seus projetos. Nesta “competição”, todos os trabalhos foram avaliados comparativamente por uma banca examinadora composta por professores do Centro Universitário da FEI e/ou convidados. Os itens de avaliação incluíram não apenas o sucesso no desenvolvimento da proposta e o alcance dos objetivos, mas também criatividade e segurança, entre outros, assim como o relatório técnico elaborado pelas equipes. O relatório foi julgado quanto à organização, objetividade e coerência. A premiação



PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

foi composta por troféus e por diplomas de mérito oferecidos às escolas, orientadores e alunos, independentemente de sua classificação.

Foi empolgante conversar com os alunos e perceber que eles, no início, não se sentiam capazes de vencer os desafios propostos. Em pouco mais de quatro meses alguns alunos, partindo de um conhecimento incipiente no assunto escolhido, superaram o desafio de desenvolver um pequeno projeto de engenharia.

Acreditamos que os frutos a longo prazo desta e de outras iniciativas semelhantes se farão sentir pelo aumento da procura dos cursos de engenharia, especialmente por aqueles estudantes talentosos que, por desconhecerem a área, não pensam em realizar esse curso.

O momento é oportuno para agradecer a todos os membros de nossa comunidade: professores, funcionários e alunos. Os excelentes resultados que temos conseguido se devem ao trabalho de toda essa equipe multidisciplinar, que não tem medido esforços para que os objetivos de cada uma das etapas sejam alcançados com o máximo sucesso. Não podemos deixar de agradecer especialmente aos esforços dos responsáveis diretos pela organização de cada uma das etapas deste trabalho: Prof. Dr. Roberto B. B. Santos, Profa. Dra. Rosângela B. B. Gin, Prof. Dr. Flávio Tonidandel, Prof. Dr. Ricardo Torres, Prof. MSc Carlos Rodrigues Neto e Prof. Dr. Paulo dos Santos. Agradecemos também, em especial, aos diretores das escolas participantes, seus professores e seus alunos, que são os grandes protagonistas deste trabalho. Esperamos que iniciativas deste tipo sejam ampliadas a fim de que externamente, assim como internamente, seja realmente compreendida a importância de se promover uma real integração entre o ensino médio e o superior. □

PROJETO VULCANO



Projeto de Conclusão do curso de Engenharia Mecânica Automobilística, junho de 2008.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Ferreira

Formandos: Gilberto Coura de Brito Joenior, Thiago Fachini, Adriano de Moraes Grande, Bruno Santos Souza, Valdecir Severino da Silva, Danilo Vitor Yamada, Allan Mota.

Trata-se de um carro esporte fabricado com materiais poliméricos na carroceria, visando à melhoria da relação peso/potência. Ele se destaca pelo *design* e desempenho; possui motor turbo de 4 cilindros com injeção direta de combustível (etanol), que sobressai pela tecnologia avançada. Isto gera um ganho de 10% de torque em relação aos motores de injeção convencional e, ao mesmo tempo, proporciona economia de combustível. De acordo com os autores, uma análise comparativa entre os veículos esportivos nacionais – Civic Si, Golf GTI, Stilo Sport e Astra SS – e o Vulcano, coloca este último em posição superior no que diz respeito a velocidade máxima (235 km/h), aceleração (7,5 s), torque e custo por quilômetro rodado (cerca de 30% mais baixo). □

PULTRUFEI

Projeto de Conclusão do curso de Engenharia Mecânica
Plena, junho de 2008.

Orientador: Prof. M.Sc. Taylor Mac Inyer Fonseca

Formandos: Daniel Perussi Pugliese, Felipe Kulig Branco, Henry Wilson Pohling Máximo, Júlio Araújo Júnior, Sandro Guilherme Solosando

O processo de pultrusão caracteriza-se por produzir perfis compósitos de seção transversal constante, utilizando como matéria-prima fibras de vidro, carbono ou aramida em uma matriz de resina termofixa. O processo consiste em tracionar o *rovíng*, manta ou tecido por um sistema de impregnação de resina. Então, o material é pré-conformado. Em um molde aquecido, a cura da resina é propiciada consolidando a geometria da seção transversal do perfil. O perfil pode então ser cortado no comprimento desejado. Este trabalho visa desenvolver a engenharia básica de uma máquina de pultrusão que produza um perfil de seção transversal quadrada e vazada, para, por exemplo, elaborar as bases estruturais de torres de resfriamento. A menor densidade do material pultrudado, em comparação ao aço, permite maior facilidade na montagem de estruturas e caracteriza-se por possuir um maior valor de resistência à corrosão, não necessitando de possíveis proteções superficiais. O desenvolvimento da máquina de pultrusão engloba o estudo do *lay-out* da alocação das matérias-primas necessárias ao processo, o que conduz a um sistema de impregnação de resina eficaz e constante das fibras.

O estudo termodinâmico do comportamento do material e da qualidade da cura da resina ao longo do molde, utiliza o método dos volumes finitos. Um sistema de corte automático do perfil translada em dois eixos, para que não haja necessidade de interromper a continuidade do processo. □

BATERIA VIRTUAL

Projeto de Conclusão do curso de Engenharia Elétrica, junho de 2008.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Ferreira

Formandos: Fabio Augusto Taissun, Victor João Freitas de Abreu Andrade, Rafael Augusto Ribeiro dos Santos, Sylvio Razzo Salvatori.

Reproduzir o som de uma bateria sem utilizar o instrumento é a finalidade deste projeto, que surgiu em decorrência da necessidade da prática ou estudo desse instrumento, sem usar muito espaço e com total controle do volume do som produzido.

A bateria virtual é constituída por um par de baquetas que contém uma chave mecânica inercial. A chave aciona um circuito monoestável que alimenta um led de luz infravermelha. A luz emitida pelo led é captada por uma webcam e, através de um programa utilizando o Visual C++/Open CV, é feito o mapeamento da imagem, mostrando a área de atuação da baqueta, o que permite emitir com precisão o som de uma bateria real. □



PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

SÍNTESE DE FILME BIODEGRADÁVEL A PARTIR DE FÉCULA DE MANDIOCA

Projeto de Conclusão do curso de Engenharia Química, junho de 2008.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Andréia de Araújo Morandim

Formandos: Christian Rene Engels, Luciana Pereira da Silva, Mariana Harumi Yamaguti e Norma Saderi Moreira

Em função da versatilidade e em virtude de seu preço relativamente baixo, o plástico é muito utilizado para a fabricação de embalagens descartáveis para alimentos e bebidas. No dia-a-dia, por exemplo, todos já devem ter tido contato com filmes flexíveis de PVC usados para proteger alimentos ou com garrafas de refrigerante fabricadas em PET. Apesar das vantagens do uso do plástico nessas embalagens, existe o problema do posterior descarte no meio ambiente: imagens de rios poluídos e de lixões em seus limites de capacidade logo vêm à mente. Nesse contexto, o desenvolvimento de embalagens biodegradáveis que se degradam pela ação de organismos vivos, como bactérias, fungos ou leveduras, é bastante importante.

Dada a relevância do assunto, quatro alunos de graduação de Engenharia Química do Centro Universitário da FEI, formados em julho de 2008, escolheram como tema para seu Trabalho de Conclusão de Curso a síntese de um filme biodegradável, obtido a partir da fécula de mandioca e que pudesse substituir filmes de PVC. Além da fécula de mandioca, na formulação também foram empregados sacarose, água destilada e um agente plastificante, tendo esse último o intuito de fazer com que filme não ficasse quebradiço. Misturando-se as matérias-primas, promoveu-se a gelatinização do amido



Figura 1 – Filme biodegradável

presente na mandioca numa temperatura de 70°C e depois de secagem adequada obteve-se um filme biodegradável cujo aspecto pode ser visto na figura 1.

Foram testados como agentes plastificantes uma mistura de açúcar invertido / glicerol e depois de dosagem adequada desses agentes, verificou-se que as propriedades mecânicas do filme biodegradável produzido eram comparáveis àquelas do filme flexível de PVC. Além disso, outro ponto curioso do filme biodegradável produzido pelos alunos foi sua capacidade de revelar se um alimento estava ou não adequado para o consumo. Explica-se: quando um alimento se estraga, o meio começa a se tornar ácido, fazendo com que o pH caia. Desse modo, foi empregado na formulação do filme suco de repolho roxo, um indicador natural de pH, que muda de cor dependendo do meio ser ácido ou não. Na figura 2 ilustra-se essa propriedade do filme: no lado esquerdo foi embalada uma fatia de pão de forma dentro do prazo de validade, não se percebendo nenhuma alteração de cor no filme. Já no lado direito foi colocado um pedaço de pão de forma em processo de deterioração, notando-se claramente na parte central

da embalagem uma coloração alaranjada. Estimativas preliminares mostram que o filme de mandioca teria um custo de R\$9/kg, o que é alto quando comparado com o filme de PVC tradicional, com custo de cerca de R\$4/kg. Entretanto, se forem considerados os possíveis ganhos de escala os custos com o filme biodegradável devem cair muito, além, logicamente, do apelo ambiental.



Figura 2 – Indicação de alimento estragado no filme biodegradável

Os Trabalhos de Conclusão de Curso de Engenharia Química foram iniciados em dezembro de 2005 e muitos projetos interessantes foram propostos desde o começo até hoje, como o trabalho que acabou de ser descrito sobre o filme de mandioca. Esses projetos acabam sendo muito importantes na formação dos estudantes de graduação, já que estimulam:

- a integração e síntese de conhecimentos adquiridos em diferentes disciplinas de Engenharia Química;
- a melhora na comunicação escrita e oral;
- o trabalho em equipe;
- a coragem para enfrentar desafios;
- a tomar decisões em situações sob pressão;
- a identificação do projeto não como algo simplesmente acadêmico, mas sim como um plano de negócios que possa ser posto em prática no futuro.
- o desenvolvimento de profissionais talentos e de líderes;
- a criatividade e a inovação. □

TEXPO - COMPARAÇÃO ENTRE PROCESSO DE TINGIMENTO POR IMPREGNAÇÃO TRADICIONAL E POR ESPUMA EM TECIDOS DE ALGODÃO: INTENSIDADE DA COR, SOLIDEZ AO ATRITO E CUSTO



Projeto de Conclusão do curso de Engenharia Têxtil, junho de 2008.

Orientador: Prof. M.Sc. Pedro Luiz R. da Silva

Formandos: Magna Martinez, Mirian Matsumura

Este trabalho apresenta um novo processo de tingimento visando à redução do consumo de água. A proposta é consistente, dado que o setor textil a utiliza em grande volume no desenvolvimento das atividades operacionais: cada quilo de tecido produzido requer 117 litros de água.

O processo sugerido – tingimento por impregnação por espuma – baseia-se no uso do ar em substituição à água e, para verificar sua eficiência em relação ao tradicional, foi realizado um experimento fatorial.

Por meio do experimento foi possível fazer uma comparação quanto à intensidade da cor obtida, ao nível de solidez ao atrito (a seco e a úmido) e ao custo do processo em vários níveis de utilização de resina e pigmento.

Excluindo o item “custo”, sensivelmente menor no novo processo, os resultados obtidos indicaram que os dois processos têm comportamentos semelhantes. □

PRÊMIOS E PROJETOS BEM- SUCEDIDOS

PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

A SIMULAÇÃO COMO FERRAMENTA DE APOIO ÀS DECISÕES NA CADEIA DE SUPRIMENTOS

Projeto de Conclusão do curso de Engenharia de Produção, junho de 2008.

Orientador: Prof. Dr. Wilson de Castro Hilsdorf

Formando: Guilherme Braga Aguiar de Maria

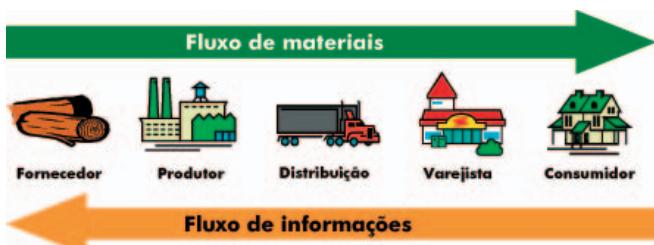
A boa gestão da cadeia de suprimentos pode representar vantagem competitiva para qualquer empresa. Desenvolver uma boa política de estoques, garantir disponibilidade de produtos e os suprimentos da produção, gerenciar as informações da demanda, enfim, são muitas das atividades envolvidas pela gestão da cadeia de suprimentos.

Para gerenciar essas atividades, decisões são tomadas em cada etapa da cadeia. Essas decisões podem ser apoiadas por ferramentas da Pesquisa Operacional. O foco deste trabalho é o uso da simulação como ferramenta de apoio à decisão na cadeia de suprimentos.

Na primeira fase do estudo uma decisão sobre política de estoques, presente no plano mestre de produção, foi determinada com o uso da simulação. Os estoques intermediários podem trazer flexibilidade à produção. Determinar a quantidade e o ponto desses estoques através da simulação mostrou-se mais vantajoso do que a utilização de outras ferramentas da pesquisa operacional. Isso foi percebido principalmente pelo aspecto visual do modelo de simulação apresentado pelo software utilizado. Graças ao resultado visual, a equipe de *supply chain* pôde verificar com mais clareza onde o estoque

intermediário seria determinante para a implementação de uma nova estratégia de entrega. Esse resultado visual não é possível de ser conseguido usando as ferramentas tradicionais como programação linear, que envolve números, ou a decisão multicritério, que depende de critérios qualitativos. Além disso, o resultado visual permitiu uma tomada de decisão mais rápida por parte da equipe de *supply chain* do que utilizando outros métodos de apoio à decisão. Na segunda fase do estudo, uma decisão sobre o *layout* deveria ser tomada para facilitar a determinação do *mix* de produção. Nesta fase, foram envolvidas decisões do plano agregado e do plano mestre de produção. A simulação conseguiu apoiar as decisões para escolha do *layout*. Porém, nas análises prévias, isto é, com alterações apenas no modelo de simulação, ainda não foi conseguido um resultado que fizesse a determinação do *mix* de produção uma tarefa mais fácil. Mas as alterações do *layout* funcional para células trouxeram outros benefícios à produção como redução do risco de contaminação cruzada de produtos e redução dos tempos de *setup*. Ainda são necessárias mais algumas experimentações com o modelo para se conseguir melhorar o processo de determinação do *mix* de produção.

Em resumo, concluiu-se que a simulação é capaz de apoiar as decisões na cadeia de suprimentos em qualquer nível de planejamento, como foi proposto. □



A cadeia de suprimentos

A COOPTAÇÃO DOS INDIVÍDUOS NAS ORGANIZAÇÕES E A RUPTURA

Projeto de Conclusão do curso de Administração/SBC, 2008.

Orientador: Prof. Dr. Renato Ladeia

Formandos: Katima D. A. Minzoni, Yasmin T. P. Barreto e

Edilson P. Queiroz

As organizações passam por períodos de constantes mudanças e desafios. Para a sua sobrevivência no mercado atual, é necessário manter funcionários alinhados, que busquem a realização profissional e acreditem na organização e, ao mesmo tempo, sejam comprometidos e entendam que o sucesso das corporações significa, também, o seu sucesso.

Como as organizações podem obter esses resultados dos seus empregados? A ideologia organizacional ou o sistema de crenças e valores que faz o trabalho de cooptação e funciona como um instrumento de mediação entre o indivíduo e a organização. Dessa forma, os funcionários passam a acreditar e a se realizarem através da empresa e, inconscientemente, se tornam prisioneiros dessa ideologia.

Entretanto, uma série de acontecimentos pode afetar profundamente a vida de um indivíduo quando ele é demitido da organização. Além do sentimento de fracasso, também terá que lidar com a perda das referências e valores com os quais construiu a sua vida profissional e pessoal, a desilusão de não fazer mais parte do ambiente corporativo e de não viver mais em função dele.

Esse tema é pouco abordado nos estudos acadêmicos, principalmente devido à sua complexidade e interdisciplinaridade, mas também muita dificuldade para que as pessoas discutam o problema, principalmente do lado das empresas.



Fonte: "Curtindo a Crise", Julio Lobos Ph.D, Ed. Melhoramentos

Para o desenvolvimento dessa monografia, optamos como método de coleta de informações, a história de vida dos indivíduos envolvidos, pois entendemos ser a forma mais adequada para tratar o tema. Uma abordagem quantitativa tornaria o resultado frio e pouco satisfatório, não captando todas as nuances do problema. O processo de ruptura dos entrevistados com as organizações é bastante doloroso e é percebido como uma perda pela maioria das pessoas que passam por esse processo.

Enfim, o trabalho, pelo seu caráter exploratório e a pequena amostra (13 indivíduos) pelo critério de acessibilidade, apresenta suas limitações, mas indica a existência do problema de forma concreta através das narrativas dos participantes. A força da narrativa das histórias de vida indica que o problema é bem mais complexo do que os manuais de recursos humanos apresentam. Enfim, futuras investigações sobre o tema poderão contribuir para que as relações capital e trabalho possam encontrar um ponto de equilíbrio. □

PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

Álvaro Camargo Prado
Professor M.Sc. do
Departamento de
Mecânica do Centro
Universitário da FEI

FÓRMULA FEI-JOVEM, UMA INICIATIVA DE SUCESSO



O Projeto Veículo Motorizado, que começou em junho de 2008, passou a ser conhecido como Projeto Fórmula FEI-Jovem. Ele envolveu professores da Engenharia Mecânica, que orientaram os alunos participantes do Projeto Jovem na construção de veículos nos mesmos moldes do Projeto Baja, da SAE.

Entre os objetivos pedagógicos do projeto estava a demonstração da aplicabilidade de conceitos básicos de Física e Matemática aos alunos do Ensino Médio, como a determinação do centro de gravidade dos carros e sua influência no desempenho destes. Também foi dada muita importância à realização de trabalhos em equipe, comum na engenharia.

A avaliação final foi composta por uma prova estática, na manhã do dia 19 de setembro, que incluiu a verificação de segurança, item eliminatório, a qualidade de execução, o design, as inovações e a originalidade, as provas técnicas de localização do centro de gravidade e medição da flecha máxima do chassi e a análise do relatório técnico elaborado pelas equipes. A avaliação foi realizada por alunos do Projeto Baja da FEI.

À tarde ocorreu a prova dinâmica, com a determinação de aceleração, velocidade final e

frenagem; avaliação da dirigibilidade e um enduro final, dividido em duas baterias de quatro veículos.

Para o professor de mecânica automobilística da FEI, Carlos Rodrigues, um dos responsáveis pelo Fórmula FEI-Jovem, os resultados foram surpreendentes. "Na chegada, os alunos estavam muito ansiosos, demonstrando certa preocupação a respeito de como seriam as provas". Ainda no Ginásio de Esportes foram explicadas as atividades do dia e os alunos seguiram para o local das provas, no estacionamento atrás do prédio J, onde fica a pista de testes dos projetos Mini Baja e Fórmula.

"Com o início das provas, os alunos começaram a se envolver e mostraram os conhecimentos que adquiriram na construção dos veículos", relata Carlos Rodrigues. No período da tarde, com as provas dinâmicas, foi crescendo a emoção e a competitividade, mas sempre em um clima de confraternização. No enduro, as equipes contaram com a torcida de todos os presentes, e o evento transformou-se em uma festa emocionante.

Ganhos para todos

Carlos Rodrigues é categórico quando afirma que o Projeto Jovem trouxe ganhos a todos os envolvidos. Os alunos das escolas participantes ganharam muita maturidade durante toda a execução do projeto. "Quando fizemos as primeiras visitas às escolas, os alunos e os professores não tinham idéia do que iriam fazer, como e em que prazo. No dia das provas eles mostraram toda a competência que acumularam nos últimos meses", afirma o professor.

Se o objetivo principal do Projeto Jovem é aproximar os alunos do Ensino Médio do curso de engenharia, o esforço da FEI foi amplamente reconhecido no Fórmula FEI-Jovem. A participação entusiasmada de professores, alunos, funcionários e da Reitoria mostrou o total envolvimento do Centro Universitário para o correto desenvolvimento do projeto. □

Campus SBC

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
09850-901 – B. Assunção – São Bernardo do Campo – SP
Tel.: (11) 4353.2900 – Fax: (11) 4109.5994

Campus Liberdade

Rua Tamandaré, 688
01525-000 – Liberdade – São Paulo – SP
(Próximo ao metrô São Joaquim)
Tel./Fax: (11) 3207.6800

www.fei.edu.br / info_fei@fei.edu.br